



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**ORGULHO DE SER LEITOR:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO QUE ENUNCIAM JOVENS LEITORES SOBRE
SI E SOBRE A LEITURA EM POSTAGENS NA REDE SOCIAL SKOOB**

Andrei Cezar da Silva

SÃO CARLOS
2022



Universidade Federal de São Carlos

Andrei Cezar da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**ORGULHO DE SER LEITOR:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO QUE ENUNCIAM JOVENS
LEITORES SOBRE SI E SOBRE A LEITURA EM POSTAGENS NA
REDE SOCIAL SKOOB**

Andrei Cezar da Silva

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado
de São Paulo – FAPESP (Processo: **2020/ 03183-2**)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Linguística da Universidade Federal
de São Carlos, como parte dos requisitos para a
obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Luzmara Curcino

São Carlos - São Paulo - Brasil
2022

Silva, Andrei Cezar da

Orgulho de ser leitor: uma análise discursiva do que enunciam jovens leitores sobre si e sobre a leitura em postagens na rede social SKOOB / Andrei Cezar da Silva - 2022.
137f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Luzmara Curcino
Banca Examinadora: Thiago Alves Valente, Pedro Ivo Silveira Andretta
Bibliografia

1. Discursos sobre a leitura e Jovens leitores. 2. Emoções sobre a leitura. 3. Rede social SKOOB e o orgulho de ser leitor. I. Silva, Andrei Cezar da. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Andrei Cezar da Silva, realizada em 04/03/2022.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Luzmara Curcino Ferreira (UFSCar)

Prof. Dr. Thiago Alves Valente (UENP)

Prof. Dr. Pedro Ivo Silveira Andretta (UNIR)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.
O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

DEDICATÓRIA

Com carinho, para minha avó Jacira, que não teve a oportunidade de ser alfabetizada. Ainda que não tenha lido cada palavra aqui ou acolá, minha homenagem pela mulher de fibra e de coração generoso que ‘tanto leu’ as variadas (ternas e duras) circunstâncias da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, tamanha força providencial que me chama a “andar sobre as águas”, pelo Dom da Vida, pelo cuidado constante, pelo sopro que me impulsiona a não deixar os sonhos empoeirados. Chegar até aqui é um sonho-vivo.

Meu obrigado sem-número para sempre à minha orientadora Profa. Dra. Luzmara Curcino, cujas sabedoria e força inspiradora me propulsionaram não somente às inquietações da Análise do Discurso (AD), mas também aos aprendizados além-livros que não se medem.

Por assim, de modo a não ser injusto e incorrer ao erro de não nomear alguém, meu obrigado a cada professor que tive desde a Educação Infantil até esta etapa do Mestrado. Cada qual, ao seu modo, edificou o vir-a-ser contínuo do meu itinerário formativo. Meu muito obrigado, em especial, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UFSCar, por todo aprendizado e por toda ressignificação ‘de leitura’ do livro de nossa realidade. Obrigado também à secretaria do PPGL, pela prontidão e atenção constantes em todos os momentos.

Obrigado aos companheiros do grupo de pesquisa LIRE, pelas trocas sempre ricas nas veredas dos estudos discursivos, pelas amizades florescidas. Meu agradecimento também a todos os Docentes que ministraram disciplinas durante a etapa de realização dos créditos teóricos: Prof. Dr. Carlos Piovezani, Profa. Dra. Vanice Sargentini, Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado, Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin, Prof. Dr. Sírio Possenti, Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves.

Agradeço à minha família e aos meus amigos de bons olhos, de coração predisposto a compreender palavras ditas ou silêncios permeados em nossos relacionamentos interpessoais. Pelos momentos de apoio incondicional, de fortalecimento afetivo, pelas risadas dadas de memórias imperecíveis.

Por ora e por fim, meu obrigado não menos especial à banca examinadora: Prof. Dr. Thiago Alves Valente, Prof. Dr. Pedro Ivo Silveira Andretta, Profa. Dra. Simone Garavello Varella e Profa. Dra. Débora Ferreira Garcia, pela generosidade do aceite de participar dessa circunstância, pela leitura edificante e minuciosa, pelas

observações/ indicações, sugestões, dentre tantas e tantas formas de impulsionar este trabalho.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão de bolsa durante o primeiro semestre de realização desta pesquisa. Por extensão e igualmente, agradeço à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pela concessão de bolsa durante os três semestres sequenciais de trabalho, pelo que foi possível desempenhá-lo e concluí-lo com dedicação e com muito aprendizado.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho... Obrigado, obrigado por tudo!

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
“Trouxeste a chave?”*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este trabalho, assim como as demais pesquisas realizadas pelo LIRE – Laboratório de Estudos da Leitura (CNPq-UFSCar), tem como objetivo analisar discursos sobre a leitura e depreender representações dessa prática compartilhadas por diferentes comunidades de leitores. Ele se inscreve no projeto coordenado atualmente por nossa orientadora, intitulado “Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura”, cujo objetivo é o depreender, com a análise de discursos sobre a leitura, a expressão de emoções, também estas definidas pela “ordem dos discurso”, como formas regulares de argumentar, como um dever/poder relativamente protocolar ao se falar de uma determinada prática ou dos sujeitos que a empreendem. Na presente dissertação, apresentamos os resultados de nossa pesquisa que consistiu no levantamento, descrição e análise de enunciados bem peculiares: comentários de jovens leitores nos quais expressavam “orgulho” da leitura, orgulho de ser leitor. Para isso, constituímos um *corpus* de enunciados a partir de postagens de internautas jovens inscritos na rede social SKOOB, autodeclarada a “maior rede social de leitores do Brasil”. Em seus comentários sobre obras já lidas ou que ainda pretendem ler, apresentam avaliações das obras, autores e gêneros, estabelecem relações com outros leitores, e falam de si como leitores. O que se enuncia sobre a leitura nessas postagens nos interessa na medida em que o que é enunciado ecoa representações coletivas consensuais que esses jovens, assim como todos nós, sujeitos de um mesmo tempo e espaço, compartilhamos sobre essa prática. A partir da análise do que enunciam esses jovens, depreendemos as formas de que se valem para se apresentarem/reconhecerem como leitores e a que discursos sobre a leitura essas formas de representação de si remontam, focalizando naqueles enunciados em que há a enunciação, direta ou indireta, de “orgulho” (ou do orgulho como um seu efeito) relacionado à condição leitora. De modo a identificar prováveis continuidades e/ou discontinuidades nos discursos sobre a leitura que circulam entre nós hoje, assim como a descrever regularidades e variações nas representações de “orgulho” quanto a essa prática, junto a esse segmento do público leitor específico, nos subsidiamos em nossa análise em princípios da Análise do Discurso, da História Cultural da leitura e da História das sensibilidades/emoções. Como observamos, as formas de enunciação do ‘orgulho’ leitor juvenil respondem a certos protocolos de leitura historicamente validados e hegemônicos sobre a condição leitora. Entre as formas de expressão do ‘orgulho’ relacionado à leitura, uma delas diz

respeito à atualização da representação de que ser leitor é ler muito e sempre, seja a mesma obra, repetidamente, sejam várias obras distintas, simultânea e sequencialmente.

Palavras-chave: *Discursos sobre a leitura; Jovens leitores; Emoções sobre a leitura; Rede Social SKOOB; Orgulho de ser leitor;*

ABSTRACT

This work, as well as other research conducted by LIRE - Laboratório de Estudos da Leitura (CNPq-UFSCar), aims to analyze discourses on reading and to comprehend representations of this practice shared by different communities of readers. It is part of the project currently coordinated by our supervisor, entitled “Proud readers, ashamed readers: emotions in discourses on reading”, whose goal is to deduce, through the analysis of discourses on reading, the expression of emotions, also defined by the “order of discourse”, as regular forms of arguing, as a relatively protocol duty/power when talking about a particular practice or the subjects that undertake it. In this dissertation, we present the results of our research, which consisted in the survey, description and analysis of very peculiar statements: comments from young readers in which they expressed “pride” of reading, pride of being a reader. To do this, we constituted a corpus of statements from posts by young internet users registered in the social network SKOOB, self-declared as the “largest social network of readers in Brazil”. In their comments about works already read or that they still intend to read, they present evaluations of the works, authors and genres, establish relationships with other readers, and talk about themselves as readers. What is enunciated about reading in these posts interests us to the extent that what is enunciated echoes consensual collective representations that these young people, as well as all of us, subjects of the same time and space, share about this practice. From the analysis of what these young people say, we deduce the ways they use to present/recognize themselves as readers and what discourses about reading these forms of self-representation go back to, focusing on those statements in which there is the enunciation, direct or indirect, of “pride” (or pride as its effect) related to the reading condition. In order to identify probable continuities and/or discontinuities in the discourses about reading that circulate among us today, as well as to describe regularities and variations in the representations of “pride” regarding this practice, among this specific segment of the reading public, we subsidize our analysis on principles of Discourse Analysis, the Cultural History of reading and the History of sensibilities/emotions. As we have observed, the forms of enunciation of juvenile reader “pride” respond to certain historically validated and hegemonic reading protocols about the reading condition. Among the forms of expression of reading-related 'pride', one of them concerns the actualization of the representation that to be a

reader is to read a lot and always, be it the same work, repeatedly, or several distinct works, simultaneously and sequentially.

Keywords: *Discourses on reading; Young readers; Emotions about reading; Social network SKOOB; Pride of being a reader;*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 POR QUE ESTUDAR ESSE CORPUS E TEMA? E DE QUE PERSPECTIVAS?	8
1.2 QUE CONCEITOS CONVOCAR, NOS QUAIS SE APOIAR, NA ANÁLISE?12	
1.3 QUE ENUNCIADOS SELECIONAR PARA A ANÁLISE?.....	15
1.4 NOTAS SOBRE NOSSA ‘FONTE’, NOSSO ‘OBJETO’ E A CONSTITUIÇÃO DE NOSSO CORPUS	17
1.5 NOTAS SOBRE OS CAPÍTULOS, A ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS ENUNCIADOS EM SUAS CATEGORIAS LEITORAS	25
2 JOVENS QUE LEEM COM FINALIDADE: DO ORGULHO DA LEITURA PARA FINS PRAGMÁTICOS ÀQUELA PARA FINS HEDONISTAS.....	27
2.1 “NUNCA BOTEI FÉ NESSE LIVRO... TIVE QUE LER PARA UMA PROVA DE ESPANHOL E REALMENTE ACHEI INCRÍVEL” – O LEITOR E SUAS FINALIDADES COM A LEITURA.....	27
2.2 “EU AMEI ESSE LIVRO! QUE EDIÇÃO MARAVILINDA!” – O LEITOR EM BUSCA DO PRAZER DE LER.....	32
3 JOVENS LEITORES: DA CULPA DE NÃO LER AO PRAZER DE SER LEITOR.....	39
3.1 “POR QUE NÃO LI ANTES? O LEITOR TARDIO	40
3.2 “ESTE EU LI QUANDO ERA CRIANÇA” - O LEITOR PRECOCE	48
3.3 LER MAIS CEDO, LER MAIS TARDE: A ALTERNATIVA É AFIRMAR SEMPRE A RELEITURA	55
4 JOVENS E VORAZES: ORGULHO DE LER MUITO E SEMPRE	59
4.1 A LEITURA INTENSIVA E A LEITURA EXTENSIVA: DE PRÁTICAS DO PASSADO À DISPERSÃO DE SEUS USOS NO PRESENTE	60
4.2 “EU LEIO E RELEIO SEMPRE” - O LEITOR VORAZ INTENSIVO	62
4.3 “LI TODOS OS SETES LIVROS EM MENOS DE DUAS SEMANAS!” – O LEITOR VORAZ EXTENSIVO.....	69
5 JOVENS E LEITURA NAS REDES: O ORGULHO DA TRADIÇÃO E ALGUNS GESTOS DE QUASE REBELDIA	80
5.1 “TENHO UMA COLEÇÃO DESTE CLÁSSICO: EM PORTUGUÊS, ESPANHOL, FRANCÊS E INGLÊS” - O LEITOR TRADICIONAL	82
5.2 “LI O LIVRO NO COLÉGIO DURANTE A AULA DE MATEMÁTICA!” – O LEITOR TRADICIONAL COM PITACOS DE REBELDIA.....	88
6 NAS REDES, JOVENS QUE LEEM: A APOTEOSE DE SI A SERVIÇO DO ORGULHO DE SER LEITOR	97
6.1 O ‘ORGULHO’ DE QUEM LÊ, EXPOSTO EM REDE.....	98
6.2 O ORGULHO E A LEITURA – O AFETO DISCIPLINADO(R) E A PRÁTICA PRESTIGIOSA.....	100
6.3 “ME SENTI ORGULHOSA POR TER SIDO A ÚNICA DA SALA A LER O LIVRO” – ENUNCIADOS DE MANIFESTAÇÃO DIRETA DO ORGULHO DE SER LEITOR.....	101
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	109

1 INTRODUÇÃO

Quando eu tinha 10 anos meu pai me deu esse livro de presente. [...] li o livro em uma noite. Um ano depois uma professora o mencionou na escola e eu estava muito orgulhosa de ter sido a única na sala a ter lido.

Ler é motivo de orgulho. Ler certos livros e autores, também. Ter lido certos livros antes de todos, com certeza. Esse orgulho de ser leitor é decisivo em processos de identificação e de construção de nossa identidade. Ele sedimenta a legitimidade de nossa pertença a redes de sociabilidade como aquela própria de certas *comunidades leitoras*¹. Tal como verificamos nas contribuições teóricas fornecidas pela História cultural da leitura, de acordo com Chartier (1998, p. 16): “a leitura não é somente uma operação abstrata de intelectão, ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros”.

Esse sentimento de pertença é fundamental em nossa formação, especialmente quando somos jovens. Nos sentirmos parte de um grupo maior, sólido, de uma comunidade potente, variada e acolhedora, mas lastreada e seletiva, que dispõe de uma história ativa e de um valor simbólico altamente positivo, é algo fundamentalmente empoderante. Por isso, a sociabilidade leitora entre jovens encontrou espaço importante nas redes sociais hoje. E com estas uma forma de ostentar essa existência como leitor e de partilhar um sentimento comum: o de orgulho de ser leitor.

Esse orgulho, e sua ostentação, fazem parte do processo de formação de nossa identidade leitora e por isso, como afirma Curcino (2019b; 2021), precisa ser melhor compreendido em sua condição de elemento dos discursos sobre a leitura e das formas de se enunciar leitor. Como defende a autora

A reflexão sobre os discursos sobre a leitura, e entre eles aqueles que exploram a alusão a certas emoções, tem assim um papel importante na descrição dessa economia valorativa da leitura e, com ela, na desmistificação das distâncias imputadas àqueles que sem condições de experimentar as emoções idealizadas, ainda assim as adotam como parâmetro para se

¹ De acordo com Chartier (1998, p. 13), “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos”, por essa razão, uma dada comunidade de leitores (espiritual, intelectual, profissional etc.) é a que se delinea pelo estudo de suas “redes de práticas e as (suas) regras de leituras próprias”, uma vez que “há contrastes [...] entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada **comunidade de leitores**, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da interpretação” (grifo nosso).

autojulgarem ou para validarem os julgamentos que lhes são dirigidos, ainda que não disponham das mesmas condições sociais, materiais, concretas e ideais para poder ser leitor. (CURCINO, 2021, s/p).

É com vistas a melhor compreensão desse funcionamento das emoções nos discursos sobre a leitura, entre elas a do orgulho, que nos propusemos, nesta pesquisa, a analisar o que jovens leitores enunciam sobre suas práticas de leitura em rede social virtual.

Como temos visto, esse sentimento de orgulho é expresso por meio de certas formas de ostentação dessa condição leitora, e ambos respondem à lógica sociocultural da *distinção*, tal como observa Bourdieu (2006), lógica que organiza uma série de concepções, ações e relações dos indivíduos em sociedade.

Essa lógica é estruturante de nossa identidade. Como sujeitos sociais e por isso seres de discurso somos afetados por esse apelo à *distinção*. Ela opera, por sua vez, por meio da crença de nossa absoluta subjetividade, segundo a qual nossas escolhas seriam prioritária ou exclusivamente individuais, originais. Credo nessa individualidade não é difícil que para alguns emerga e se fortaleça o sentimento de excepcionalidade de nossas escolhas e práticas, sobretudo quando algumas dessas escolhas e práticas são, não por sua natureza mas por sua distribuição desigual na sociedade, mais rarefeitas, mais incomuns, mais exclusivas. Este é o caso da leitura, da leitura de livros, de alguns livros e para algumas finalidades, especialmente daqueles com maior potencial elitizante do que outros.

Esse sentimento de excepcionalidade e de exclusividade precisa ser compartilhado com outros que assim também se sintam. Assim, fazer parte de uma comunidade leitora, com gostos peculiares, garante a seus membros se sentir bem em poder ser o que poucos são, especialmente em uma sociedade de massa e de classes como a nossa, em um tempo de grande incitação ao narcisismo.

É com base nesses pressupostos que nessa pesquisa nos dedicamos ao estudo das formas de expressão do orgulho de ser leitor a partir da análise de comentários postados por jovens em uma rede social brasileira dedicada à promoção de sociabilidade leitora.

Essa pesquisa de mestrado inscreve-se no âmbito das pesquisas desenvolvidas junto ao LIRE - Laboratório de estudos da Leitura (UFSCar-CNPq), que tem por compromisso formar pesquisadores na área de estudos dos discursos e especialistas no tema da leitura. O objetivo geral das pesquisas realizadas por seus membros é o de

recensar e analisar discursos sobre a leitura e sobre os leitores. Entre as propostas recentes de pesquisa do grupo encontra-se o interesse pelo estudo das emoções/sentimentos/afetos que são enunciados em relação à prática de leitura².

A partir das análises desenvolvidas nesta dissertação, pretendemos contribuir com essa reflexão coletiva, de modo a fazer avançar os estudos sobre essa prática no Brasil, por meio do cotejamento das formas segundo as quais leitores jovens, ao comentarem seus gostos, hábitos e opiniões a respeito da leitura, de obras lidas, de autores, e mesmo ao expressarem sua opinião sobre outros leitores, recorrem a certas emoções prototípicas nesses contextos de enunciação, o que demonstra, conforme Curcino (2019b, 2021), por um lado, um modo afetivo comum de se enunciar leitor, por outro, o papel constitutivo das emoções na formação e no amálgama de discursos sobre a leitura.

Tal como propõe a autora, a alusão a certas emoções, a certos afetos, responde a protocolos discursivos específicos: não é qualquer emoção que se enuncia quando se fala da leitura ou de si como leitor e não é de qualquer modo que se o faz. Em suas análises preliminares, ela observa que as emoções mais frequentemente evocadas em relação à leitura são, de modo geral, e com variações sutis, a ‘nostalgia’, o ‘orgulho’ e a ‘vergonha’. Estas parecem ser as emoções mais comuns, aquelas que mais frequentemente são reiteradas. Este é um dos pressupostos que vamos buscar confirmar com esta e outras pesquisas dos demais pesquisadores do grupo voltados para esse tema em comum.

Tal como observado até o momento, esses afetos não são muitos nem variados, e não se apresentam de forma necessariamente explícita e direta ao serem enunciados. Eles compõem um conjunto de formulações relativamente recorrentes, comuns, porque compartilhadas histórica e culturalmente, e que são reativadas em situações de enunciação sobre a leitura ou sobre si e sobre o outro como leitor, como aquela do cenário de coleta dos dados desta nossa pesquisa.

Apesar da regularidade de sua emergência, a expressão desses afetos relacionados à leitura, presentes em textos muito diversos e com objetivos também variados, não necessariamente é anunciada, declarada, nomeada ou qualificada como ‘nostalgia’, ‘orgulho’ ou ‘vergonha’, de forma direta. A apreensão das especificidades e regularidades que permitem identificar um afeto expresso como sendo uma

² Aspectos gerais do projeto, cf. em Curcino (2019b), e resultados de pesquisa em Curcino (2020b, 2021) e Silva (2021).

manifestação ‘nostálgica’, ou de ‘orgulho’ ou ‘vergonha’, quando se é levado a falar da leitura, é o que pretendem as pesquisas do grupo, e esta pesquisa, neste momento.

De modo específico, nesta pesquisa temos nos dedicado à análise de enunciados obtidos pelo levantamento junto a uma rede social específica, no âmbito do universo virtual de produção e circulação de textos, dedicada ao tema da leitura. Com vistas a deprendermos dessa análise discursos sobre a leitura e representações discursivas compartilhadas pelos leitores jovens sobre si, expressas sob a forma de comentários postados no site desta rede social, focalizamos nosso levantamento e análise desses enunciados naqueles em que pudemos identificar a expressão, direta ou indireta, do sentimento de ‘orgulho’ relacionado à leitura e/ou à condição leitora, seja ele próprio ou alheio, junto a essas *comunidades de leitores*³ específicas, constituídas prioritariamente de jovens internautas inscritos nessa rede social brasileira dedicada exclusivamente à leitura, a rede SKOOB⁴.

Segundo seu próprio *slogan*, trata-se da “maior rede social do Brasil criada especialmente para quem ama ler” e teria interesse em compartilhar “experiências literárias”. Nela, a ênfase recai na leitura de livros, e sob o rótulo “literários” deve-se compreender aqueles cuja leitura é realizada espontaneamente, por prazer, seja para entretenimento ou formação, compreendendo obras destinadas a vários segmentos editoriais (clássicos universais ou nacionais, cânones escolares, best-sellers internacionais ou locais, lançamentos etc.). Nela, seus membros podem postar comentários sobre as obras lidas ou aquelas que desejam ainda ler; estabelecer interlocução com outros jovens leitores em função de suas predileções de leitura; e interagir com autores contemporâneos que também participam dessa rede social.

Em seus comentários de “críticos amadores” e “fãs” encontram-se diversas referências à prática da leitura, de modo geral, e ao modo como cada um dos membros a

³ “um grupo que lê permanentemente, aprecia a leitura literária, compreende e usufrui da experiência leitora, sobretudo coletivamente, mas não apenas. A partir dessa prática, os integrantes da comunidade leitora passam a comentar suas leituras, adquirindo, progressivamente, condições para avaliar, opinar, selecionar e sugerir leituras, estabelecendo relações cada vez mais amplas e intensas com o universo literário.” (Disponível em: <<https://revistaemilia.com.br/a-constituicao-de-uma-comunidade-de-leitores-na-escola/>> Acesso: setembro de 2020).

⁴ Criada por Lindemberg Moreira em 2009, cujo objetivo geral é o de aproximar leitores e estabelecer relações de leitura entre eles (troca de livros, ou mesmo de comentários, sugestões etc.). Os inscritos criam um perfil virtual de interação com outros leitores, a partir da formação da lista de amigos, da troca de mensagens, de livros e de avaliações relativas a uma imensa “estante virtual” preconizada na plataforma. (Disponível em: <https://www.skoob.com.br/inicio/quem_somos> Acesso: setembro de 2019).

empreende em sua rotina⁵. Esses comentários constituem, portanto, fontes importantes de enunciados de jovens leitores que falam da leitura, que falam da leitura que realizam de certos livros, que manifestam sua opinião, fazem avaliações, indiciando assim o que leem, porque leem, quanto leem, o modo como leem, o modo como se identificam com as formas de prestígio relativas a essa prática, enfim, o modo como expressam suas apreciações acerca da leitura, de si como leitores e do comportamento leitor de outros participantes dessa rede.

Nosso interesse de pesquisa por esses enunciados reside no fato de que por meio da análise de suas postagens é possível identificar discursos consensuais, tradicionais ou eventualmente dissonantes e emergentes sobre a leitura, assim como identificar representações compartilhadas do que é ser um jovem leitor hoje. A análise do que enunciam pode nos permitir observar eventuais mudanças valorativas na concepção de leitura compartilhada por esse público, que definem seus gostos e práticas.

Para isso, buscamos constituir um *corpus* representativo de enunciados, os quais estamos cotejando e analisando em sua variabilidade de postagens com declarações sobre a leitura e (auto)declarações como leitores, de modo a depreendermos algumas regularidades ou diferenças quanto ao modo de enunciação do ‘orgulho’ em relação à leitura. Também temos refletido sobre a emergência histórica e as formas de legitimação de certos discursos sobre a leitura, com atenção àqueles em que vemos expresso o sentimento de ‘orgulho’.

Como dissemos, entre as formas de enunciar(se) a esse respeito, são expressos certos posicionamentos de ordem emocional em relação a essa prática, em conformidade com o processo de identificação com as formas legítimas de se referir a si como leitor. Entre essas formas de enunciar(se), vemos expresso o sentimento de ‘orgulho’ cujos *efeitos de sentido* e formas de expressão têm sido nossa ocupação neste trabalho de mestrado.

Para isso, nos apoiamos em análises já empreendidas por outros autores dedicados tanto à análise de discursos sobre a leitura⁶ quanto à análise de enunciados de internautas sobre suas práticas de leitura, como aquela empreendida por Andretta &

⁵ A respeito dessa dupla posição a partir da qual enunciam os membros dessa rede social, como críticos amadores e como fãs, cf. Andretta & Curcino (2012).

⁶ Entre os trabalhos dedicados ao estudos dos discursos sobre a leitura, temos nos apoiado especialmente naqueles realizados por Chartier & Hébrard (1995); Barzotto & Britto (1998); Britto (1999); Abreu (2001a, 2001b, 2006a); Bayard (2007); Chartier (2019); Curcino (2018, 2020a, 2021).

Curcino (2012) dispensada aos comentários de jovens, membros da rede SKOOB, acerca de suas leituras de obras de Machado de Assis. Nela, os autores demonstraram as regularidades quanto ao estilo peculiar de enunciar de que se valem esses internautas, em que se caracteriza um certo mimetismo do que dizem críticos profissionais de textos literários tradicionais, mesclando essa forma de enunciar mais institucionalizada, com outras mais características desse universo virtual e contemporâneo, que implicam uma enunciação mais “descolada” e jovial⁷, adequada ao meio e público das redes sociais.

Inspirados nessa e em outras análises similares, em nossa pesquisa nos dedicamos à constituição e análise de um *corpus* de enunciados relativamente semelhantes a este dos autores supracitados, composto de comentários de jovens leitores dessa mesma comunidade virtual, a rede SKOOB, com a diferença de que não nos restringimos aos comentários dedicados à obra de um autor específico, mas antes junto aos comentários de 4 obras, nos quais constatamos a menção direta ou a alusão indireta à expressão de ‘orgulho’ quanto ao exercício da prática de leitura.

Nosso interesse tem sido o de observar se nesses enunciados os internautas se manifestam em termos de ‘orgulho de ser leitor’ e, ao fazê-lo, com que regularidade o apelo a essa emoção emerge. Além disso, buscamos também descrever de que modo, com que especificidades se dá essa enunciação do ‘orgulho’ em relação à leitura, à condição leitora, à condição de poder se identificar e de ser identificado com um certo tipo ideal de leitor, em conformidade com as especificidades compartilhadas socialmente na atualidade sobre o perfil do jovem leitor brasileiro.

Para tanto, nos apoiamos em princípios da Análise de Discurso, em especial na perspectiva adotada por Michel Foucault⁸ quanto à *ordem dos discursos* e seu funcionamento, e pelos estudiosos que no Brasil se dedicaram a esses princípios de base foucaultiana na análise de discursos de diferentes campos (político, literário, religioso, científico)⁹.

⁷ Uma das constatações da pesquisa de Andretta & Curcino (2012) refere-se, exatamente, ao modo envergonhado com que leitores jovens que, ao declararem ter lido uma das obras de Machado de Assis, mas não terem necessariamente gostado ou se identificado com esse tipo de leitura, são impelidos a imediatamente acrescentarem em seus comentários alguma justificativa para isso, o que, em geral, se faz sob a forma seja de admissão de responsabilidade ou culpa, quando não de incapacidade, imaturidade, indiciando assim aquilo de que em relação a certas práticas de leitura é razão de constrangimento: “acho que ainda não tenho maturidade suficiente”, “talvez no futuro eu adquira capacidade de compreender e assim gostar” etc.

⁸ Cf., em especial, Foucault (1998).

⁹ Entre os estudiosos dedicados aos estudos do discurso segundo a obra de Michel Foucault, nos apoiamos em especial naqueles empreendidos por Gregolin (2004a; 2004b) e Sargentini & Navarro (2004) entre outros.

No que diz respeito especificamente à leitura, nos apoiaremos nos estudos da História Cultural, tal como desenvolvidos por Roger Chartier acerca dessa prática¹⁰, bem como nas reflexões empreendidas por pesquisadores brasileiros sobre: 1) os discursos sobre a leitura, seu funcionamento e suas condições de emergência histórica e culturais¹¹; suas estabilizações sob a forma de idealizações, de mitos e de estereótipos¹²; 2) a história da leitura no Brasil, suas durações e suas implicações sociais, tendo em vista o poder simbólico atribuído a essa prática, graças às formas, sempre hierárquicas e excludentes, de legitimação e de eleição de alguns gestos, rituais de apropriação, objetos e sujeitos em detrimento de outros, que regulam o que sabemos e o modo como exercemos essa prática hoje¹³; 3) as práticas de leitura específicas exercidas por jovens, em função do tipo de produção cultural destinada a esse público, dos discursos que caracterizam seu perfil psicológico e cultural e que estabelecem o que sobre eles é dito, e das práticas de produção literária, de ensino e de fomento da leitura junto a esse público¹⁴.

No que diz respeito aos estudos sobre as ‘emoções’, sua história, seu papel como forma de argumentar e convencer, sua importância como indício do funcionamento de discursos sobre as práticas, nos baseamos nos trabalhos recentes, no âmbito da história e dos estudos dos discursos, desenvolvidos em especial por Jean-Jacques Courtine¹⁵.

Nosso trabalho de pesquisa visa, portanto, a responder algumas questões tais como: se há e quais são as regularidades quanto à expressão de ‘orgulho’ em relação à leitura presentes nos comentários de jovens na rede SKOOB?; a que discursos sobre a leitura esses enunciados remontam, se filiam, indiciam?; que especificidades se poderia ou não atribuir à expressão dessa emoção do ‘orgulho’ em relação à leitura por parte desse público específico?; de que modo são formulados esses enunciados, valendo-se de que estratégias (conscientes ou não, voluntárias ou involuntárias) na apresentação de si como leitor e nas avaliações de seus pares?

As respostas a essas questões, tendo em vista nosso objetivo, podem contribuir para a melhor compreensão das injunções que atuam sobre nossa forma de exercer a leitura na atualidade e, por extensão, podem nos permitir refletir e elaborar formas de

¹⁰ Cf. Chartier (1990; 1998; 1999; 2003), Chartier & Hébrard (1995), Mollier (2008), Hébrard (2009).

¹¹ Cf. Possenti (1999, 2001).

¹² Cf. Barzotto & Britto (1998), Britto (1999).

¹³ Cf. Abreu (2001a; 2006a).

¹⁴ Cf. Ceccantini (2009, 2016).

¹⁵ Cf. Courtine (2016; 2017).

intervenção social, cultural, escolar que melhor promovam essa prática entre nós, sem os traumas incorporados, sem a naturalização de divisões sociais arbitrárias que certas formas de exercício dessa prática produzem e reproduzem, tal como observado por Bourdieu (2006), de forma geral, e como trataram, em específico em relação à leitura, Abreu (2001a, 2001b, 2006a), Bayard (2007), Chartier (2019), Curcino (2021a), entre outros.

1.1 POR QUE ESTUDAR ESSE CORPUS E TEMA? E DE QUE PERSPECTIVAS?

Com a criação e difusão da internet, com a ampliação da produção e da circulação de textos os mais diversos, com a expansão das possibilidades de interlocução virtual e do compartilhamento de opiniões via redes sociais ou plataformas diversas, foram criadas ou reconfiguradas as formas de socialização leitora, ou seja, de formação de “comunidades leitoras”, em especial entre os mais jovens, viabilizando formas de interlocução virtuais que, embora mimetizem formatos e práticas do universo manuscrito ou impresso, apresentam suas especificidades e em escalas bastante distintas das até hoje vivenciadas¹⁶, o que, por si só, oferece amplo material de estudos que visem compreender as permanências ou mutações das práticas que foram implicadas nesse processo, tais como a escrita e a leitura.

A própria criação de uma rede social como a SKOOB atesta essas permanências e mudanças quanto as práticas, em nada negligenciáveis, tanto do ponto de vista de suas potencialidades de produção cultural mais difusa, com menos mediação e institucionalização, de maior circulação, quanto do ponto de vista comercial do campo editorial livreiro inauguradas e possibilitadas por esses novos meios de interação virtual.

São vários os exemplos de exploração dos recursos digitais de formação e de consolidação de redes de sociabilidade leitora disponíveis na atualidade graças às novas tecnologias virtuais: desde *blogs* pessoais dedicados ao tema, alguns alçando seus produtores a verdadeiras celebridades virtuais, até plataformas criadas exclusivamente para segmentos leitores específicos, tais como os leitores infantis ou juvenis, passando pelas apropriações leigas dessas ferramentas e dispositivos que permitem a diferentes

¹⁶ Cf. Curcino (2014).

usuários se manifestarem e tornarem público seus pontos de vista, seus interesses, suas práticas culturais.

O mercado editorial de livros compreendeu há muito o potencial dessas formas virtuais de interlocução com leitores. Não sem razão grande parte de sua publicidade hoje é empreendida junto a esses blogueiros profissionais, conhecidos também como “influenciadores digitais”, cuja “opinião” parece ter grande impacto sobre o comportamento consumidor dos leitores potenciais, em especial junto aos jovens leitores, mais familiarizados com esse universo digital. A importância desse público leitor consumidor jovem se faz sentir no volume da presença de livros e de novos lançamentos nas livrarias e também no tipo de publicidade dirigidos a esse público jovem, dividido em diversos segmentos (por faixa-etária, por gênero, por temas de interesse e identificação¹⁷ etc.).

Portanto, o universo virtual ampliou exponencialmente o tipo de fonte e de material passível de análise em relação a diferentes temas e objetos. No que diz respeito à leitura, dispomos de um volume considerável de fontes de declaração “espontânea” acerca dessa prática, o que é tanto uma possibilidade quanto um desafio, pois nos exige um esforço coletivo de pesquisa de modo a compreendermos a extensão e o tipo de impacto dessas formas virtuais de sociabilidade sobre práticas como a escrita e a leitura.

Entre as formas de enunciar sobre a leitura, tanto no que dizem esses “influenciadores” que se dirigem aos jovens leitores por meio de seus *sites*, *blogs* e em redes sociais, bem como no que dizem os jovens que enunciam(se) como leitores por meio de suas contas e comentários na rede SKOOB, observa-se a recorrência a certas emoções, a certos estados e sentimentos, que são evocados por esses sujeitos ao manifestarem-se sobre a leitura e como leitores.

O apelo à “emoção”, de modo geral, é uma das formas clássicas de argumentar, já contemplada pelos pensadores da Antiguidade, em especial por aqueles que se dedicaram à Retórica. Ao longo da história, e por vezes tratada como a antípoda da “razão”, a emoção, como forma de argumentar e de agir sobre um auditório ou um interlocutor, foi concebida segundo diferentes perspectivas e com distintos objetivos. Se esses estudos se dedicaram à análise das emoções quanto a seu potencial argumentativo mobilizador das ações dos sujeitos, pouco se fez até o momento, como constatado por

¹⁷ Sobre uma reflexão crítica das especificidades do perfil de jovens leitores no Brasil, da atuação da escola e do mercado na formação do gosto desse público, cf. Ceccantini (2009).

Curcino (2019b; 2020b), em relação à análise das formas de enunciação das emoções prototípicas em relação a uma prática específica: a leitura.

Em função da exploração errática e acessória deste último aspecto, e dada a importância que, em tempos de interação virtual, de multiplicação e de liquefação¹⁸ das relações, de restituição/reprodução dos laços afetivos por recursos inusitados, de maior visibilidade e de injunção à exposição dos sentimentos, estados de espírito, com vistas, entre outras razões a sua exploração comercial, política, religiosa, faz-se importante a reflexão sobre o apelo às emoções nas formas de argumentar contemporâneas.

As emoções são um objeto relativamente tradicional de campos do conhecimento como a Psicologia, a Antropologia e mesmo a Sociologia. No que diz respeito a sua abordagem histórica, os estudos são mais esparsos e genéricos. Apenas muito recentemente vimos surgir obras de referência a esse respeito. A reflexão histórica sobre as emoções, sobre os afetos e paixões, ou seja, sobre as sensibilidades de modo geral ganhou fôlego com a publicação, entre outras, da obra organizada pelos historiadores Alain Corbin, Georges Vigarello e Jean-Jacques Courtine¹⁹.

Este último, dada sua formação como analista do discurso, nos apresenta uma abordagem discursiva de análise de uma emoção em específico. Ele empreende uma história da ‘ansiedade’, valendo-se da abordagem arqueológica, tal como empreendida por Michel Foucault em relação aos saberes sobre o humano, ou melhor, aos discursos que constituem esses saberes.

Dado o caráter relativamente inovador dessa abordagem histórica e discursiva das emoções, de seu papel no modo como as sociedades formulam o dizível, o compreensível e o aceitável sobre suas práticas por meio, entre outras formas de enunciar, da alusão a certas emoções, ou seja, da manifestação das formas sensíveis mais adequadas, mais naturalizadas e protocolares, nos apropriamos de suas reflexões de modo a vislumbrar uma abordagem equivalente para o ‘orgulho’ tal como é enunciado e previsto nos discursos sobre a leitura.

Do ponto de vista dos estudos sobre a leitura no Brasil, dispomos de variados e consequentes estudos dedicados à análise discursiva do que se enuncia e de como se enuncia acerca dessa prática. Vários autores no Brasil abordaram essa questão a partir de objetos bastante distintos e de perspectivas teóricas também variadas (estudos do

¹⁸ Em alusão à metáfora de Bauman (2001) acerca da ‘modernidade líquida’, na qual as suas relações, fluidas, configuram-se por constantes deslocamentos ou mudanças.

¹⁹ A título de exemplo, cf. CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges (orgs.). *Histoire des Émotions: de la fin du XIXe siècle à nous jours*. Paris: Seuil, 2017.

Letramento; Estudos Culturais; da Sociologia cultural, das Análises do discurso etc.). No entanto, não dispomos de trabalhos sistemáticos, amplos e consequentes, no campo dos estudos dos discursos sobre a leitura, de levantamento e análise de enunciados nos quais são expressas certas emoções, entre elas o ‘orgulho’, e cujas menções sejam recorrentes, relativamente estabilizadas, que produzam efeitos de sentido convergentes quando se enuncia sobre a leitura, em especial quando o público visado é público juvenil.

Assim, tendo em vista a necessidade de se verticalizar ainda mais os estudos sobre a leitura, e considerando a recente e pouca produção dedicada ao estudo das emoções no campo discursivo relativas a essa prática, nossa pesquisa assim se justifica. Ela também se justifica quando estamos diante de uma mudança em curso mais acelerada quanto às práticas culturais de interlocução dos sujeitos neste cenário da expansão dos meios digitais, de seus recursos e de seu acesso. Ao recorrermos ao que enunciam os jovens leitores em redes sociais dedicadas à leitura, acreditamos poder flagrar os conflitos ou acomodações gerados nessas fronteiras culturais em que práticas e discursos relativamente estabilizados são confrontados com tecnologias e modos de produção e circulação que afetam nossa relação mediada por textos.

De modo geral, a pesquisa visa contribuir para a reflexão sobre as representações consensuais da leitura, algumas equivalentes ao funcionamento semelhante ao de mitos, tal como defendem Barzotto & Britto (1998, n.p.):

O mito do sujeito leitor resulta de um tipo de discurso que, sem explicitar o que se entende por leitura e sem apoiar-se em estudos objetivos sobre as práticas sociais de leitura, ignora os modos de inserção dos sujeitos nas formas de cultura e estabelece em torno da questão da leitura juízos de valor do tipo “bom” ou “mal”. Com isso, vulgariza noções vagas sobre a importância de ler que, funcionando como adágios dificilmente negáveis, porque válidos na mesma medida em que podem ser refutados inclusive e preenchíveis com valores diversos de acordo com o arbítrio de quem ouve, produzem um consenso aparente pouco interessante do ponto de vista da democracia social.

Espera-se com esta pesquisa uma melhor compreensão dos discursos sobre a leitura e, por extensão, de suas práticas exercidas no Brasil na atualidade, por meio da análise de um funcionamento discursivo específico, responsável também por seu valor simbólico, expresso pelas formas de valoração e julgamento que podem ser apreendidas da enunciação de certas emoções. Descrever os processos que permitem a uns se sentirem leitores legítimos, orgulhosos, e a outros como se fossem leitores em

falta, envergonhados, é um dos meios para combater certos estigmas e promover uma apropriação efetiva dessa prática.

1.2 QUE CONCEITOS CONVOCAR, NOS QUAIS SE APOIAR, NA ANÁLISE?

Tendo em vista nosso objeto e nosso objetivo, nos filiamos à perspectiva, ligada ao campo dos estudos do discurso, de tradição francesa, dedicados à apreensão da *ordem discursiva* que atua sobre o funcionamento discursivo de todo e qualquer dizer.

No que diz respeito à Análise do Discurso, nos apoiamos nos estudos discursivos, em especial de perspectiva foucaultiana, adotando como princípio em nossa análise que o discurso é uma ‘ordem’, e como tal, consiste em uma instância anterior a todo e qualquer ‘dizer’, atuando tanto sobre a definição de ‘o que’ dizer, como também sobre ‘o modo’ para isso. Conforme o filósofo, o discurso é uma ‘ordem’ histórica, cultural e social que regula, que controla, que institui o dizível, estabelecendo suas condições de verdade, de enunciação e de circulação em uma dada sociedade, e, com isto, as formas segundo as quais os seus sujeitos enunciam, agem e constituem sua identidade. Segundo essa perspectiva, a origem do sentido do que é enunciado não está centrada naquele que individualmente realiza um ato de linguagem, mas sim se deve a condições histórico-sociais de produção anteriores ao próprio ato de enunciação.

Para além de sua emergência, a potência dos discursos se determina por suas retomadas, por seus retornos, que incidem sobre nossas práticas, nossos gestos e nossas sensibilidades, e que fundam nossa *memória discursiva*²⁰.

A *ordem do discurso* se exerce na delimitação das representações compartilhadas sobre uma dada prática. No que diz respeito à leitura, há uma série de representações comuns acerca do que é ler e do que é ser leitor, ou seja, dos modos legítimos de ler, dos objetos, gestos e signos relacionados às formas de prestígio ou de desprestígio no exercício dessa prática. Essas representações coletivas e consensuais são mobilizadas naquilo que todos nós, sujeitos de um mesmo tempo e espaço, enunciamos

²⁰ “A noção de memória discursiva diz respeito à *existência histórica* do enunciado no interior de práticas discursivas regidas por aparelhos ideológicos; ela visa o que Foucault (1971, p. 24) levanta a propósito dos textos religiosos, jurídicos, literários, científicos, ‘discursos que originam um certo número de novos atos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer’.” Cf. Courtine (2009), p. 105-106.

sobre a leitura, ou sobre outras práticas e sujeitos que somos instados o tempo todo a avaliar.

Estudar os discursos sobre uma prática e as representações dos sujeitos que as exercem, apreensíveis em dados como os que temos trabalhado – a saber, os comentários postados por jovens em redes sociais sobre o que leem, o que gostam ou não de ler, o que afirmam sobre a leitura e outros leitores – é fundamental para compreendermos a força e o impacto dessas representações, e de seu funcionamento discursivo, sobre o modo como concebemos nossa vida em sociedade, de modo geral, e nossa relação com uma dada prática, em específico. Tal como afirma o historiador cultural, Roger Chartier:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. [...] As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p. 17)

Dado esse funcionamento discursivo, e a partir do levantamento e da análise de enunciados sobre a leitura, de modo a descrever e sistematizar algumas representações dessa prática, compartilhadas por jovens leitores e enunciadas sob a forma de comentários postados na rede social de leitores SKOOB, apresentamos, neste capítulo, uma análise de uma amostra de enunciados, nos quais direta ou indiretamente se expressa a emoção do ‘orgulho’ em relação a essa prática.

Essa expressão do ‘orgulho’, como apresentamos a seguir, recai ora sob a forma do ‘orgulho’ de ler, ora sob a forma do ‘orgulho’ de ser identificado como um leitor que se adequa aos padrões e expectativas da comunidade leitora na qual se inscreve. Em nossa análise, assumimos por hipótese aquela observada por Curcino (2019b) segundo a qual a alusão a certas emoções responde a protocolos discursivos específicos, de modo que não é qualquer emoção que se enuncia quando se fala da leitura ou de si como leitor, e não é de qualquer modo que se o faz. Assim, as formas de expressão do ‘orgulho’ relacionado a essa prática respondem a uma ‘ordem discursiva’ responsável pela reiteração, mais ou menos prototípica, do que enunciar e de como se enunciar esse ‘orgulho’ de ler, de ser leitor.

Nesse sentido, a partir dessa perspectiva, a menção a dados estados afetivos por parte do sujeito em relação a uma prática específica merece atenção na medida em que,

uma vez enunciados, produzem certos *efeitos de sentido*, compõem e reforçam repertórios do que é enunciável sobre uma prática e do modo mais apropriado para referi-la. Nos termos da Análise do discurso, de orientação foucaultiana, esses enunciados comporiam assim um *campo associado*, com outros enunciados, de modo a se filiarem, a estabelecerem ou a alterarem um dado saber sobre uma dada prática, logo, um conjunto de formas de enunciar a seu respeito.

O recurso a uma emoção na formulação de um enunciado sobre a leitura, assim como se dá na formulação de todo e qualquer enunciado, é regido em conformidade com uma dada *formação discursiva* segundo a qual todos nós enunciamos balizando-nos pelo que é normalmente dito sobre uma prática, institucionalmente validado a seu respeito, e por isso aceitável, crível e considerado como dizer verdadeiro e legítimo, num determinado tempo e espaço.

O que se diz sobre a leitura e sobre si como leitor (assim como todo e qualquer enunciado, sobre toda e qualquer prática, assumido por todo e qualquer sujeito em uma dada sociedade) responde, portanto, a certos discursos, e estes organizam fomentam certas práticas. O(s) discurso(s), que atuam como *ordem discursiva*, como uma injunção ao dizer, que controla tanto o que se diz quanto o modo como o dizer é enunciado, se encontra materializado no que se diz e no modo como se enuncia, e isso em consonância com uma determinada *memória discursiva*.

A enunciação de emoções mais convenientes de serem expressas quando se é (ou não se é) leitor compõem o conjunto do que se diz sobre essa prática e, por isso, atua sobre o modo como a exercemos. Isso não significa que podemos afirmar o que os sujeitos sentem, o modo como experenciam uma dada emoção. O que nos interessa é o modo como esse sentimento de ‘orgulho’ em relação à prática de leitura é declarado, direta ou indiretamente, o modo como é evocado, sob que formas e produzindo (ou visando produzir) que *efeitos de sentido*.

De modo a melhor descrever os *efeitos de sentido* do que é enunciado em termos de ‘orgulho’ de ser leitor nesses enunciados que constituirão nosso *corpus*, além de recorrermos aos estudos da Análise do discurso, também nos apoiamos em princípios da História cultural da leitura. Em seus estudos históricos sobre essa prática, Roger Chartier formula sua teoria da relação entre as *práticas* e suas *representações*, alinhadas ainda ao conceito de *apropriação*. As *representações*, segundo o autor, não equivalem de forma alguma a discursos neutros. Elas têm importância porque produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas), definem escolhas e condutas. Assim, os estudos

realizados pelo autor sobre as práticas populares de leitura ao longo dos séculos XVI e XIX, e suas considerações sobre as práticas exercidas na atualidade, nos permitem apreender certas forças institucionais que atuam na recorrência e na força de algumas concepções da leitura, de imagens consagradas do que é ser leitor. A força dessas ‘imagens’ reside em sua “energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é.” (CHARTIER, 2010, p. 52).

Além dessas perspectivas, e para a melhor apreensão das considerações mais contemporâneas acerca da História das emoções, recorreremos ainda aos estudos que já foram feitos, em outros campos de conhecimento, no esforço de definir, categorizar ou explicar o ‘orgulho’. Assim, ainda que de forma panorâmica, temos buscado definir esse afeto com base em estudos provenientes de diferentes campos, tais como aqueles realizados pela Semiótica das Paixões²¹ ou pela abordagem discursiva dos estudos da Argumentação dedicados ao que se nomeia ‘patemização’²².

1.3 QUE ENUNCIADOS SELECIONAR PARA A ANÁLISE?

Inicialmente, para a construção do *corpus* de pesquisa o primeiro procedimento que adotamos foi o da busca por postagens nas quais se enunciasse direta ou indiretamente a expressão de ‘orgulho’ em relação à leitura ou a si como leitor, dispostas na plataforma SKOOB.

À medida que fomos coletando essas postagens empreendemos sua distribuição em categorias de leitura, descritas na seção de ‘Notas sobre os capítulos’ mais adiante, em conformidade com suas semelhanças e diferenças quanto ao que nelas se enuncia sobre a leitura e sobre os leitores e quanto ao modo como isso é enunciado. Dado o volume de postagens relativas aos livros selecionados, à medida que líamos procedíamos à triagem destacando apenas aquelas mais prototípicas das formas de enunciação do ‘orgulho’ em relação à leitura.

Ao longo do levantamento, então, fizemos a organização e a categorização dos enunciados que selecionávamos, conforme suas semelhanças e diferenças quanto às formas de expressão de ‘orgulho’ de ser leitor, de modo geral, ou de ‘orgulho’ de ser leitor de certos gêneros, junto à fonte referida, pelo público específico, a saber, os jovens leitores.

²¹ Cf. Greimas & Fontanille (1993); Fiorin (2007).

²² Cf. Machado, Menezes & Mendes (2007); Machado & Mendes (2010).

Para isso, nos valem de alguns princípios de análise mobilizados em geral no campo dos estudos em Análise do discurso. O mais importante deles é o que pressupõe a observação das relações parafrásticas entre enunciados.

Seguida da leitura exploratória do material, se procede ao recorte de alguns enunciados em função de suas semelhanças ou diferenças quanto ao tema investigado. A coleta inicial desses enunciados visa a construir redes de paráfrases, redes parafrásticas entre os comentários destinados a mesma obra, de modo a compará-los internamente aos demais dessa mesma rede, como também entre as redes de enunciados das outras obras, quando então se dá a comparação desses enunciados.

Esse procedimento de análise com vistas a formar cadeias parafrásticas em Análise do Discurso tem por objetivo permitir identificar *formações discursivas* em comum, de onde provêm os enunciados de modo responsáveis pela determinação do modo como são formulados, bem como do modo como devem ser interpretados, ou seja, que efeitos visam produzir. Este princípio metodológico que conduz a análise se conjuga a um outro, segundo o qual, dois enunciados, ainda que formalmente idênticos, podem, no entanto, produzir diferentes *efeitos de sentido*, assim como outros enunciados, formalmente distintos, podem produzir os mesmos efeitos, significar a mesma coisa.

Para a Análise do discurso o sentido não se encontra essencialmente nas palavras ou na sua organização sintática, mas na sua atualização na enunciação, o que depende sempre de sua filiação a um *discurso*, de sua proveniência de uma dada *formação discursiva*, de sua atualização por um sujeito comprometido ideologicamente em um *posicionamento*, em uma *posição sujeito*, a partir da qual enuncia, ainda que não tenha consciência dessa sua posição.

São essas atualizações histórica, cultural e socialmente determinadas dos enunciados que conduzem o que todo e qualquer sujeito produz e formula sobre um dado tema, e o fazem em função ainda de uma *memória discursiva*, coletiva, compartilhada, que garante a alguns dizeres seu valor de verdade, sua repetição, sua institucionalização, enquanto outros enunciados são apagados, esquecidos, não ecoam no tempo e espaço.

Portanto, enunciados formalmente idênticos ou formalmente distintos produzem, *efeitos de sentido* que podem não condizer com a identidade ou diferença de suas formulações. Este é um princípio central da Análise do discurso. A determinação desses *efeitos de sentido* depende e remete antes ao posicionamento daqueles que enunciam, a

sua ancoragem institucional, ao lugar de onde falam, de onde acreditam falar e de onde se acredita que falam, logo, ao conjunto de representações coletivas que compartilham como sujeitos em sociedade. Nossa pesquisa lida com as representações do sentimento de "orgulho" de ser leitor, no contexto da rede social SKOOB, as quais estão indiciando outras questões correlacionadas tais como o cânone literário e o mercado editorial, muito embora, sejam questões não necessariamente assumidas em nossa focalização de estudo como anunciado ao longo desta dissertação.

1.4 NOTAS SOBRE NOSSA ‘FONTE’, NOSSO ‘OBJETO’ E A CONSTITUIÇÃO DE NOSSO CORPUS

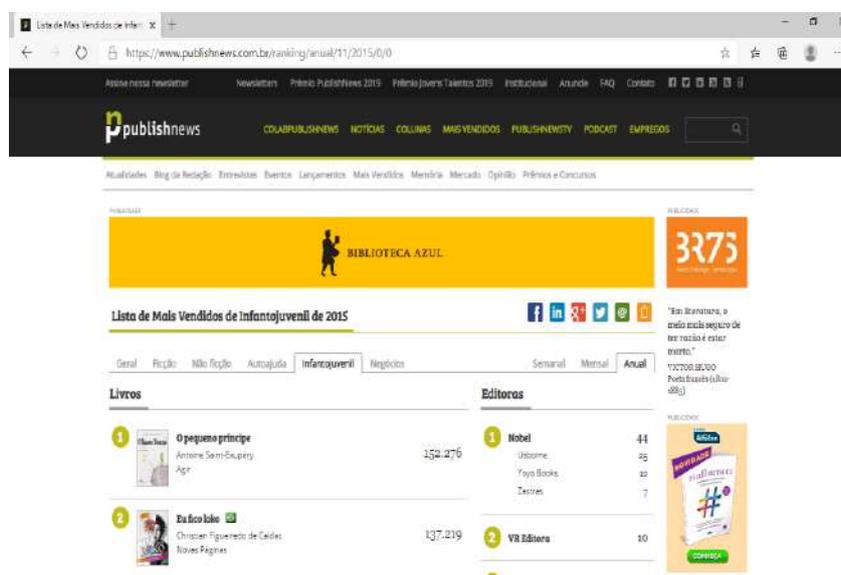
Na constituição dos dados para nossa pesquisa, adotamos alguns procedimentos por etapa no mapeamento das “resenhas”, tal como nomeado pela própria rede social SKOOB, relativas a comentários postados por seus membros sobre livros lidos ou livros de que se ouviu falar. Neste mapeamento para a constituição do nosso *corpus*, selecionamos especialmente aqueles que pudessem representar as principais formas de expressão de ‘orgulho’ de ler e de ser leitor.

Nessa rede social de leitores é possível ter acesso a uma série de “resenhas”, ou seja, dessas postagens de seus membros com comentários sobre a leitura de obras as mais diversas. Entre o público dessa rede social, os jovens representam um conjunto muito expressivo. Suas postagens em geral dão conta de suas leituras de obras juvenis. Para circunscrevermos a coleta de dados àqueles relativos a comentários de leitores jovens, sobre obras juvenis, no volume muito grande de comentários sobre obras muito diversas nessa rede, adotamos alguns procedimentos de seleção. Primeiro, procedemos à definição das obras a partir das quais selecionaríamos os enunciados. Para isso nos valem dos seguintes critérios e etapas:

1. Realizamos um levantamento dos títulos categorizados como “juvenis”, junto ao *ranking* de *best-sellers* dos últimos 5 anos (período concernido entre 2015 a 2020) no Brasil;
2. Selecionamos dois *best-sellers* estrangeiros e dois nacionais que foram classificados nos dois primeiros lugares desse *ranking*, no período referido;
3. Identificamos e selecionamos as postagens de jovens membros da rede SKOOB, sobre esses títulos, norteadas por nosso objetivo de analisar as suas formas de expressão de “orgulho” em relação à leitura;

4. Organizamos e classificamos estes enunciados obtidos nesta primeira triagem, segundo algumas regularidades discursivas quanto às representações da leitura e de si como leitores identificáveis em suas postagens, mais recorrentes, dentre as quais, citamos: leitura pragmática e leitura hedonista, leitura tardia e leitura precoce, leitura voraz extensiva e leitura voraz intensiva, leitura tradicional e não-convencional;

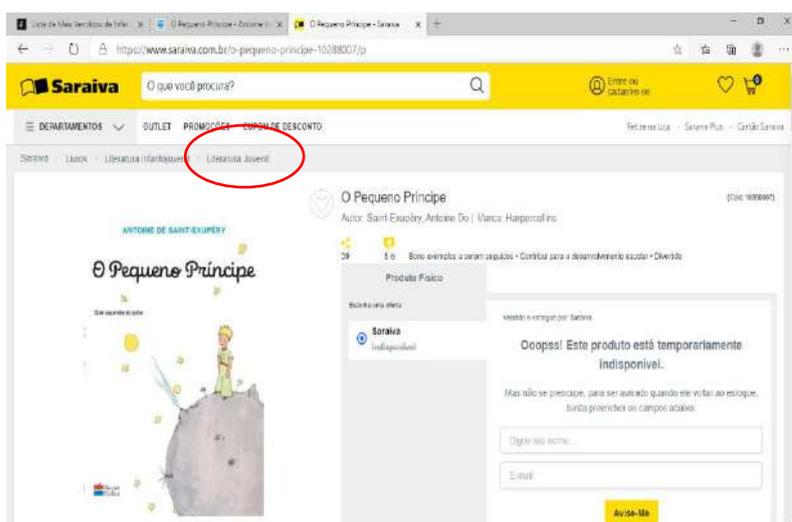
Quanto à primeira etapa realizada, necessária para a posterior coleta dos dados que compõem o *corpus*, foi empreendida a busca desses títulos por meio da plataforma *PublishNews* - Figura 1 (disponível em: <https://www.publishnews.com.br/>). Essa plataforma classifica os livros em listas de mais vendidos valendo-se de categorias convencionalmente empregadas pelo mercado editorial, ou seja, ela divulga os dados com base nos segmentos e nos números fornecidos pelas próprias editoras. Entre essas classificações, encontram-se os segmentos baseados no critério faixa-etária, tais como os da categoria infantil e da categoria juvenil ou, nos termos da plataforma, na categoria “infantojuvenis”.



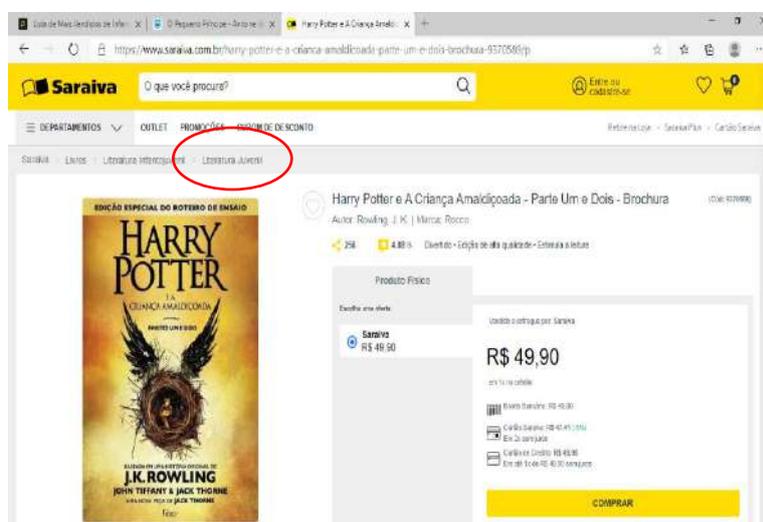
(Figura 1: *printscreen* do site *PublishNews* pelo qual foi empreendida a pesquisa inicial dos títulos *best-sellers* juvenis nacionais e estrangeiros dos últimos 5 anos no Brasil)

A metodologia de consulta para obtenção dos dados preliminares consistiu em inserir no próprio buscador do site da *Publishnews* os seguintes vocábulos: 1) *best-sellers* (em suas variações gráficas e de língua: *best sellers*; *bestseller*; mais vendidos); 2) ano da publicação dos livros (de 2015 a 2020); 3) obra(s) juvenil(is).

Uma vez em posse dessas listas anuais de mais vendidos, e tendo em vista nosso objetivo de abordar as representações do público jovem, procedemos à verificação dos títulos presentes nessas listas de modo a distinguirmos aqueles que em geral são categorizados mais especificamente como juvenis. Para isso, realizamos uma consulta desses títulos nos sites das próprias editoras e de algumas livrarias, de modo a verificarmos quais desses títulos eram especificamente tratados como juvenis.



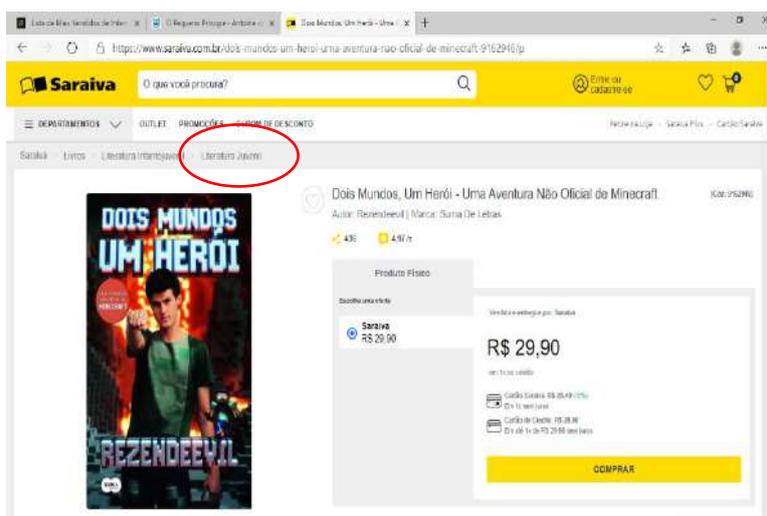
(Figura 2: *printscreen* “O Pequeno Príncipe”)²³



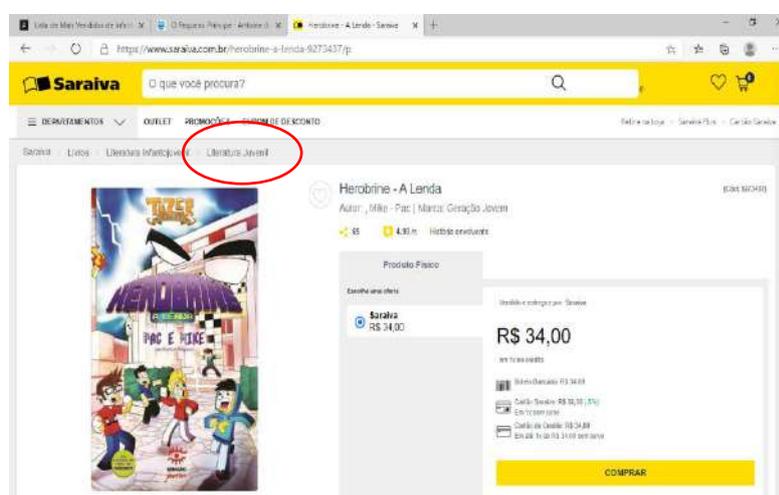
(Figura 3: *printscreen* “Harry Potter e a criança amaldiçoada”)²⁴

²³ Disponível em: <<https://www.saraiva.com.br/o-pequeno-principe-10288007/p>> Acesso: 08/2020.

²⁴ Disponível em: <<https://www.saraiva.com.br/harry-potter-e-a-crianca-amaldiçoada-parte-um-e-dois-brochura-9370589/p>> Acesso: 08/2020.



(Figura 4: *printscreen* “Dois Mundos, Um Herói”)²⁵



(Figura 5: *printscreen* “Herobrine – A lenda”)²⁶

Feita essa verificação da classificação editorial dos títulos, selecionamos das listas apresentadas na plataforma *Publishnews* dos mais vendidos de 2015 a 2020 apenas os dois primeiros títulos juvenis de origem estrangeira mais vendidos e os dois nacionais, conforme sistematizados na tabela a seguir – “Títulos de *best-sellers* juvenis estrangeiros e nacionais dos últimos 5 anos (2015 a 2020) no Brasil”:

Livro:	Ano ²⁷ :	Autor:	Editora:
O Pequeno Príncipe	2015	Antoine Saint-Exupéry Tradução: Marcos Barbosa	Agir

²⁵ Disponível em: <<https://www.saraiva.com.br/doi-mundos-um-heroi-uma-aventura-nao-oficial-de-minecraft-9162946/p>> Acesso: 08/2020.

²⁶ Disponível em: <<https://www.saraiva.com.br/herobrine-a-lenda-9273437/p>> Acesso: 08/2020.

²⁷ Dentre esses títulos, apenas ‘Harry Potter e a Criança Almagdoada’ manteve-se nas posições de venda mais elevadas no ano de referência explicitado na tabela e no ano subsequente; consideramos aqui, então os títulos segundo seu maior número de vendas nessa margem de 5 (cinco) anos, embora ressaltemos ter havido oscilação entre os títulos.

Harry Potter e a Criança Amaldiçoada	2016	J. K. Rowling Tradução: Anna Vicentini	Rocco
Dois mundos, um herói	2016	RezendeEvil	Suma das Letras
Herobrine A lenda	2016	Pac e Mike	Geração Jovem

Fonte: elaborado pelo autor, 2020.

Definidos os títulos, iniciamos a busca pelos comentários dos leitores acerca desses títulos. Para tanto, empregamos o mecanismo interno de busca da rede SKOOB. Com ele, localizamos as resenhas relativas às quatro obras definidas em nossa busca pelos títulos juvenis nacionais e estrangeiros. Em seguida, procedemos à leitura e seleção dos enunciados publicados pelos usuários acerca de cada uma das obras, em função do que neles se enuncia sobre a leitura, com vistas à identificação de certas representações compartilhadas por esses leitores, relativas ao ‘orgulho’ em relação a essa prática.

Empreendemos a leitura de todos os comentários iniciando a partir da mais recente, do ano de 2020 para os comentários mais antigos sucessivamente. Foram lidas todas as ocorrências de “resenhas” de cada uma das obras. Observamos, nesse processo, uma diferença numérica importante de ocorrências de comentários entre as obras estrangeiras e as nacionais. Em geral, em relação às estrangeiras, dispomos de mais comentários dos anos mais distantes temporalmente.

Graças às próprias funcionalidades disponibilizadas pela rede social SKOOB, criadas para sistematizar, quantificar e promover a interlocução e a sociabilidade leitora entre seus membros, é possível ter acesso a interessantes dados sobre cada um desses títulos, como aqueles quanto ao número de membros da rede que declaram ter lido a obra, estar lendo, querer ler, estar relendo, ter iniciado e abandonado a sua leitura, bem como quanto ao número dos membros que, tendo lido ou se manifestado a respeito do título, também optaram por comentá-lo por meio do que a própria rede social intitula como “resenha”²⁸.

Esta “resenha”, diferentemente do gênero convencionalmente assim nomeado, apresenta peculiaridades interessantes. Por um lado, ela apresenta aspectos formais que

²⁸ As resenhas são um dos recursos de que se valem os usuários da rede e leitores das obras para estabelecer interlocução. Por meio delas, se posicionam de forma crítica, embora amadora, sobre sua leitura dos livros como um todo.

lembram a “resenha” clássica, como a necessidade de resumir o enredo e apresentar uma opinião crítica, por outro, ela herda a concisão dos comentários de *internet*, de redes sociais, curtos, de tom opinativo, declarativo e pessoal, subjetivo, com uma linguagem mais informal que explora os efeitos de leveza, descontração, humor característicos desse tipo de produção entre internautas jovens.

Considerando o funcionamento dinâmico de redes sociais como esta com que trabalhamos, apresentamos um retrato do que encontramos entre julho e agosto de 2020, quando realizamos a maior parte da coleta de nossos dados, a partir do qual identificamos os números relativos à participação dos membros da rede, em relação aos 4 títulos selecionados como fonte para nosso levantamento de dados²⁹. Destacamos em especial dois dados: aquele relativo à declaração do que leram, e aquele relativo à resenha. É sensível a diferença entre o número dos que leram e o número dos que se aventuraram a escrever uma resenha com suas impressões de leitura, seus comentários e indicações a outros leitores.

Em relação ao título “O Pequeno Príncipe”, ele conta com mais de 460.000 (quatrocentos e sessenta mil) indicações de leitura, ou seja, declarações de membros afirmando que o “leram”, e mais de 3.700 (três mil e setecentas) “resenhas”, conforme a Figura 6 abaixo. Em relação ao título “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada” para a primeira informação, ele conta com mais de 31.600 (trinta e uma mil e seiscentas) indicações de leitura, ou seja, de declarações de seus usuários afirmando que o “leram” e são mais de 29.600 (vinte nove mil e seiscentas) “resenhas”, conforme a Figura 7 abaixo.

²⁹ É importante ressaltar o caráter dinâmico da geração desses números, à medida que novos usuários vão acessando esses títulos e deixando novas resenhas, as páginas de resenhas vão sendo ampliadas e estas vão sendo deslocadas temporalmente. Os dados que disponibilizamos são aqueles obtidos quando de nossa consulta a essa rede, que podem variar em número do que uma consulta posterior à rede pode fornecer, a depender das interações dos usuários estabelecidas depois da data de nossa coleta.

O Pequeno Príncipe

Com aquarelas do autor

4.5 ★★★★★ 139.471 avaliações

LERAM	LENDO	QUEREM LER	RELENDO	ABANDONADO	RESENHAS
461.690	3.776	91.290	1.202	2.174	3.791

Fantasia | Infantil | Infância/juvenil | Literária Externa

[Figura 6: *printscreen* da seção O Pequeno Príncipe/ SKOOB, disponível em: <https://www.skoob.com.br/o-pequeno-principe-693ed56597.html>> acesso: julho de 2020]

Harry Potter e a Criança Amaldiçoada (Capa Dura) (Harry Potter #9)

partes um e dois

3.6 ★★★★★ 17.517 avaliações

LERAM	LENDO	QUEREM LER	RELENDO	ABANDONADO	RESENHAS
29.658	793	14.836	29	439	831

Edições (4)

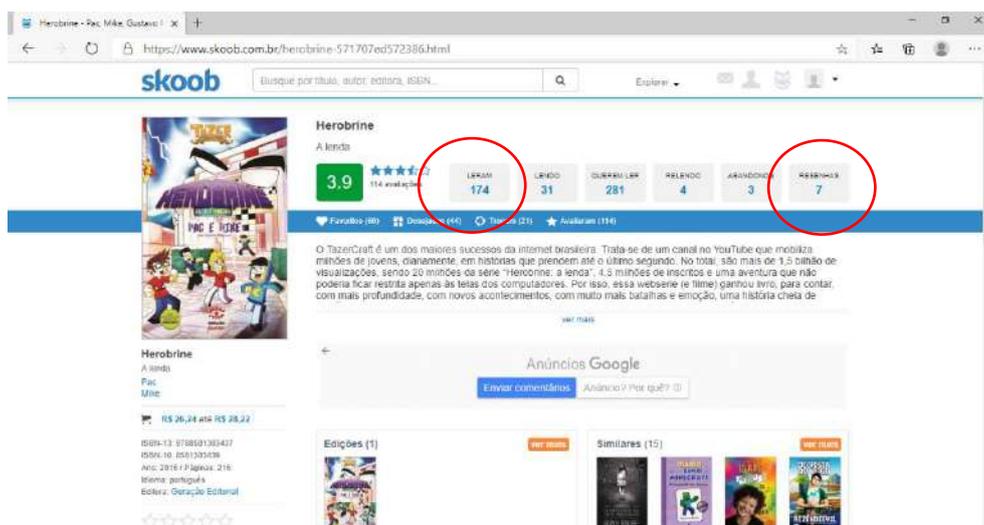
Similares (42)

[Figura 7: *printscreen* da seção Harry Potter e a Criança Amaldiçoada/ SKOOB, disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/601538ED601697>> acesso: julho de 2020]

Menos vultosos, ou bastante discrepantes se comparados àqueles dos dois títulos anteriores, os números relativos às obras nacionais se apresentam na escala de centenas ou dezenas, e não de milhares como nos anteriores. Em relação ao título “Dois mundos, um herói”, ele conta com pouco mais de 500 (quinhentas) indicações de leitores que o “leram” e com 18 (dezoito) “resenhas”, conforme a Figura abaixo. No caso do título “Herobrine”, esses números são ainda menores, contando com pouco mais de 170 (cento e setenta) indicações de membros que “leram” a obra, e 7 (sete) de “resenhas” produzidas a seu respeito, conforme a Figura 9.



[Figura 8: *printscreen* da seção Dois Mundos, Um Herói/ SKOOB, disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/530600ED539006> acesso: julho de 2020]



[Figura 9: *printscreen* da seção Herobrine/ SKOOB, disponível em: <https://www.skoob.com.br/herobrine-571707ed572386.html> acesso: julho 2020]

Empreendemos o levantamento de enunciados que expressassem ‘orgulho’ de ser leitor a partir da leitura dos comentários publicados pelos usuários da rede social SKOOB, especificamente em relação às obras obtidas a partir da triagem e pesquisa inicial acerca dos títulos juvenis estrangeiros e nacionais, *best-sellers* dos últimos cinco anos no Brasil, conforme suas publicações cronologicamente organizadas³⁰, sob a

³⁰ Ressaltamos que as informações de localização no site, os *links* gerados e as imagens printadas, com exemplos dos dados citados ou dos enunciados recortados para a análise, todos eles correspondem à data em que os acessamos/localizamos na rede social. À medida que outros usuários vão inserindo novas resenhas, esses *posts* a que nos referimos vão sendo deslocados para outras posições no site, para as

designação de “resenhas”. Em sua totalidade, foram afinal obtidos para a composição do *corpus* 308 (trezentos e oito) enunciados, dentre os quais 144 (cento e quarenta e quatro) foram extraídos dos comentários postados sobre “O Pequeno Príncipe”, 157 (cento e cinquenta e sete) sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”, 2 (dois) sobre “Dois Mundos, Um Herói” e 5 (cinco) sobre “Herobrine – A Lenda”. Desses dados, há duas ocorrências com menção direta ao ‘orgulho’, ambas em relação aos livros estrangeiros. Todas as demais ocorrências, sem nelas se citar explicitamente que se tem orgulho de ser leitor ou de ser leitor daquela obra, apresentam indícios enunciativos desse afeto. Muitas “resenhas” trazem auto qualificações dos enunciadores dos comentários. Eles se apresentam leitores por meio de adjetivos, e de outros modalizadores argumentativos como advérbios de modo ou de intensidade, por exemplo, como destacaremos na análise.

1.5 NOTAS SOBRE OS CAPÍTULOS, A ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS ENUNCIADOS EM SUAS CATEGORIAS LEITORAS

Entre as categorias observadas, quanto aos modos de expressão de orgulho de ser leitor, no *corpus* considerado, estabelecemos as seguintes³¹:

1. Leitor Pragmático / Leitor Hedonista – que diz respeito a enunciados nos quais se afirma orgulhosamente sua condição leitora, seja ao admitir que lê para obter informações, obter boas notas na escola, se tornar autor de livros, melhorar a capacidade de escrita e de concentração; seja ao afirmar seu prazer pela leitura ou pela leitura de um dado livro ou autor.
2. Leitor Tardio / Leitor Precoce – que diz respeito a enunciados nos quais se afirma orgulhosamente sua condição leitora, seja ao admitir ter iniciado tardiamente a leitura de um clássico, de um *best-seller*, de uma obra cuja leitura foi realizada ou recomendada por muitos, lida apenas tardiamente, em relação ao que o leitor em geral expressa seu arrependimento; seja ao afirmar ter lido muito

páginas em sequência. Por exemplo: um enunciado X da página N, localizado na data Y, pode hoje (data Z) estar deslocado para a página N1.

³¹ Reitere-se que essas categorias estão embasadas em categorias mais ou menos consagradas de leitura, tal como é possível verificar nos estudos empreendidos, por exemplo, de Chartier (2004) sobre as práticas de leitura na Europa no Antigo Regime.

precocemente certas obras, não necessariamente destinadas ao público infantil ou jovem.

3. Leitor voraz e intensivo / Leitor voraz e extensivo – que diz respeito a enunciados nos quais se afirma orgulhosamente sua condição leitora, seja ao se referir à voracidade na leitura de um mesmo texto, várias vezes; seja ao se referir à voracidade na leitura de vários textos, simultaneamente.
4. Leitor Tradicional / Leitor não-convencional – que diz respeito a enunciados nos quais se afirma orgulhosamente sua condição leitora, seja ao se representar como leitor que lê desde cedo, que o faz regularmente, de forma espontânea, especialmente os clássicos escolares; seja ao se representar como um leitor rebelde, que não lê o que dele se espera, que não gosta necessariamente das leituras convencionais e de sucesso de sua faixa-etária, que ostenta sua idiossincrasia com coragem ao fazer declarações que acredita serem polêmicas relativas a seus gostos peculiares de leitura.

Com a análise desses enunciados, esperamos, como dissemos antes, poder contribuir para uma melhor compreensão dos discursos sobre a leitura e, por extensão, de suas práticas exercidas no Brasil na atualidade. Esperamos, ao final da dissertação, contemplar este objetivo mais geral, com a análise de um funcionamento discursivo específico do que consensualmente se diz sobre a leitura e sobre os leitores, de como nos resguardamos, no que dizemos sobre essa prática, no valor simbólico que ela historicamente angariou. Esse aspecto específico do funcionamento dos discursos sobre a leitura é aquele relativo à enunciação de certas emoções. Tal como observa Curcino (2021, s/p), “descrever os processos que permitem a uns se sentirem leitores legítimos, orgulhosos, e a outros leitores em falta, envergonhados, é um dos meios para romper com certos estigmas e promover uma apropriação efetiva dessa prática”.

Em nossa análise discursiva de postagens de leitores jovens, membros da rede social SKOOB que apresentamos a seguir, buscamos demonstrar o papel de uma emoção particular comumente mobilizada ao se falar da leitura ou de si como leitor. O que se enuncia sobre a leitura nessas postagens nos interessa na medida em que nelas ecoam representações coletivas, consensuais, que esses jovens compartilham sobre essa prática, e eventualmente representações emergentes, dissonantes com as que estamos familiarizados em outros contextos, em relação a outros grupos de leitores.

2 JOVENS QUE LEEM COM FINALIDADE: DO ORGULHO DA LEITURA PARA FINS PRAGMÁTICOS ÀQUELA PARA FINS HEDONISTAS

Lê-se por diversas razões, mas nem todas elas, e as práticas que delas derivam, têm o mesmo prestígio cultural. Pode-se ler para obter informações pontuais, necessárias para lidar com aspectos triviais da vida em uma sociedade letrada como a nossa: lê-se uma receita para se fazer um prato; lê-se um cartaz publicitário porque ele nos apresenta onde circulamos e nos convida ao consumo de algo; lê-se para se informar de notícias contemporâneas que podem nortear nossas decisões, algumas muito complexas, como a das escolhas políticas em eleições; lê-se na escola, como previsto pelo currículo, para aceder ao conteúdo e à formação específica de diferentes disciplinas e obter notas suficientes para ser aprovado nessas disciplina; lê-se também para se divertir e para passar o tempo. Por razões culturais e históricas, em geral, esta última razão que alguns leitores invocam para explicar porque leem costuma dispor de grande prestígio. Isso pode ser observado naquilo que enunciam os jovens leitores sobre sua leitura das 4 obras que aqui nortearam nossa seleção de enunciados.

Neste capítulo, faremos o cotejamento de declarações de leitores que respondem a duas dessas razões para se ler: 1) uma mais pragmática, em geral induzida por instituições ou por situações que nos impõe a leitura de um texto específico, por razões determinadas, com uma finalidade ou utilidade prática; 2) outra mais hedonista, em geral tida por espontânea, em que o leitor escolhe realizar a leitura de um texto específico, sem uma razão motivada institucionalmente, sem uma razão senão aquela de fruição estética com uma obra ou autor que se gosta ou se imagina que irá gostar³².

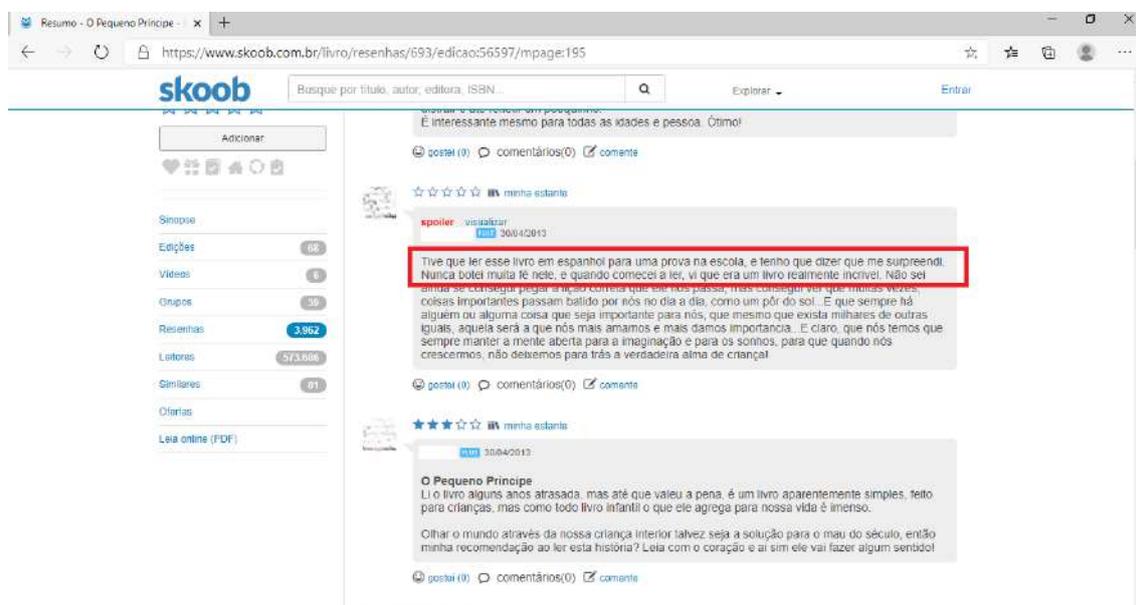
2.1 “NUNCA BOTEI FÉ NESSE LIVRO... TIVE QUE LER PARA UMA PROVA DE ESPANHOL E REALMENTE ACHEI INCRÍVEL” – O LEITOR E SUAS FINALIDADES COM A LEITURA

Ainda que menos frequente que as “resenhas” relativas às demais categorias, a condição orgulhosa de ser leitor manifesta nos enunciados que organizamos nessa

³² Barzotto & Britto (1998), entre outros pesquisadores, descreveram essas diferentes finalidades da leitura, em especial essa relativa ao discurso do “prazer” de ler. Além deles, cf. Varella (2014), Varella & Curcino (2014), Curcino (2020a), em suas análises de dados mais atuais relativos aos usos desse mote do “prazer” em campanhas de incentivo à leitura, e do caráter algumas vezes alienante na atualização desse discurso.

categoria, das leituras com finalidades pragmáticas, é expressa em uma série variada de enunciados. Em alguns deles o caráter pragmático da leitura se atribui à sua realização em função de exigências escolares. Isso implica, em geral, a alusão a uma obrigação, à exigência de uma avaliação ou atividade em âmbito escolar, com objetivos didáticos e curriculares específicos.

Embora essa motivação institucional, por vezes obrigatória, com finalidades práticas conhecidas pelo público jovem seja a origem da descoberta de obras e autores que se lerá posteriormente de forma espontânea e por prazer, o que em geral se observa é sempre essa relação de pesos e de valores distintos, entre o que se lê por obrigação, obrigação esta que recai sobre um grupo, e o que se lê espontaneamente como sendo uma escolha individual, particular, subjetiva.



(Figura 10: *printscreen* do Enunciado 1 da plataforma SKOOB)

Enunciado 1³³

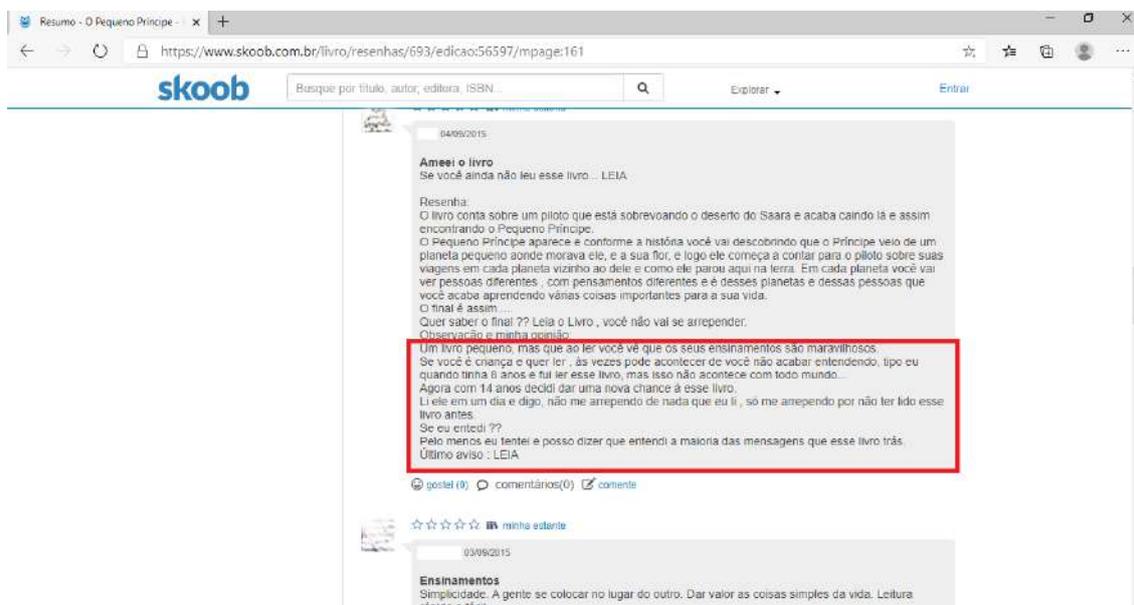
Tive que ler esse livro em espanhol para uma prova na escola, e tenho que dizer que me surpreendi. Nunca botei muita fé nele, e quando comecei a ler, vi que era um livro realmente incrível³⁴. [30/04/2013]

Em outros enunciados, essa motivação de ordem mais pragmática para a leitura é menos evidente. Ela responde a injunções de outra ordem. É o caso daqueles que leem

³³ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:195>> Acesso: 18/08/2020.

³⁴ A transcrição dos enunciados para a dissertação manteve a forma original (ortografia, sintaxe, grifos etc.) como figuram esses comentários na rede social.

obras ficcionais destinadas à fruição, que, no entanto, são lidas com outras chaves interpretativas e de viés também pragmático, com a finalidade de formação e obtenção de informação. Esse objetivo é evidenciado no papel que assumem esses leitores de recomendar a leitura da obra a outros leitores e de explicitar esses objetivos finalísticos, pragmáticos, tendo em vista “as mensagens” da obra.

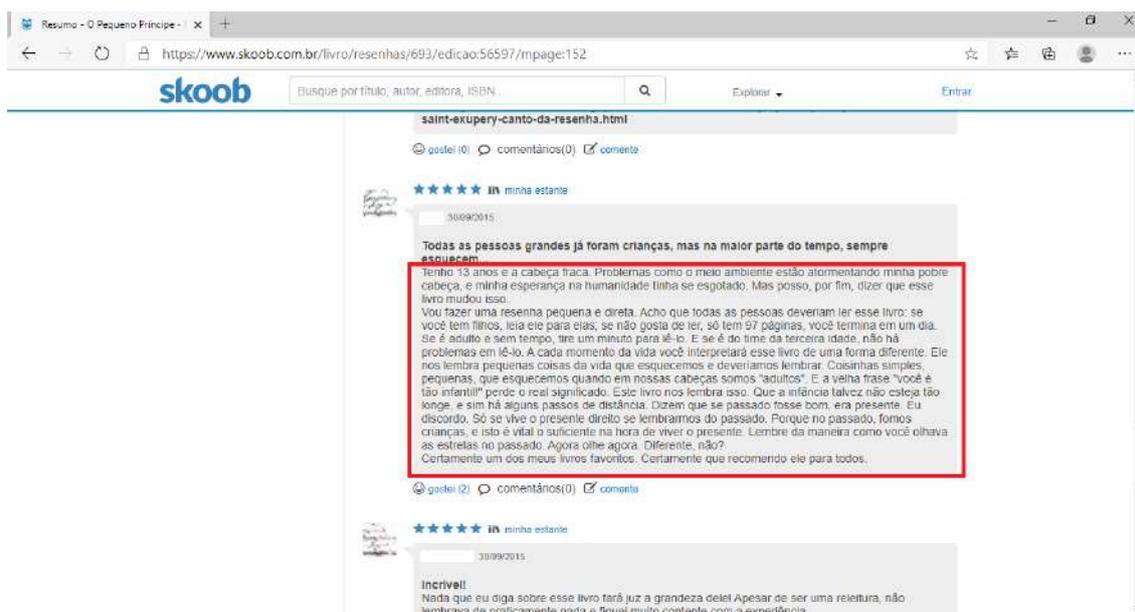


(Figura 11: *printscreen* do Enunciado 2 da plataforma SKOOB)

Enunciado 2³⁵

Um livro pequeno, mas que ao ler você vê que os seus ensinamentos são maravilhosos. Se você é criança e quer ler, às vezes pode acontecer de você não acabar entendendo, tipo eu quando tinha 8 anos e fui ler esse livro, mas isso não acontece com todo mundo... **Agora com 14 anos decidi dar uma nova chance à esse livro. Li ele em um dia e digo, não me arrependo de nada que eu li, só me arrependo por não ter lido esse livro antes.** Se eu entendi?? Pelo menos eu tentei e posso dizer que entendi a **maioria das mensagens que esse livro trás.** Último aviso: **LEIA.** [04/09/2015]

³⁵ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:161>> Acesso: 17/08/2020.



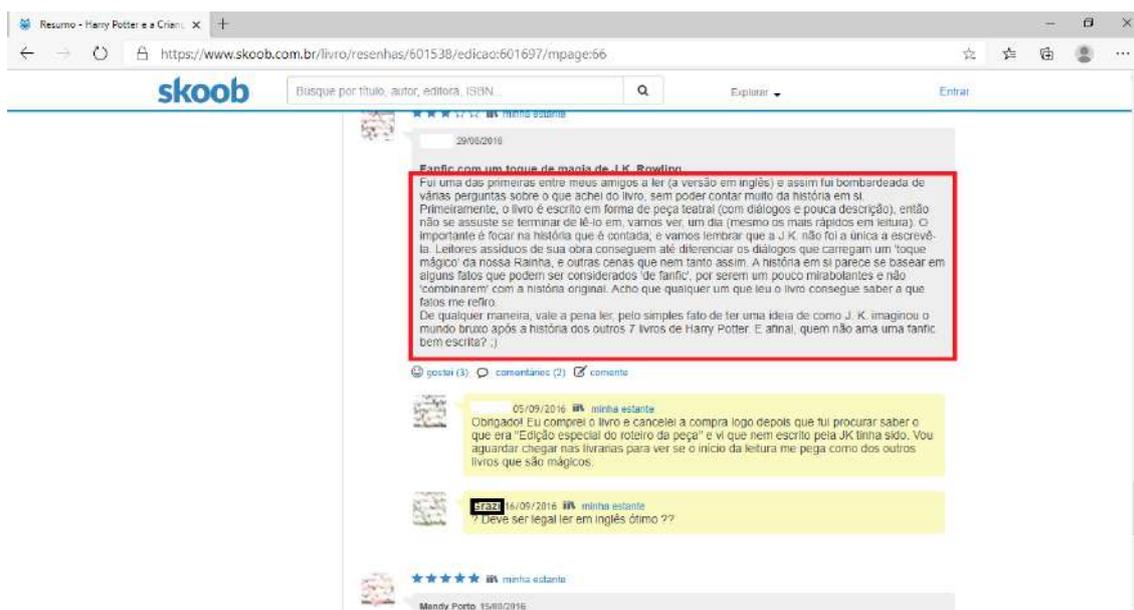
(Figura 12: *printscreen* do Enunciado 3 da plataforma SKOOB)

Enunciado 3³⁶

Tenho 13 anos e a cabeça fraca. Problemas como o meio ambiente estão atormentando minha pobre cabeça, e minha esperança na humanidade tinha se esgotado. **Mas posso, por fim, dizer que esse livro mudou isso.** Vou fazer uma resenha pequena e direta. Acho que todas as pessoas deveriam ler esse livro: se você tem filhos, leia ele para elas; se não gosta de ler, só tem 97 páginas, você termina em um dia. Se é adulto e sem tempo, tire um minuto para lê-lo. E se é do time da terceira idade, não há problemas em lê-lo. A cada momento da vida você interpretará esse livro de uma forma diferente. (...) **Certamente um dos meus livros favoritos.** Certamente que recomendo ele para todos. [30/09/2015]

Em outros casos, essa motivação leitora, de ordem mais prática, é expressa como resultante das demandas de certas comunidades leitoras de fãs. Mais do que a fruição ou conjuntamente à fruição, alguns buscam com a leitura se antecipar a outros leitores na leitura-decodificação de uma obra aguardada. É a precedência, em relação a outros, que constitui a principal chave motivadora da leitura. Como fã, lê-se para continuar sendo reconhecida como fã, lê-se para continuar fazendo parte do grupo de fãs, lê-se antes de todos para afirmar esse pertencimento.

³⁶ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:152>> Acesso: 17/08/2020



(Figura 13: *printscreen* do Enunciado 4 da plataforma SKOOB)

Enunciado 4³⁷

Fui uma das primeiras entre meus amigos a ler (a versão em inglês) e assim fui bombardeada de várias perguntas sobre o que achei do livro, sem poder contar muito da história em si. Primeiramente, o livro é escrito em forma de peça teatral (com diálogos e pouca descrição), então não se assuste se terminar de lê-lo em, vamos ver, um dia (mesmo os mais rápidos em leitura). O importante é focar na história que é contada; e vamos lembrar que a J.K. não foi a única a escrevê-la. Leitores assíduos de sua obra conseguem até diferenciar os diálogos que carregam um 'toque mágico' da nossa Rainha, e outras cenas que nem tanto assim. De qualquer maneira, vale a pena ler, pelo simples fato de ter uma ideia de como J. K. imaginou o mundo bruxo após a história dos outros 7 livros de Harry Potter. E afinal, quem não ama uma fanfic bem escrita? ;) [29/08/2016]

Nesta categoria, aquilo que se enuncia de forma orgulhosa sobre si como leitor tende a exprimir uma prática desse jovem leitor que, ainda que empreendida por obrigação ou qualquer outra finalidade que não necessariamente pela decisão espontânea e particular, ainda assim pode ser um modo de leitura de que se tenha orgulho, desde que acompanhado de alguma justificativa dessa apropriação que depois se assemelha ao prazer de ler, comum às leituras que se faz não por obrigação, que se garimpa e que se faz para autorrealização de si como leitor.

O leitor pragmático, desse modo, conjuga o ato 'ler por ler', para fruição, a um objetivo específico visado, prático, seja induzido por demandas da escola, seja obter e recomendar algum resultado com a mensagem que a obra pode transmitir, seja para sair na dianteira da descoberta de uma obra em relação a outros fãs, de seu grupo de

³⁷ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:66>> Acesso: 30/11/2020.

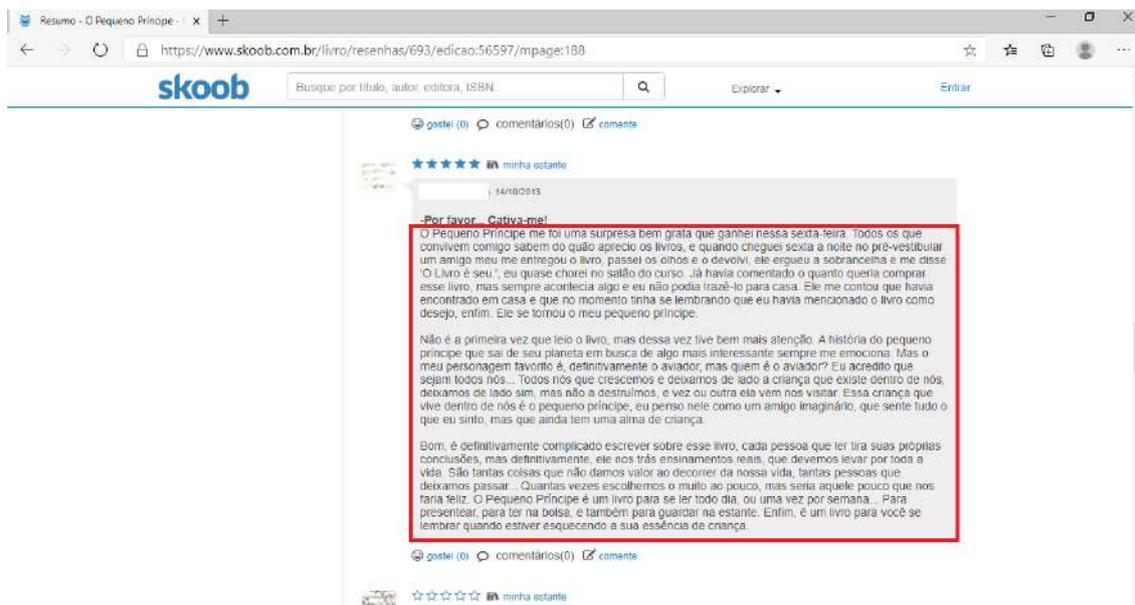
sociabilidades leitoras etc.). Em geral, ler com finalidade pragmática destoa do discurso dominante, segundo o qual, na escala de valoração simbólica da leitura, vale mais quem lê por ler, do que quem lê para um fim prático. Isso, portanto, não seria necessariamente motivo de orgulho e de ostentação como prática leitora.

No entanto, o que vimos até o momento analisando as postagens desses jovens leitores é o de que essas finalidades de leitura mais pragmáticas são, elas também, práticas de leitura que se pode ostentar com orgulho. Ainda que a leitura não tenha resultado diretamente de uma escolha própria, nem tenha sido realizada prioritariamente com vistas à fruição individual, a sua realização assegura efeitos positivos a esses leitores que assim se declaram leitores, com orgulho, de forma orgulhosa.

Esses enunciados, nos quais nos deparamos com discursos sobre a leitura mais afeitos a essa categoria da leitura pragmática, são, em alguns casos, atravessados por discursos próprios da categoria da leitura hedonista. Assim, em um mesmo enunciado é possível observar essas duas injunções ao que dizer e ao modo de dizer relacionados ao orgulho de ser leitor.

2.2 “EU AMEI ESSE LIVRO! QUE EDIÇÃO MARAVILINDA!” – O LEITOR EM BUSCA DO PRAZER DE LER

A matriz daquilo que se enuncia no interior desta categoria de leitor hedonista é aquela dos discursos que afirmam o prazer de ler, a busca pela satisfação de nossas necessidades emotivas, para fruição e entretenimento. Nela se encontra tanto a expressão desse prazer obtido pela estética expressa no conteúdo da obra ou na forma do livro. Assim, vemos no que enunciam esses jovens leitores tanto a alusão à beleza e ao prazer estético do que encontram no texto quanto do que encontram na contemplação do livro, em sua forma editorial, em sua composição material. Essa relação afetiva e estética com as obras é evocada discursivamente pelo apelo ao relato das emoções vivenciadas euforicamente na leitura, como pelo recurso a uma enunciação hiperbólica dessa euforia.



(Figura 14: *printscreen* do Enunciado 5 da plataforma SKOOB)

Enunciado 5³⁸

O Pequeno Príncipe me foi uma surpresa bem grata que ganhei nessa sexta-feira. **Todos os que convivem comigo sabem do quão aprecio os livros, e quando cheguei sexta a noite no pré-vestibular um amigo meu me entregou o livro**, passei os olhos e o devolvi, ele ergueu a sobrancelha e me disse 'O Livro é seu.', **eu quase chorei no salão do curso**. Já havia comentado o quanto queria comprar esse livro, mas sempre acontecia algo e eu não podia trazê-lo para casa. Ele me contou que havia encontrado em casa e que no momento tinha se lembrando que eu havia mencionado o livro como desejo, enfim. Ele se tornou o meu pequeno príncipe. **Não é a primeira vez que leio o livro, mas dessa vez tive bem mais atenção**. A história do pequeno príncipe que sai de seu planeta em busca de algo mais interessante sempre **me emociona**. (...) **O Pequeno Príncipe é um livro para se ler todo dia, ou uma vez por semana... Para presentear, para ter na bolsa, e também para guardar na estante**. [14/10/2013]

³⁸ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:188>> Acesso: 17/08/2020.



(Figura 15: *printscreen* do Enunciado 6 da plataforma SKOOB)

Enunciado 6³⁹

Eu amei esse livro, minha melhor leitura de 2016! E essa edição capa dura da Rocco tá muito **maravilhosa!** Assim como muitos fãs, sonhava por uma continuação da saga do bruxinho, não queria que as coisas acabassem ali em *As Relíquias da Morte*. E aí chega *A Criança Amaldiçoada* para dar um tico de esperança para nós, potterheads! **Já quero mais livros**, mais peças (...). Não sei o que estão reclamando por aí, nem dei atenção a opiniões contrárias ao 8º volume, sorry. Para quem não está acostumado a ler no formato em que o livro se encontra (roteiro de uma peça, pouca ou nenhuma narração e 90% falas), posso até entender que não tenha gostado desse detalhe. Já eu só tenho elogios. (...) Adoraria assistir à peça! **Meu favorito com certeza.** Tenha uma boa leitura! [14/08/2017]

Não somente se relata o tipo de sentimento altamente positivo de se sentir ao se ler, e especialmente ao se ler uma obra ficcional, como também isso é feito de forma intensa, acentuada, exagerada até. Não basta ter lido. É preciso ter lido em conformidade com as emoções compartilhadas na recepção da obra pela maioria dos demais jovens leitores e fãs. Ser fã autoriza os exageros na referência ao modo como se leu a obra e na descrição dos efeitos que ela proporcionou. Ser fã não apenas autoriza como compele a ler de forma apaixonada e a enunciar isso de maneira hiperbólica, o que é ainda mais autorizado pelo meio de realização dessa enunciação, ou seja, de forma virtual, em uma rede social, na qual se torna pública uma opinião.

Tal como constataram Andretta & Curcino (2012, p. 213), a circulação virtual, em redes sociais estabelece, particularmente entre os jovens, uma estética de

³⁹ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:39>> Acesso: 11/11/2020.

enunciação, que preza “pelo tom informal, conversacional, [até mesmo] íntimo”, sem descuidar no caso destes comentários que se incumbem da “resenha” da obra de uma certa preocupação com a forma de enunciar mais adequada e aproximada àquela da estética da crítica literária “que implica um modo de comentar segundo um modelo, ou eco, da crítica literária convencional, escrita e tradicional”, segundo o qual é preciso ter argumentos para afirmar a qualidade ou o defeito do texto avaliado, é preciso dominar um certo jargão técnico (enredo, gênero roteiro, estilo teatral etc.) que ateste sua proficiência crítica e sua capacidade de julgar forma e conteúdo.

Nestes comentários, o prazer de ler enunciado e os modos de enunciá-lo são a forma de expressão do orgulho de ser leitor, atuam como o modo de ostentar esse pertencimento à categoria dos leitores, não de qualquer leitor, mas daqueles que leem selecionam o que gostam de ler, que demonstram esse seu gosto pela leitura constante, várias vezes de um mesmo título, pela sua fidelidade a um autor e de uma obra em suas diversas versões, autenticando sua condição de fã, pela descrição das emoções sentidas na leitura da obra, tal como se espera dos bons leitores e da leitura de obras que visam a produção dessas emoções, em resposta à identificação com o que o vivem os personagens. Esses aspectos como é possível notar estão presentes nos trabalhos fundadores da teoria literária brasileira tal qual “A literatura e a Formação do Homem” do crítico literário brasileiro Antônio Cândido (1972).

Desta categoria, ‘Leitor pragmático / Leitor hedonista’, advém talvez a representação mais comum do que é ser leitor entre os jovens. Sua leitura deve ser prioritariamente uma leitura por prazer, para entretenimento, em contraposição às obrigações escolares. Não sem razão esse aspecto é muito explorado nas campanhas de promoção da leitura⁴⁰ e no marketing editorial de obras e autores. Segundo Barzotto & Britto (1998)⁴¹, a afirmação da leitura como prazer remonta às formas de entretenimento burguês do século XIX europeu, e dado seu caráter restrito, já que poucos podiam exercer essa prática, ainda mais com essa finalidade que é a de não ter finalidade, frequentemente se estabelece esse prazer como uma capacidade restrita a poucos porque relacionada ao gosto, à predileção do indivíduo, em sua faceta mais idealizada, como a do leitor que lê por ler, de forma espontânea, frequente e precoce.

⁴⁰ Cf. Varela & Curcino (2014).

⁴¹ Cf. Britto & Barzotto (1998).

(Figura 16: *printscreen* do Enunciado 7 da plataforma SKOOB)**Enunciado 7⁴²**

Minha gente, o que falar de Harry Potter? Escrita por J.K. Rowling, é **minha saga preeeferida, amo amo de verdade**. Meu sonho é conhecer os sets de filmagens, os parques temáticos, **ter muito e muitos objetos potterheads na minha casa hahauha JK ROWLING ME NOTA MIGA TE AMO!!!** Essa mulher é incrível, genial e escreveu de forma impar e espetacular essa saga extraordinária que sou apaixonada desde criança!!! Vejo que algumas pessoas tem preconceito com a saga, consideram uma história infantil... Mas não é, gente! Sério! Não importa a sua idade, dê uma chance para Harry Potter que você vai se apaixonar pelo mundo mágico! A história faz sentido, não tem furos, e te segura do início ao fim. Todos os livros são importantes, muitas coisas que você vê nos primeiros livros são explicados nos últimos livros, tudo faz sentido, JK soube ligar cada ponto dessa história magnífica. Temos lições sobre amor, amizade e lealdade. **É simplesmente viciante!** [25/06/2018]

⁴² Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:33>> Acesso: 02/11/2020.



(Figura 17: *printscreen* do Enunciado 8 da plataforma SKOOB)

Enunciado 8⁴³

Gente, essa resenha vai ser meio complicada pra mim emocionalmente, então se ela estiver um pouco bagunçada ou longa demais vocês me desculpem, mas eu não sei me controlar quando se trata de Harry Potter. **É a minha série de livros favoritas, foi uma das primeiras leituras que me fizeram gostar de ler quando eu ainda era criança, e se não fosse por esses livros, eu não sei se eu teria o gosto por literatura que eu tenho hoje.** [25/03/2017]

É bastante sensível esse orgulho de ser leitor, mas não de qualquer obra, nem de qualquer jeito. Embora nosso *corpus* nos permita fazer considerações com base nos comentários dessas 4 obras que indicamos como fonte para a seleção dos dados, são ainda assim muito expressivas do que ocorre em geral quando jovens leitores comentam o que leram e tornam públicos seus gostos de leitura. Nesses comentários flagramos aquelas características apontadas por Ceccantini (2009; 2016) acerca do perfil leitor de jovens dessa faixa etária e geracional. Leem mais do que em geral se afirma a seu respeito, apreciam obras extensas, especialmente contemporâneas, e o fazem com relativa frequência e sem que necessariamente precisem corresponder a finalidades práticas como as demandas escolares, ainda que as demandas escolares sejam relevantes para o fomento de suas leituras⁴⁴. São leitores que, assim como se espera de leitores maduros, valorizam a atribuição da autoria, da qualidade estética do suporte e são

⁴³ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:44>> Acesso: 11/11/2020.

⁴⁴ Cf. Ceccantini (2009; 2016).

capazes de se referir a características do gênero e do estilo do autor⁴⁵. Ainda segundo o autor, é próprio de seu perfil a importância que atribuem à avaliação de seus pares e dos grupos nos quais se inscrevem e a partir dos quais forjam sua identidade leitora. São também mais receptivos à oferta do mercado editorial, quanto à novidade⁴⁶ e quanto àquelas obras que rapidamente se propagam graças a várias formas de sua publicização, como a derivação de filmes, de jogos, de produtos que alimentam a cultura *fanfic*.

Assim, o modo como se apresentam leitores, orgulhosos de o serem, ao comentarem essas obras responde tanto a essas características etárias e geracionais, como também àquelas aos discursos mais consensuais sobre o que é ser leitor ideal, que perduram ao longo da história em nossa cultura. Muitos recuperam as formas idealizadas de se avaliar o que lemos. Uma delas é justamente a do maior valor que se atribui à leitura de obras ficcionais, que gozem de alguma validação cultural, cuja leitura é realizada por gosto, por prazer, sem uma finalidade prática imediata e sem que suas leituras coincidam com aquelas orientadas mais comumente em âmbito escolar. Alguns desses leitores demonstram isso, ao se referirem a sua capacidade ler em outras línguas, e por isso de ter acesso aos títulos em sua versão original. Eles assim se representam como parte do grupo dos *herdeiros*, a que se refere Roger Chartier (2019), retomando a categoria empregada por Pierre Bourdieu (2006).

⁴⁵ Cf. Ceccantini & Pereira (2008).

⁴⁶ Cf. Ceccantini (2009).

3 JOVENS LEITORES: DA CULPA DE NÃO LER AO PRAZER DE SER LEITOR

Como já apresentamos, em função dos discursos que circulam consensualmente sobre a leitura, certas práticas leitoras detêm mais prestígio que outras, por isso delas nos orgulhamos e afirmamos nosso prazer em ler tal como lemos. Outras, ao contrário, são em geral depreciadas e produzem um efeito de sentido avesso: o da vergonha, expressa sob a forma de ‘culpa’. Esta última não se restringe à não-leitura, mas também diz respeito à leitura feita em desacordo com o que em geral é valorizado, em especial com aquela feita fora do tempo idealmente previsto. Nos casos que analisaremos a seguir, não se trata apenas de um orgulho ou vergonha relacionado à leitura em si, ou seja, ao fato de se ler ou de não se ler, mas antes do orgulho do que se lê e, principalmente, de quando se leu o que se leu.

Há, desse modo, um aspecto fundamental da força simbólica que age sobre nossas escolhas de leitura de *certas* obras e não de outras: há obras que são consideradas indispensáveis no repertório de um leitor, em função de um conjunto de dizeres que assim o determina, provindos de diferentes fontes, principalmente institucionais, de circulação e de recepção das mesmas. Não se é “menos” leitor pela leitura de obras não abrangidas no rótulo dos clássicos, mas se é “mais” leitor por sua leitura e, mais ainda, se se dominar a aptidão de falar convencionalmente a seu respeito, tal como discute Pierre Bayard (2007), e se o fizer no tempo adequado, de modo adequado. Essa escala valorativa inclui, portanto, entre o que é bom dizer quando se fala da leitura ou de si como leitor, a declaração do gosto de ler, de ler desde sempre, de ler muito, de ler certas obras, de lê-las como é preciso, de lê-las quando é preciso⁴⁷, segundo esses valores compartilhados e transmitidos, inclusive por instituições como a escola⁴⁸. Conforme Abreu (2006a, p. 19):

A escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal.

⁴⁷ Vários autores já demonstraram em seus trabalhos o quanto os discursos sobre a leitura determinam os consensos que regem o que em geral todos nós dizemos sobre essa prática, tais como Britto (1999) e Abreu (2001, 2006). Destaco ainda os trabalhos realizados por pesquisadores do grupo de pesquisa em que atuo, LIRE-CNPq/UFSCar: Curcino (2016; 2018; 2019); Varella & Curcino (2014); Manfrim & Curcino (2020); Curcino, Varella & Oliveira (2019); Borges, Curcino & Cassany (2021), entre outros.

⁴⁸ Sobre o papel da escola na reprodução e na validação dos discursos consensuais sobre a leitura, cf. ainda Curcino & Dourado (2019).

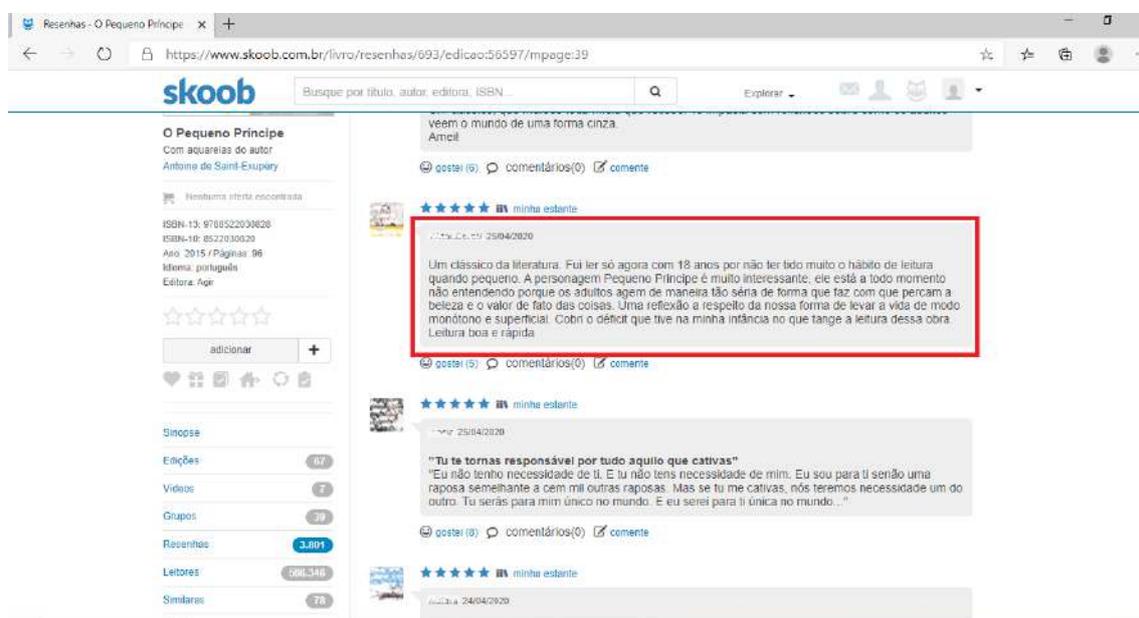
Neste capítulo, procuramos explorar nas declarações sobre a leitura, postadas pelos membros da rede SKOOB concernidos, um aspecto bastante reiterado: aquele da precocidade ou do atraso na leitura de certas obras, em especial aquelas que se lê espontaneamente, sem uma demanda escolar específica, por prazer, de gênero e de autor em geral consagrados, sobre os quais se afirma a importância e a necessidade de serem lidos e de serem lidos em certas etapas da vida e de certas formas e não outras. Assim, ler certas obras torna-se “uma questão de honra”, uma razão para se sentir orgulho ou vergonha, assim como ter lido essas obras no momento convencionalmente definido como adequado, nem precoce nem tardiamente. É esse aspecto em torno do consenso quanto ao momento adequado de se ler um determinado texto – aliás bastante comum nos discursos que regulam o que pode e deve ser enunciado sobre a leitura – o que vamos tratar a seguir, demonstrando o quanto isso pode ser ou não fonte de orgulho ou vergonha quando um jovem fala de si como leitor.

3.1 “POR QUE NÃO LI ANTES? O LEITOR TARDIO

Na interpretação das formas de representação orgulhosa de si como leitor, observamos ser bastante regular, no conjunto de dados que levantamos, aquela que denominamos de “leitor tardio”. Nela se inscrevem enunciados cuja forma de manifestação do orgulho de ler se traduz sob a forma da confissão de uma culpa, que é razão suficiente para se ter vergonha de ainda não ter lido certas obras e autores, cuja leitura tardia exigiria de verdadeiros leitores uma retratação, uma justificativa, tais como as que são apresentadas nas declarações analisadas a seguir.

Os enunciados analisados apresentam um aspecto em comum: há neles sempre a evocação da vergonha de não ter lido mais cedo uma dada obra, seja por imaturidade, seja por negligência, seja por incompreensão de sua importância, seja até mesmo de certo preconceito com o título, seja por não ter sido apresentado antes à obra. Dentre esses argumentos, o mais frequente é o da imaturidade, na infância e começo da adolescência, para compreender a riqueza do texto e com isso fruí-la como deveria. Em paralelo a essa retratação de uma falha, de um erro, vemos sempre a afirmação da leitura tardia como uma forma de remissão dessa culpa, como uma descoberta, feita ainda que tardiamente, e da qual se orgulhar. A revelação formulada como se fosse a de

um “pecado”, uma “falha”, um “erro”, é assim a ocasião ideal para a admissão de uma “culpa” e, por meio dela, para a obtenção de uma “remissão” ou “redenção”, ou seja, de uma sanção positiva do grupo de leitores de que se faz parte ou junto ao qual se busca aceitação. Em geral, o modo como se enuncia essa retratação se assemelha ao de outros gêneros, como ao da confissão, no qual é preciso reconhecer um erro, de maneira arrependida, o que expressa em geral pela afirmação da qualidade da obra, pela demarcação do tempo idealizado no qual se deveria ter lido contraposto ao da efetivação tardia da leitura, o que é sempre acompanhado de recursos linguísticos qualificadores e quantificadores.

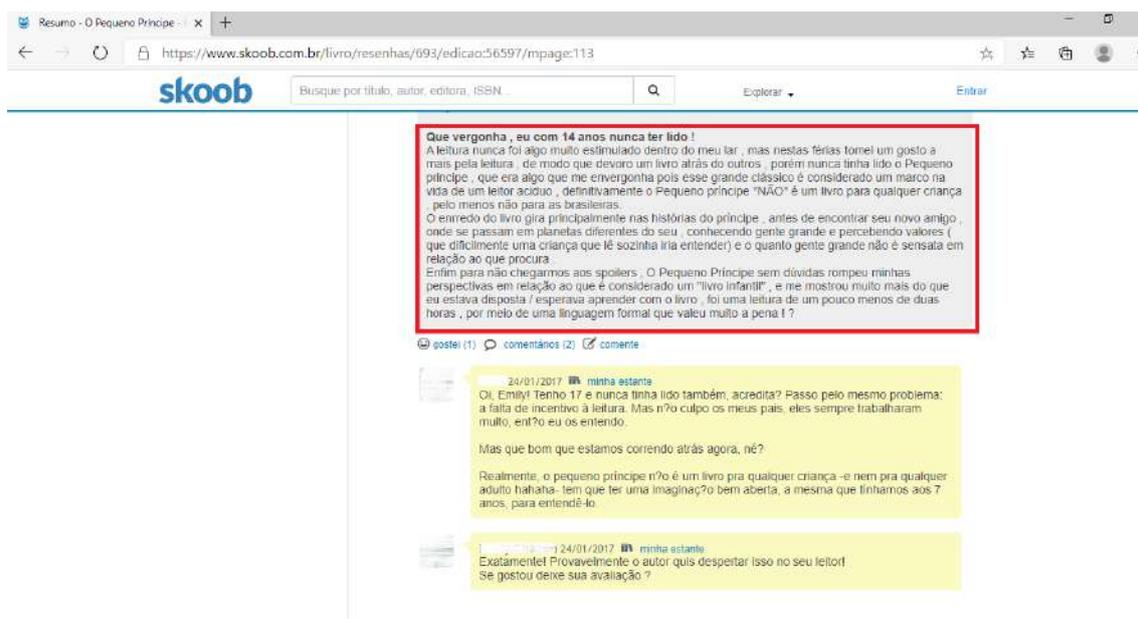


(Figura 18: *printscreen* do Enunciado 9 da plataforma SKOOB)

Enunciado 9⁴⁹

Um clássico da literatura. Fui ler só agora com 18 anos por não ter tido muito o hábito de leitura quando pequeno. (...) Uma reflexão a respeito da nossa forma de levar a vida de modo monótono e superficial. Cobri o déficit que tive na minha infância no que tange a leitura dessa obra. Leitura boa e rápida. [25/04/2020]

⁴⁹ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:39>> Acesso: 26/07/2020.

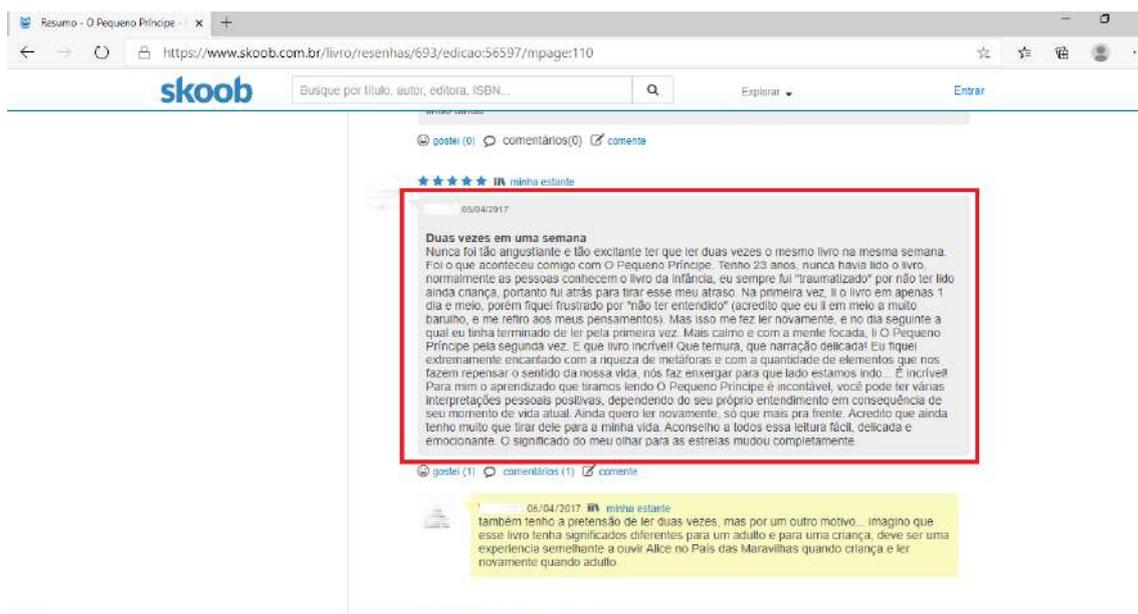


(Figura 19: *printscreen* do Enunciado 10 da plataforma SKOOB)

Enunciado 10⁵⁰

Que vergonha, eu com 14 anos nunca ter lido! A leitura nunca foi algo muito estimulado dentro do meu lar, mas nestas férias tomei um gosto a mais pela leitura, de modo que devoro um livro atrás do outros, porém nunca tinha lido o Pequeno príncipe, que era algo que me envergonha pois esse grande clássico é considerado um marco na vida de um leitor ácido, definitivamente o Pequeno príncipe *NÃO* é um livro para qualquer criança, pelo menos não para as brasileiras. O enredo do livro gira principalmente nas histórias do príncipe, antes de encontrar seu novo amigo, onde se passam em planetas diferentes do seu, conhecendo gente grande e percebendo valores (que dificilmente uma criança que lê sozinha iria entender) e o quanto gente grande não é sensata em relação ao que procura. Enfim para não chegarmos aos spoilers, O Pequeno Príncipe sem dúvidas rompeu minhas perspectivas em relação ao que é considerado um “livro infantil”, e me mostrou muito mais do que eu estava disposta/ esperava aprender com o livro, foi uma leitura de um pouco menos de duas horas, por meio de uma linguagem formal que valeu muito a pena! [24/01/2017]

⁵⁰ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:113>> Acesso: 11/08/2020.

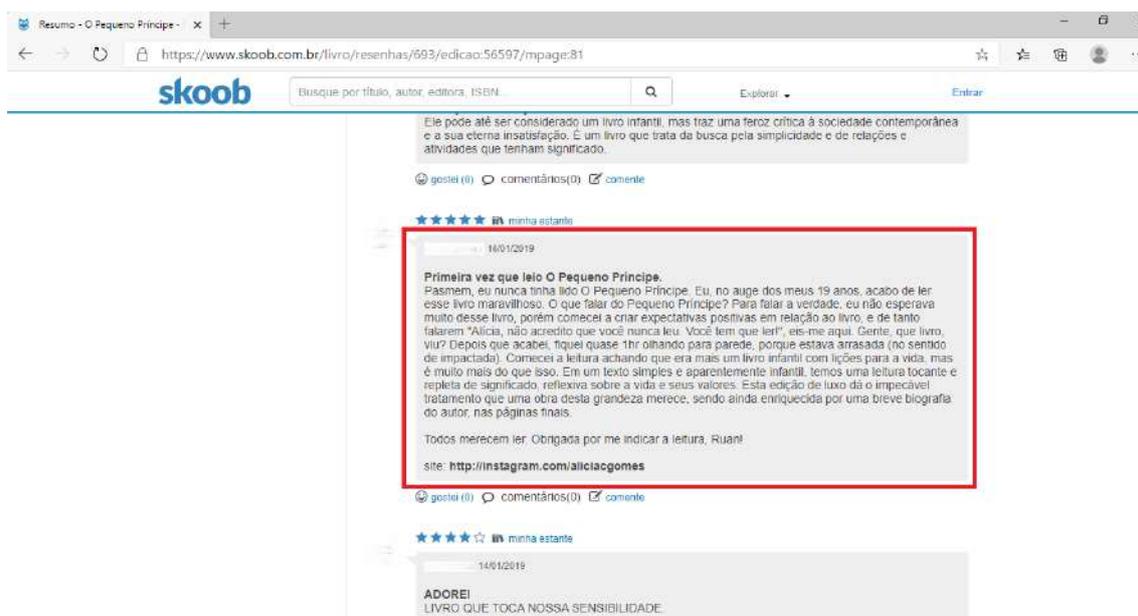


(Figura 20: *printscreen* do Enunciado 11 da plataforma SKOOB)

Enunciado 11⁵¹

Duas vezes em uma semana. Nunca foi tão angustiante e tão excitante ter que ler duas vezes o mesmo livro na mesma semana. Foi o que aconteceu comigo com O Pequeno Príncipe. **Tenho 23 anos, nunca havia lido o livro, normalmente as pessoas conhecem o livro da infância, eu sempre fui “traumatizado” por não ter lido ainda criança, portanto fui atrás para tirar esse meu atraso.** Na primeira vez, li o livro em apenas 1 dia e meio, porém fiquei frustrado por “não ter entendido” (acredito que eu li em meio a muito barulho, e me refiro aos meus pensamentos). Mas isso me fez ler novamente, e no dia seguinte ao qual eu tinha terminado de ler pela primeira vez. Mais calmo e com a mente focada, li O Pequeno Príncipe pela segunda vez. E que livro incrível! Que ternura, que narração delicada! Eu fiquei extremamente encantado com a riqueza de metáforas e com a quantidade de elementos que nos fazem repensar o sentido da nossa vida, nós faz enxergar para que lado estamos indo... É incrível! Para mim o aprendizado que tiramos lendo O Pequeno Príncipe é incontável, você pode ter várias interpretações pessoais positivas, dependendo do seu próprio entendimento em consequência de seu momento de vida atual. Ainda quero ler novamente, só que mais pra frente. Acredito que ainda tenho muito que tirar dele para a minha vida. Aconselho a todos essa leitura fácil, delicada e emocionante. [05/04/2017]

⁵¹ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:110>> Acesso: 11/08/2020.



(Figura 21: *printscreen* do Enunciado 12 da plataforma SKOOB)

Enunciado 12⁵²

Primeira vez que leio O Pequeno Príncipe. Pasmem, eu nunca tinha lido O Pequeno Príncipe. Eu, no auge dos meus 19 anos, acabo de ler esse livro maravilhoso. O que falar do Pequeno Príncipe? Para falar a verdade, eu não esperava muito desse livro, porém comecei a criar expectativas positivas em relação ao livro, e de tanto falarem “Alícia, não acredito que você nunca leu. Você tem que ler!”, eis-me aqui. Gente, que livro, viu? Depois que acabei, fiquei quase 1hr olhando para parede, porque estava arrasada (no sentido de impactada). Comecei a leitura achando que era mais um livro infantil com lições para a vida, mas é muito mais do que isso. Em um texto simples e aparentemente infantil, temos uma leitura tocante e repleta de significado, reflexiva sobre a vida e seus valores. Esta edição de luxo dá o impecável tratamento que uma obra desta grandeza merece, sendo ainda enriquecida por uma breve biografia do autor, nas páginas finais. Todos merecem ler. [16/01/2019]

Em todos os 4 enunciados transcritos há uma regularidade **do que enunciar** e **de como enunciar**. Quanto ao que enunciar, é sensível que:

- 1) Em todos, se afirma o caráter excepcional do livro que é “um clássico”, “um grande clássico” que dispensa apresentações, que deveria ter sido lido antes, na “infância”, “quando pequeno” e cuja leitura tardia “envergonha”;
- 2) Neles, se explicita o consenso de que se trata de obra que deveria ter sido lida na infância, por meio da divulgação da idade atual e considerada avançada para a sua leitura (“Fui ler só agora com 18 anos”; “Tenho 23 anos”; “Eu, no auge dos meus 19 anos”);

⁵² Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:81>> Acesso: 07/08/2021.

3) Neles, se justifica porque não se leu quando, segundo o imaginário compartilhado, se deveria ter lido essa obra (“por não ter tido muito o hábito de leitura quando pequeno”; “A leitura nunca foi algo muito estimulado dentro do meu lar”; “normalmente as pessoas conhecem o livro da infância”);

4) Neles, se demonstra que de fato realizaram a leitura do livro e por isso podem emitir uma opinião mais geral ou mais detalhada sobre o seu conteúdo acompanhada de impressões avaliativas do mesmo (En. 9: “Uma reflexão a respeito da nossa forma de levar a vida de modo monótono e superficial [...] Leitura boa e rápida.”; En. 10: “o Pequeno príncipe *NÃO* é um livro para qualquer criança, pelo menos não para as brasileiras. O enredo do livro gira principalmente nas histórias do príncipe, antes de encontrar seu novo amigo, onde se passam em planetas diferentes do seu, conhecendo gente grande e percebendo valores (que dificilmente uma criança que lê sozinha iria entender) e o quanto gente grande não é sensata em relação ao que procura.”; En. 11: “que livro incrível! Que ternura, que narração delicada! Eu fiquei extremamente encantado com a riqueza de metáforas e com a quantidade de elementos que nos fazem repensar o sentido da nossa vida, nós faz enxergar para que lado estamos indo... É incrível!”; En. 12: “Em um texto simples e aparentemente infantil, temos uma leitura tocante e repleta de significado, reflexiva sobre a vida e seus valores. Esta edição de luxo dá o impecável tratamento que uma obra desta grandeza merece, sendo ainda enriquecida por uma breve biografia do autor, nas páginas finais.”);

5) Neles, se expressa a vergonha de não ter lido quando, segundo o consenso, já se deveria ter lido, empregando para isso termos como “déficit” (En. 9: “Cobri o **déficit** que tive na minha infância”), “vergonha” (En. 10: “Que **vergonha** [...] era algo que me **envergonha**”), “atraso” (En. 11: “portanto fui atrás para tirar esse meu **atraso**.”);

6) Neles, por fim, se enuncia o orgulho, o prazer, e mesmo o alívio de ter lido ainda que tardiamente esse livro, o que se depreende não apenas das avaliações eufóricas das qualidades da obra, do relato do impacto positivo que essa leitura provocou no leitor que enuncia (En. 10: “me mostrou muito mais do que eu estava disposta/ esperava aprender com o livro”; En. 11: “Acredito que ainda tenho muito que tirar dele para a minha vida.”); como também da recomendação

de leitura da obra (En. 11: “Aconselho a todos essa leitura fácil, delicada e emocionante;”. En. 12: “Todos merecem ler”);

Quanto **ao modo como enunciam**, eles se valem de uma série de modalizadores, em especial advérbios, que atestam seu mal-estar com a leitura tardia (En. 9: “Fui ler **só agora**”, En. 10: “**nunca** tinha lido”, En. 11: “**nunca** havia lido o livro”, En. 12: “Pasmem eu **nunca** tinha lido o livro [...] Eu **no auge** dos meus 19 anos”). Também empregam modalizadores para demonstrar o seu orgulho de terem finalmente lido, com o emprego de um léxico intensificador (En. 10: “**devoro** um livro atrás do outros, [...] esse **grande clássico** é considerado um **marco na vida** de um leitor **aciduo**”; En. 11: “Eu fiquei **extremamente** encantado com a **riqueza** de metáforas”).

Assim, a “culpa” de não ter lido um dado livro quando se devia é declarada apelando para um tom confessional e se valendo de termos qualificadores e intensificadores de um gesto leitor dissonante do que se considera ser o gesto ideal, como observamos – ora se trata de um ‘déficit’ a ser suprimido, ora de uma ‘vergonha’ a ser admitida, ora de um ‘trauma’ a ser superado, ora de um ‘atraso’ a ser mitigado, de modo a ser razão de espanto (“Pasmem”) ou condenação aos olhos alheios no interior de uma rede de sociabilidade leitora juvenil.

Essa “culpa”, como é próprio de toda admissão de culpa, é assumida como algo de que se é responsável individualmente (En. 9: “por **não ter tido** muito o hábito de leitura **quando pequeno**.”. No entanto, e também recorrendo aos discursos consensuais sobre a leitura, vemos nesses enunciados o apelo a algumas justificativas que também atribuem essa responsabilidade à família, aos pais, ao grupo de origem (En. 10: “A leitura **nunca foi algo muito estimulado dentro do meu lar**”).

Essa “culpa” também se apresenta de maneira enviesada, quando se busca justificar porque não se leu na infância uma obra que um dado consenso define como devendo ter sido lida antes, atribuindo indiretamente a responsabilidade por uma característica compartilhada pela origem nacional do leitor, expressa por meio inclusive de generalizações que reproduzem o que se designa vulgarmente como síndrome de “primo pobre”, ou como “complexo de vira-lata”, a partir dos quais se reproduz o discurso antigo e duradouro de que os brasileiros não leem, não sabem ler, não gostam de ler, não são leitores como deveriam ser, tal como se afirma no En. 10: “definitivamente o Pequeno príncipe ***NÃO*** é um livro para qualquer criança, **pelos menos não para as brasileiras**”. Aqui vemos o eco do que descreveu Abreu (2006b, p.

92) ao mobilizar os relatos dos viajantes europeus em terras brasileiras no período colonial:

uma curiosa recorrência no relato dos viajantes: cada vez que tomam contato, em terras brasileiras, com um elemento próprio à alta cultura encontram uma maneira de rebaixá-lo, indicando sua inadequação, sua baixa qualidade, o equívoco das práticas em torno dele realizadas. Constroem seu discurso pela afirmação de ausências – não há sociedades literárias, não há leitores, não há ciência etc. –, ou pela desqualificação do que observam, primando pelo recurso às adversativas:

O colégio se acha num local aparentemente saudável e belo, *mas* a negligência e a falta de asseio parece que estão o privando de das suas vantagens naturais [...].

Num leilão de livros, saíram muito bem tanto obras inglesas como latinas; poucas, *porém*, creio terem caído entre mãos brasileiras.

Como vimos, a “culpa” de não corresponder ao leitor ideal é assim coletivizada. A vergonha também. E isso de maneira bastante tranquila e naturalizada. O que no entanto não é dito em nenhum desses enunciados, tal como constatou Curcino (2022) em sua análise das formas de enunciação envergonhada e orgulhosa quando o assunto é leitura, é que, por se tratar ainda de um impensado entre nós, se esses enunciadorees jovens não puderam/desejaram ler na infância um dado livro, se os pais de alguns desses jovens não cultivaram o hábito de leitura, se as crianças brasileiras não são consideradas aptas para ler um dado livro, talvez se devesse compreender as razões sociais, culturais, históricas responsáveis por isso, talvez se devesse distribuir essa “culpa” a outros fatores, em geral silenciados, ignorados e esquecidos, uma vez que “o estigma dessa falta impõe um silêncio sobre as razões dessa falta.” (Curcino, 2022, p. 10). E tal como afirma a autora, evocando a reflexão do sociólogo Pierre Bourdieu sobre o “capital cultural” e sobre a “violência simbólica” que marca os usos desse capital em benefício da manutenção das injustiças sociais:

Tão convincente e potente é esse tipo de violência simbólica a ponto daqueles que foram privados da leitura serem convencidos de que não são leitores e serem convencidos a assumir a responsabilidade por não serem leitores. Diante do embaraço de ter de falar de si como alguém que não é leitor, como alguém que não lê [ou não lê como e quando deveria], a forma mais nobre parece ser a de admitir isso como se se assumisse uma culpa, uma falha, um erro individual, adotando uma estrutura [linguística] muito prototípica, com o uso da primeira pessoa verbal “eu” e da negativa que precede o verbo: ‘não tive’, ‘não entendo’, ‘não tenho paciência’, ‘nunca gostei’, ‘não sou’, ‘não consigo’. Essa enunciação em primeira pessoa, e plena de negativas, indicia claramente o gesto de admissão e de antecipação de uma culpa individual, em um autojulgamento muitas vezes severo e resignado. (Curcino, 2022, p. 11)

No interior de uma comunidade de leitores, compartilhamos (in)conscientemente os recursos simbólicos formadores de nosso imaginário coletivo – constituído social, histórica e culturalmente, e responsável pelo modo como nos relacionamos uns com os outros em sociedade⁵³. Para a perspectiva foucaultiana, nossas subjetividades são produzidas segundo nossa inscrição em uma dada coletividade e em um dado tempo histórico, ou seja, a) os dizeres e as práticas com os quais nos alinhamos são demonstrativos de um processo complexo de (des)identificação construído tanto no que concerne à imagem de si próprio quanto à imagem dos outros; e b) o que compartilhamos socialmente (em sua força de dizível e de praticável) é resultante de determinações históricas e culturais constituídas por meio dos discursos. Nossos gestos e nossos dizeres são plenos de significação e essa significação, assim como nossos gestos e dizeres têm uma história e emergência comum, compartilhada, são determinados pelas mesmas injunções. Assim, dentre tudo o que somos autorizados e compelidos a enunciar sobre a leitura, inclui-se, como afirma Curcino (2022), as emoções adequadas de serem enunciadas em relação a esse tema.

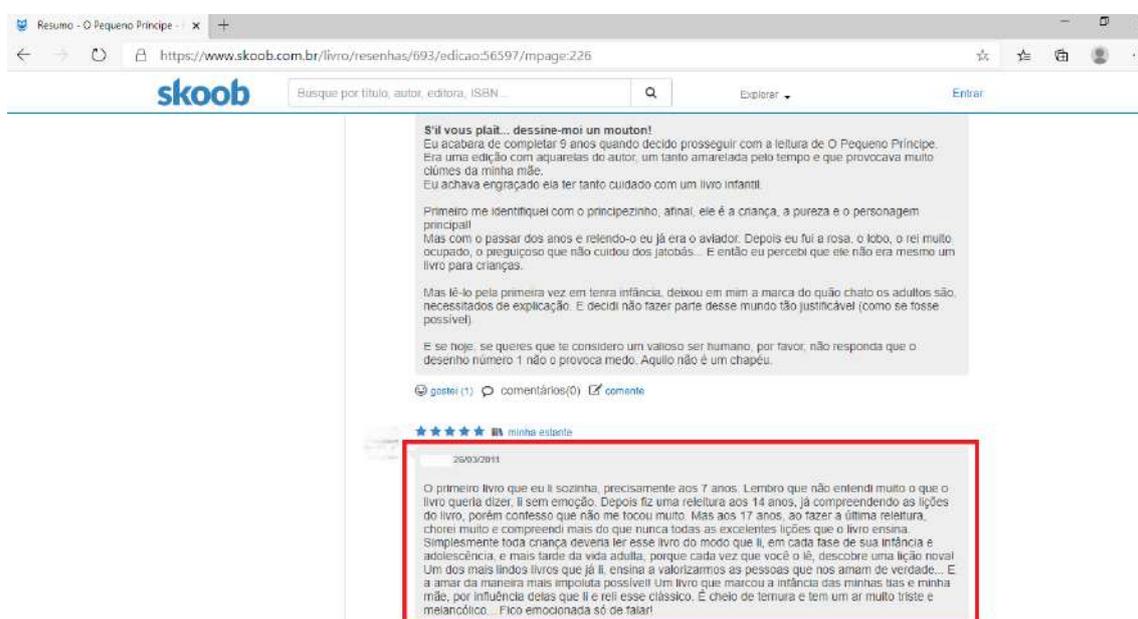
Ao falarmos de nós mesmos ou dos outros como leitores, o fazemos segundo um imaginário há muito bem definido sobre essa prática. Índícios desse imaginário são expressos nessas declarações juvenis sobre si e sobre o modo como, particularmente, esses jovens se relacionam com a leitura em conformidade com as convenções mais naturalizadas de se exercê-la. A “culpa” e a “vergonha”, “a redenção”, “o prazer” e o “orgulho” advêm não da exclusividade experienciada por cada um desses jovens, na sua relação empírica e particular com uma dada obra, como esta em questão nos comentários, mas fundamentalmente da forma legitimada e conhecida quanto ao que dizer de certos livros e autores, em relação a esse objeto, e a um título em especial. Afinal, tal como afirma Abreu (2018, p. 108), “o livro é menos o livro do que toda uma situação de fala na qual ele circula e se modifica”.

3.2 “ESTE EU LI QUANDO ERA CRIANÇA” - O LEITOR PRECOCE

Sob a designação “leitor precoce”, buscamos classificar uma representação presente em um conjunto de enunciados que coletamos e nos quais se ressalta euforicamente a pouca idade com que esses leitores afirmam ter realizado a leitura de

⁵³ Cf. Foucault (1998).

uma dada obra. Além do destaque dado à precocidade, a época dessa leitura coincide com a dos primeiros anos de alfabetização e formação leitora, sem que necessariamente isso se relacione ao âmbito escolar, a uma demanda ou recomendação dos professores. A rememoração e a enunciação de si como leitor nas postagens que analisamos neste item inscrevem na série já antiga de práticas e gestos legitimados de se afirmar leitor, que comporta a afirmação do caráter espontâneo, às vezes fortuito, do encontro com uma obra aliado ao caráter precoce de sua realização. Como estas são formas consideradas ideais, logo, são razão de orgulho, o que justifica a sua enunciação. Por sua vez, a própria enunciação dessas formas é indício suficiente desse orgulho.

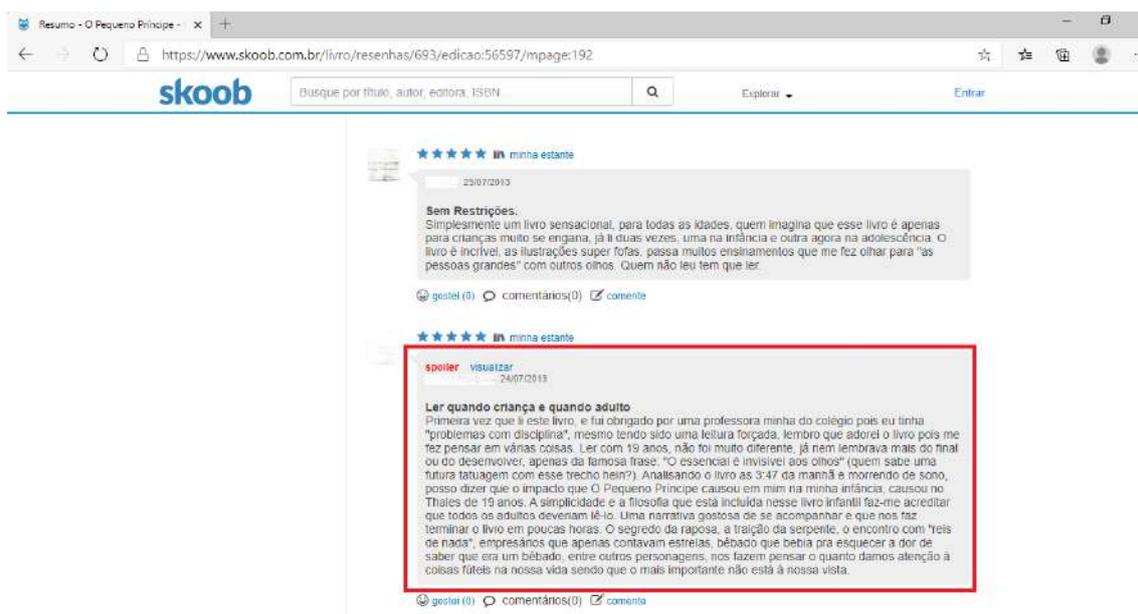


(Figura 22: *printscreen* do Enunciado 13 da plataforma SKOOB)

Enunciado 13⁵⁴

O primeiro livro que eu li sozinha, precisamente aos 7 anos. Lembro que não entendi muito o que o livro queria dizer, li sem emoção. Depois fiz uma releitura aos 14 anos, já compreendendo as lições do livro, porém confesso que não me tocou muito. Mas aos 17 anos, ao fazer a última releitura, chorei muito e compreendi mais do que nunca todas as excelentes lições que o livro ensina. **Simplesmente toda criança deveria ler esse livro do modo que li,** em cada fase de sua **infância** e adolescência, e mais tarde da vida adulta, porque cada vez que você o lê, descobre uma lição nova! Um dos mais lindos livros que já li, ensina a valorizarmos as pessoas que nos amam de verdade... E a amar da maneira mais impoluta possível! Um livro que marcou a **infância** das minhas tias e minha mãe, por influência delas que li e reli esse clássico. É cheio de ternura e tem um ar muito triste e melancólico... Fico emocionada só de falar! [26/03/2011]

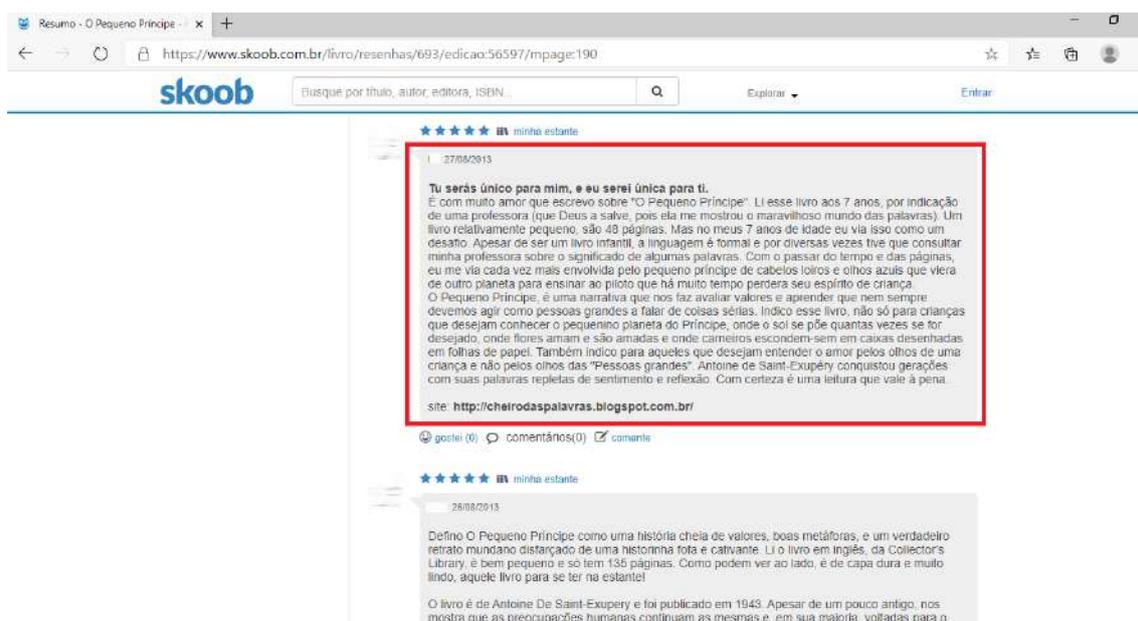
⁵⁴ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:226>> Acesso: 19/08/2020.



(Figura 23: *printscreen* do Enunciado 14 da plataforma SKOOB)

Enunciado 14⁵⁵

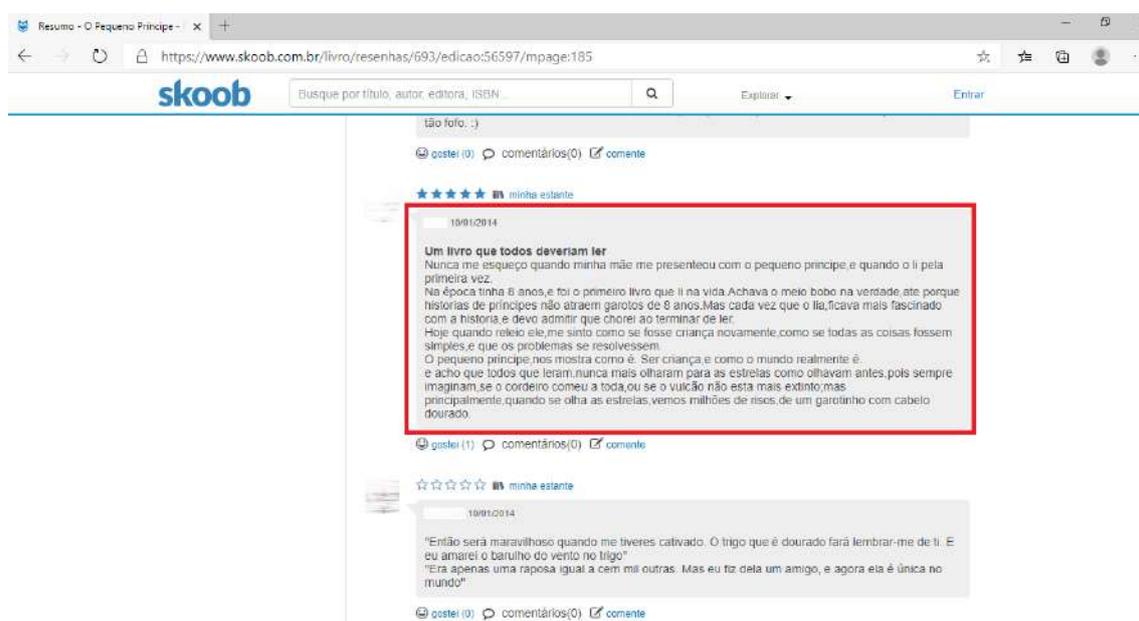
Ler quando criança e quando adulto. Primeira vez que li este livro, e fui obrigado por uma professora minha do colégio pois eu tinha “problemas com disciplina”, mesmo tendo sido uma leitura forçada, lembro que adorei o livro pois me fez pensar em várias coisas. Ler com 19 anos, não foi muito diferente, já nem lembrava mais do final ou do desenvolver, apenas da famosa frase: “O essencial é invisível aos olhos” (quem sabe uma futura tatuagem com esse trecho hein?). Analisando o livro as 3:47 da manhã e morrendo de sono, posso dizer que o impacto que O Pequeno Príncipe **causou em mim na minha infância**, causou no Thales de 19 anos. A simplicidade e a filosofia que está incluída nesse **livro infantil** faz-me acreditar que todos os adultos deveriam lê-lo. Uma narrativa gostosa de se acompanhar e que nos faz terminar o livro em poucas horas. [24/07/2013]



⁵⁵ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:192>> Acesso: 18/08/2020.

(Figura 24: *printscreen* do Enunciado 15 da plataforma SKOOB)**Enunciado 15**⁵⁶

É com muito amor que escrevo sobre “O Pequeno Príncipe”. **Li esse livro aos 7 anos**, por indicação de uma professora (que Deus a salve, pois ela me mostrou o maravilhoso mundo das palavras). Um livro relativamente pequeno, são 48 páginas. **Mas no meus 7 anos de idade eu via isso como um desafio**. Apesar de ser um **livro infantil**, a linguagem é formal e por diversas vezes tive que consultar minha professora sobre o significado de algumas palavras. Com o passar do tempo e das páginas, eu me via cada vez mais envolvida pelo pequeno príncipe de cabelos loiros e olhos azuis que viera de outro planeta para ensinar ao piloto que há muito tempo perdera seu espírito de criança. [27/08/2013]

(Figura 25: *printscreen* do Enunciado 16 da plataforma SKOOB)**Enunciado 16**⁵⁷

Um livro que todos deveriam ler. Nunca me esqueço quando minha mãe me presenteou com o pequeno príncipe, e quando o li pela primeira vez. **Na época tinha 8 anos, e foi o primeiro livro que li na vida**. Achava o meio bobo na verdade, até porque histórias de príncipes não atraem **garotos de 8 anos**. Mas cada vez que o lia, ficava mais fascinado com a história, e devo admitir que chorei ao terminar de ler. Hoje quando releio ele, **me sinto como se fosse criança novamente**, como se todas as coisas fossem simples, e que os problemas se resolvessem. [10/01/2014]

Entre as variadas representações de si como leitor que podem ser observadas nos enunciados desses jovens leitores, todas elas inscritas em um discurso comum, regidas por uma mesma “ordem discursiva”, a menção à leitura precoce de uma dada

⁵⁶ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:190>> Acesso: 18/08/2020.

⁵⁷ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:185>> Acesso: 17/08/2020.

obra é recorrente. Também não varia muito a maneira de exprimir essa precocidade. Ela em geral recorre à referência da idade precisa (En. 13: “precisamente aos 7 anos”; En. 14: “Li esse livro aos 7 anos”; En. 15: “tinha 8 anos”). Além disso, e como mais uma forma de atestar essa precocidade, há sempre uma avaliação de como o texto foi recebido na infância, por um lado, afirmando seu lugar de relevo, de destaque, na memória afetiva, por outro, qualificando essa primeira interpretação não necessariamente como adequada.

No que diz respeito às declarações afetivas, esses enunciadores recorrem à força da figura maternal como decisiva na formação e posterior consolidação de suas atividades de leitura. Tal como consta explicitamente em parte dos Enunciados 12 e 15: “um livro que marcou a **infância** das minhas tias e minha mãe, por influência delas que li e reli esse clássico” e “nunca me esqueço quando minha mãe me presenteou com o pequeno príncipe”. A remissão a esse papel maternal de que gozaram durante a infância funciona como um dos argumentos de reforço para serem os leitores que são, justamente porque foram, dada essa condição filial ou familiar que os impulsionaram aos livros. A reminiscência da infância encurta distâncias temporais nas diferentes fases da vida desses jovens quando buscam concretizar seus gestos marcantes do passado no seu “agora”, inseridos em uma linguagem própria do universo juvenil, como a expressão que querer de tatuar uma mensagem do livro (En.: 13: quem sabe uma futura tatuagem com esse trecho hein?), e como a verbalização direta de um afeto (En.: 14: É com muito amor que escrevo sobre “O Pequeno Príncipe”).

Ainda sobre essas declarações que rememoram afetivamente o primeiro encontro com o livro, elas se assemelham, na mesma medida em que divergem do que foi observado por Chartier (2019), em relação aos “herdeiros” que, depois de adultos, quando entrevistados sobre suas memórias de leitura na infância e adolescência, em geral apagam qualquer referência das indicações de leitura feitas pela escola, isso porque elas não os destacariam dos demais, já que teriam sido feitas compulsoriamente por todos da escola. Por isso, em geral eles privilegiam se referir aos títulos e autores que não são lidos nas escolas ou raramente lidos. No tocante a esse aspecto, essas colocações encontram seus limites no interior do escopo deste trabalho, muito embora, evidentemente, há outros tantos aspectos impostos no contexto brasileiro de acesso à leitura que, se acessados, complementariam essa pesquisa.

Aqui, no caso de alguns desses jovens, ao revelarem que leram esse livro por indicação da escola, se pode interpretar esse reconhecimento do papel desempenhado pela escola em sua formação leitora, já que foi no âmbito das demandas escolares que eles foram levados a ler esse livro, que essa “concessão” que eles fazem à escola resulta, por um lado, de sua ainda imaturidade e imprecisão quanto à mobilização dos discursos efetivamente prestigiosos, distintivos sobre a leitura; por outro lado, de uma eventual mudança na concepção da leitura e dos discursos que a constroem simbolicamente como uma prática de prestígio em nossa sociedade. No entanto, apesar dessa provável mudança, não se pode perder de vista que, ao se referirem à escola e à professora, esses agentes não são sempre reconhecidos amplamente em seu papel como mediadores fundamentais da leitura.

En. 14: “Li esse livro aos 7 anos, por indicação de uma professora (que Deus a salve, pois ela me mostrou o maravilhoso mundo das palavras) [...] Apesar de ser um livro infantil, a linguagem é formal e por diversas vezes tive que consultar minha professora sobre o significado de algumas palavras.”

En. 15: “Primeira vez que li este livro, e fui obrigado por uma professora minha do colégio pois eu tinha “problemas com disciplina”, mesmo tendo sido uma leitura forçada, lembro que adorei o livro pois me fez pensar em várias coisas.”

Como se pode observar nesses excertos, além da indicação do livro, um dos jovens se lembra do papel da professora como aquela que o ajudou a decifrar a linguagem formal do texto e o significado de algumas palavras. O outro, no entanto, menciona a indicação “punitiva” da leitura dessa obra, a que foi “obrigado” a ler, a fazer uma “leitura forçada”. É como se nesse enunciado se operasse uma dissociação segundo a qual, se se pode tirar algo de bom de indicação de leitura “forçada”, esse “bom” é mérito exclusivo do livro e do interesse do leitor em relê-lo.

Já no que diz respeito à avaliação de como se deu a interpretação do livro em sua primeira recepção na infância, é praticamente regra entre esses enunciadores afirmar que não compreenderam como era preciso “tudo” o que estava contido na obra: tal como expresso em parte dos enunciados a seguir:

En. 13: Lembro que não entendi muito o que o livro queria dizer, li sem emoção.

En. 15: Apesar de ser um **livro infantil**, a linguagem é formal e por diversas vezes tive que consultar minha professora sobre o significado de algumas palavras.

Há aqui uma ambiguidade na evocação da “precocidade”: se por um lado ela é trazida como um traço positivo e que por isso merece ser revelado nas autodescrições de seus perfis como leitores, por outro ela é também um alibi, uma justificativa para que se “protejam” ou se “defendam” de eventuais críticas de seu interesse em (re)ler, na idade adulta, um livro tido como infantil. Isso que poderia ser uma inadequação em relação ao imaginário do que é ser bom leitor aparece sob a forma de uma justificativa antecipadora, com uma blindagem antecipada.

As declarações de não compreensão da obra quando da leitura na infância tornam-se também um argumento para se enfatizar a qualidade excepcional da obra, responsável por uma experiência fundante, “ímpar”, e da qual se deve lembrar com orgulho e revisitar com frequência. É como se a incompreensão que se deu, para a maioria dos leitores, do sentido da obra, fosse um modo de elogiar a grandeza da obra, e por extensão tornar a sua releitura, mais tarde, algo digno de orgulho. A incompreensão da obra na infância não é tratada como algo de que se deve sentir vergonha. Ela é antes a razão que motiva uma releitura, que aí sim cumpre o destino a que foi consagrado o livro: o de ser compreendido, bem compreendido, responsável pelas importantes reflexões filosóficas realizadas e pelas grandes emoções suscitadas. O apelo a esse argumento ganha ainda mais consequência quando reitera o gesto de releitura, que como temos visto, é uma das formas validadas de se apresentar como leitor.

A precisão declarada quanto à idade atua como um fator de enaltecimento da iniciativa de leitura tão precoce por parte desses leitores. É precoce na medida em que dão os primeiros passos na consolidação de práticas de letramento (a escrita e a leitura) entre 7 a 8 anos de idade, período ao qual não se associaria convencionalmente a leitura de um romance, em livro, superior a 50 páginas. É razão de orgulho ler, ler um livro e de um gênero não prioritariamente destinado ao público infantil.

Nessas declarações, como vimos, nos deparamos com a menção às leituras realizadas na infância, precocemente, graças à mediação de adultos (pais, parentes ou professores), mas o que em geral se encontra mais presente é a menção à leitura realizada de modo espontâneo pelas próprias crianças, por sua escolha, de forma espontânea, individualmente e para se entreter. A realização dessa leitura, nessa etapa precoce, é constantemente enunciada como a responsável pela aquisição do hábito de

leitura, o que como sabemos é uma das características frequentemente enunciadas como a mais significativa para se atestar que se é leitor, conforme a representação compartilhada socialmente do “leitor ideal”.

Nesses enunciados, para a composição de seu perfil como leitores, os enunciadores recorrem não apenas à reiteração das características que em geral se atribui a esse “leitor ideal”, como também assumem a responsabilidade de indicarem a leitura desse livro, de atuarem na injunção à leitura precoce: En. 13: “simplesmente toda criança deveria ler esse livro do modo que li”; En. 14: “faz-me acreditar que todos os adultos deveriam lê-lo”; En. 16: “Um livro que todos deveriam ler”.

As instituições sociais têm papel fundamental em nossas relações. A escola é uma delas. No que diz respeito à leitura, logo nos primeiros anos de escolarização, essa instituição se encarrega de prover os alunos de uma série de representações com função subjetivante, constitutivas de nosso imaginário acerca do que é ser leitor. Não poderia ser de outro modo. A escola, como qualquer outra instituição, faz parte desse tempo e espaço e dos discursos que circulam nesse tempo e espaço. Tal como observa Curcino & Dourado (2019), se nela aprendemos a reprodução das lógicas dominantes, dos discursos consensuais, nela também travamos contato com as formas de desfazer essas lógicas, de desconstruir esses discursos.

Assim como a escola, lemos como lemos porque somos sujeitos desse tempo e espaço e sujeitos ao conjunto de discursos que dão sentido e circulação ao que se diz, se sabe e se afirma sobre a leitura, assim como aos “protocolos”⁵⁸ que incidem sobre o que lemos e sobre o modo como fazemos isso. Esses “protocolos” de leitura têm uma história. Eles nos fornecem as maneiras de ler, as formas de enunciar que somos leitores, e com estas o sentimento de adequação ao que se espera de nós como leitores, e com ele o orgulho de poder corresponder com uma imagem de prestígio.

3.3 LER MAIS CEDO, LER MAIS TARDE: A ALTERNATIVA É AFIRMAR SEMPRE A RELEITURA

⁵⁸ Os ‘modos’ de ler são previamente determinados pelas suas formas próprias de circulação e recepção, ou seja, isso está além do texto ‘puro’, objetivo e simples. Nesse sentido, ler de uma forma ou de outra emprega efeitos de sentido, tanto ‘orgulhosos’, ostentatórios, como envergonhados, porque respondem à injunções anteriores à atividade de ler em si.

Nesses dois itens do capítulo, constatamos a regularidade e a importância atribuídas às práticas de ler bem cedo, na infância, ou de ler tardiamente uma obra que já se deveria ter lido bem antes, como um mote frequente nos comentários dos leitores jovens publicados na rede SKOOB. Ainda que mais relacionados a uma obra específica, o modo como recorreram a essas formas de representação dos leitores, articuladas a consensos discursivos sobre a leitura, é bastante interessante e nos permitiu mostrar como se dão e ensinam a situações de enunciação envergonhada ou orgulhosa em relação à leitura. Essa representação do leitor se mostrou quase exclusiva dos comentários sobre “O pequeno príncipe”, prioritariamente em função de ser um livro indicado, concebido como sendo um livro para crianças, que no entanto, mesmo sendo lido na infância, é relido por leitores jovens que se sentem compelidos a justificar porque estão lendo livros para crianças.

Dentre os dados que obtivemos, há apenas duas ocorrências relativas à obra “Harry Potter” tocantes a essa mesma manifestação de representação dos leitores, demonstradas nos enunciados a seguir (En.: 17 e En.: 18). Uma provável compreensão de que isso não acontece massivamente com relação a esse último título se dá pelo fato de que desde o início trata-se de um livro para ser lido por pré-adolescentes/adolescentes. Não é um livro dito infantil, embora as personagens do primeiro livro sejam ainda crianças.

The screenshot shows the SKOOB website interface. On the left, there is a book cover for 'Harry Potter e a Criança Amaldiçoada' by J.K. Rowling. The main content area displays a review by user 'IV' with a 5-star rating. The review text is as follows:

Obrigada, J. K. Já no começo me apaixonei pelo Scorpius e pelo Albus juntos. Depois achei que o plot caminhava para lados desgrasados para mim, mas estava enganada. Tão bom ver o Draco pelo Draco, como sempre o imaginei e tentei retratar em fanfictions. Cresci com eles, ano após ano obcecada com esse mundo. Harry me irritava diversas vezes ao longo dos livros, mas hoje vejo que certamente era porque, apesar de órfão, ele tinha a amizade, e eu me identificava loucamente com a solidão do Draco e o defendia por isso.

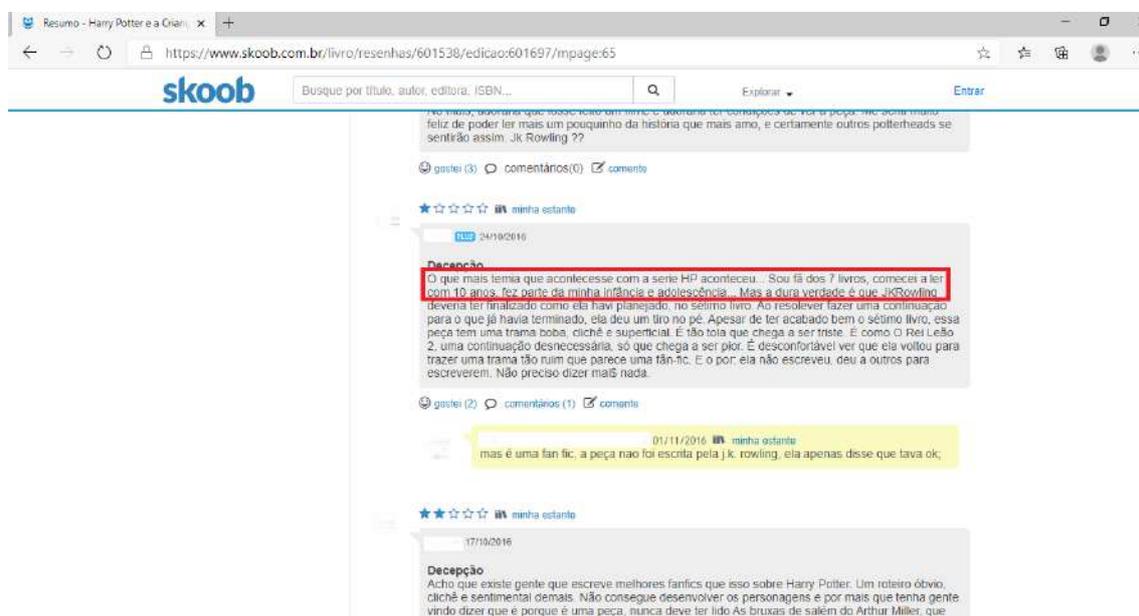
Não me arrependo de nenhuma má palavra gasta imersa nesse mundo. Afastava a solidão, preenchia a tristeza de uma realidade ruim. Me surpreendeu, deixou nostálgica e agradecida. A vida foi mesmo mágica por eu ter lido os quatro primeiros livros aos 10 anos de idade. E queria MUITO ter visto essa peça. Obrigada, tia JK.

PS: não me importo que muita coisa não faça um mega sentido. A sensação boa que traz, nove anos após o último livro, é o suficiente para mim.

(Figura 26: *printscreen* do Enunciado 17 da plataforma SKOOB)

Enunciado 17⁵⁹

Não me arrependo de nenhuma madrugada gasta imersa nesse mundo. Afastava a solidão, preenchia a tristeza de uma realidade ruim. Me surpreendeu, deixou nostálgica e agradecida. A vida foi mesmo mágica por eu ter lido os quatro primeiros livros aos 10 anos de idade.



(Figura 27: *printscreen* do Enunciado 18 da plataforma SKOOB)

Enunciado 18⁶⁰

Sou fã dos 7 livros, comecei a ler com 10 anos, fez parte da minha infância e adolescência...
[24/10/2016]

Essa tônica da precocidade também se manifesta nesses dois enunciados acima transcritos, ambos em declarações sobre a obra “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”, tendo em vista que seus enunciadorees também recorrem à idade precisa como mote de justificação argumentativa de que leem e do que leram particularmente sobre esse título. Esse recurso da retrospecção (mencionar determinada época do passado) legitima o papel enunciativo desses usuários da rede SKOOB, porque fornece a eles uma propriedade retórica não necessariamente ligada ao tempo, à durabilidade e constância de quem se enuncia leitor, mas, em especial, acerca da leitura realizada de vários volumes de uma mesma série. Esse é um traço que vamos tratar no capítulo seguinte, a que categorizamos “leitura extensiva”:

⁵⁹ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:65>> Acesso: 30/11/2020.

⁶⁰ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:65>> Acesso: 30/11/2020.

En. 17: Não me arrependo de nenhuma madrugada gasta imersa nesse mundo. [...] A vida foi mesmo mágica por eu ter lido os quatro primeiros livros aos **10 anos de idade**.

En. 18: Sou fã dos 7 livros, comecei a ler com **10 anos**.

Entre as formas consideradas consensualmente adequadas de se ler e de se afirmar como leitor, a menção ao tempo ideal de ler certos livros é uma das regularidades que observamos na análise dos dados. Portanto, segundo enunciam, ser leitor é também ler “quando” se deve ler, no “tempo certo” e adequado que cada livro solicitaria ou que são afirmadas pela forma de comercialização dos títulos e autores, ou pela forma de indicação das obras nos currículos escolares. Aquele que não o faz no tempo que deveria ter feito é compelido a se justificar e a expressar a emoção mais adequada para essa justificativa: a vergonha. Aquele que o faz no tempo “certo”, e mesmo que o faz antes do esperado, pode enunciar isso de forma orgulhosa, já que a precocidade na leitura é uma das representações tradicionais assumidas pelos leitores, especialmente pelos leitores que se consideram bons leitores.

4 JOVENS E VORAZES: ORGULHO DE LER MUITO E SEMPRE

Uma das regularidades quanto ao modo de (se) enunciar nessas resenhas é a que visa demonstrar o gosto precoce e espontâneo pela leitura, e a sua realização frequente. Segundo a lógica dos enunciados aqui analisados e que é própria do discurso corrente sobre a leitura, para ser leitor de verdade, e orgulhoso dessa condição, é preciso ler sempre, ler muito, volumes e volumes, páginas e mais páginas, e fazê-lo em um tempo relativamente curto, ou seja, de maneira **voraz**. Os enunciados característicos dessa representação de si como ‘leitor voraz’ atualizam duas formas legitimadas de se ler, que emergiram em contextos históricos distintos, prevalecendo uma sobre a outra, cada uma a seu tempo, e que, tendo perdurado ao longo da história no Ocidente, são ainda hoje práticas reconhecidas e prestigiosas: a da leitura **intensiva** e a da leitura **extensiva**. Ainda que não estejamos diante dos mesmos fenômenos históricos, aquele da emergência e predomínio de uma ou outra maneira de ler, nem no mesmo cenário cultural europeu, os seus ecos chegaram até nós e são bastante sensíveis no modo como diversos leitores da atualidade falam de si, falam da leitura e dos textos e autores lidos, recorrendo a esses ecos históricos constitutivos de nosso imaginário social e cultural.

Como buscaremos descrever e distinguir na análise, na maior parte dos enunciados, se pode constatar a ênfase ora em formas de ler características de uma leitura **intensiva**, ora de uma leitura **extensiva**, que dizem respeito a diferentes modos de ler, e a diferentes estilos de ser e de se afirmar leitor. No entanto, é muito comum em um mesmo enunciado de um mesmo leitor nos depararmos, simultaneamente, com referências às duas formas de ler, tanto a intensiva quanto a extensiva, de maneira imbricada e por vezes difícil de distingui-las. Isso talvez se explique porque ambas as formas, cada uma a sua maneira, implicam gestos de leitura passionais, dedicados, próprios de quem gosta de ler ou de quem gosta de ler certos textos. Esses gestos de leitura enunciados de forma apaixonada respondem não apenas à necessidade desses jovens se afirmarem leitores, mas também a um modo contemporâneo e compartilhado de se enunciar quando se é jovem e quando se faz isso nas redes sociais. Esse modo é marcado por um traço **hiperbólico**, por um tom enfático, expansivo, exagerado até dramático, com toda certeza, passional que tem se tornado próprio das maneiras de se enunciar nas redes sociais, e cuja calibragem do tom depende das especificidades de cada rede, de cada comunidade, de cada objeto de que se fala.

A menção simultânea aos modos de ler **intensivo** e **extensivo** encontra-se bem representada nos dados. Esses modos de ler compõem o que dizer em matéria de leitura assim como o rol dos modos legitimados de se afirmar leitor, e com estes, as diferentes formas de demonstrar orgulho em relação a essa prática.

4.1 A LEITURA INTENSIVA E A LEITURA EXTENSIVA: DE PRÁTICAS DO PASSADO À DISPERSÃO DE SEUS USOS NO PRESENTE

Esses modos de ler, nomeadamente, intensivo e extensivo, estão aqui mobilizados em conformidade com os estudos da História Cultural da leitura, ou seja, enquanto categorias leitoras consolidadas, em especial, pela capacidade descritiva de comportamentos de leitura que têm perdurado, ainda que estejamos nos referindo a um tempo e espaço histórico distintos. Nos inspiramos nelas, desse modo, porque foram categoriais que explicaram os gestos de leitura no passado no Antigo Regime europeu, e que no presente as relacionamos aos comportamentos de leitura enunciados pelos jovens na rede SKOOB, ou seja, no entrecruzamento entre aquilo que se enuncia com aquilo de que se vale, ou se recupera no decurso da história, de modo a validar a prática.

Os termos “intensiva” e “extensiva” foram cunhados por Rolf Engelsing no contexto alemão como forma de explicar as maneiras pelas quais os textos eram lidos. Tanto na Alemanha quanto na Nova Inglaterra, os modos de ler são afetados pelas chamadas “revoluções de leitura”, em que as formas de apropriação dos livros foram decisivamente modificadas, em especial, pela transformação na técnica de produção dos textos e dos livros. A maior difusão dos livros em função do abandono à técnica do manuscrito, e com a implementação dos recursos dos caracteres móveis e da prensa de impressão, encarnou o gesto de leitura que migrou de uma relação de maior sacralidade com a prática para uma de menor sacralidade.

Os leitores [intensivos] são confrontados com livros pouco numerosos perpetuando textos que têm uma forte longevidade; a leitura não é separada de outros gestos culturais como a audiência de livros lidos e relidos em voz alta, no seio da família, a memorização daqueles textos ouvidos, decifráveis porque já conhecidos, ou a recitação daqueles que foram aprendidos de cor; a relação com o livro é marcada por uma seriedade respeitosa diante da letra impressa, investida de uma forte carga de sacralidade; a frequência intensa dos mesmos textos lidos e relidos molda os espíritos habituados às mesmas referências, habitados pelas mesmas citações. É na segunda metade do século XVIII na Alemanha, no início do século XIX na Nova Inglaterra que esse estilo de leitura cederia lugar a outro, baseado na multiplicação dos livros acessíveis, a individualização do ato de leitura, separado dos outros gestos

culturais, a dessacralização da atitude em face do livro e uma prática mais livre, indo de um texto a outro, mais negligente em relação ao impresso, menos centralizada sobre alguns livros privilegiados. (CHARTIER, 1999, p. 217-218)

Esse deslocamento, relativo aos gestos de leitura na Alemanha e na Nova Inglaterra, é questionado pelo historiador Roger Chartier, ao estudar as mudanças nos modos de ler relativas às práticas empreendidas na França no século XVIII, diante da denominada “revolução de leitura”, uma vez que no território católico francês a presença cotidiana da Bíblia é um fator que modela todas as práticas de leitura país afora. Esse teórico nos expõe a respeito dessas duas dimensões do ler, uma leitura tradicional, dita ‘intensiva’, e uma leitura moderna, qualificada de ‘extensiva’:

Segundo essa dicotomia, proposta por Rolf Engelsing, o leitor ‘intensivo’ era confrontado por um corpo limitado de textos, lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e sabidos de cor, transmitidos de geração a geração. Tal maneira de ler era fortemente marcada pela sacralidade e submetia o leitor à autoridade do texto. O leitor ‘extensivo’, que aparece na segunda metade do século XVIII, é totalmente diferente: ele lê numerosos impressos, novos, efêmeros e os consome com avidez e rapidez. Seu olhar é distanciado e crítico. (CHARTIER, 2007, p. 264)

Em seus estudos no âmbito da História Cultural da leitura, Chartier agregou à discussão o papel dos “letrados humanistas”, em que as duas manifestações de exercício da leitura, associados às maneiras de ler desses sujeitos, são alvo concomitante desses letrados, e de muitos leitores extensivos à época da leitura intensiva.

É exatamente no momento da “revolução da leitura” que com Rousseau, Bernardin de Saint-Pierre, Goethe ou Richardson desenvolve-se a mais “intensiva” das leituras, aquela pela qual o romance se apodera de seu leitor, prende-o à sua letra e o governa como fazia antes o texto religioso. A leitura de *La nouvelle Héloïse*, de Paul et Virginie, dos Sofrimentos do jovem Werther, ou de Pamela desloca gestos antigos para uma forma literária inédita. O romance é constantemente relido, decorado, citado e recitado. Seu leitor é invadido por um texto que ele habita; ele se identifica com os personagens e decifra sua própria vida através das ficções da intriga. Nessa “leitura intensiva” de um novo tipo, é a sensibilidade que é engajada. O leitor (geralmente uma leitora) não pode conter nem sua emoção nem suas lágrimas; perturbado, toma a ele mesmo a pena para dizer seus sentimentos e sobretudo para escrever ao escritor que, por meio de sua obra, tornou-se um verdadeiro orientador de consciência e de existência. Os leitores dos romances não são, aliás, os únicos leitores “intensivos” na época da “revolução da leitura”. A leitura dos mais numerosos e dos mais humildes, alimentada pelos títulos da venda ambulante, permanece comandada pelos hábitos antigos (CHARTIER, 1998, p. 29).

Motivados por essa historicidade das práticas, no modo como as maneiras de ler são redimensionadas de tempo em tempo, deslocadas por razões que se justificam pela fabricação, pelo suporte, pelo acesso, pela circulação, pela recepção dos livros, sistematizamos os dados levantados e analisados a seguir, em cuja designação nos valem os termos mesmos “intensivo” e “extensivo” para explicar o fenômeno de leitura observado na rede SKOOB, com a ressalva de que estamos diante de tempo e espaço completamente distintos e que, portanto, não explicam os mesmos gestos observados no final do século XVIII e início do século XIX.

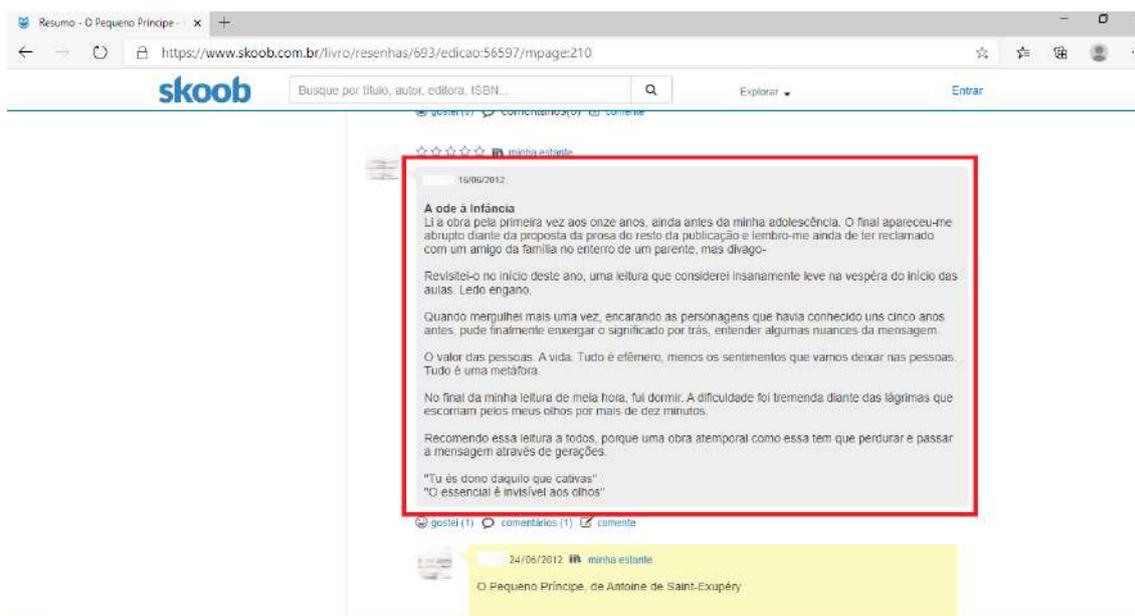
Seja na maneira intensiva (com um conjunto limitado de textos para leitura), seja na maneira extensiva (com um conjunto mais amplo e diferente de textos para leitura), esses comportamentos de leitor são declarados pelos jovens inscritos nessa rede social leitora, recorrendo à formas legítimas de se enunciar leitor ainda nos dias de hoje e sobre os quais recaem o orgulho de ser leitor, porque tanto manifestam leituras e releituras de uma mesma obra, quanto leituras de obras variáveis, ainda que ambas manifestações ditas por esses jovens façam apelo a uma certa voracidade sucessivamente anunciada por parte de quem lê, tendo em vista, por exemplo e de antemão, que a rapidez ou voracidade leitora não corresponde a um traço prototípico da leitura intensiva e sobre o qual trataremos mais adiante neste capítulo.

4.2 “EU LEIO E RELEIO SEMPRE” - O LEITOR VORAZ INTENSIVO

Os enunciados selecionados como representantes dessa forma de ler, cuja voracidade é definida pela reiteração de características dessa prática antiga e duradoura de **leitura intensiva** estão transcritos a seguir e essas características estão mais precisamente indiciadas nas passagens que indicamos em negrito. O que dizem e o modo como enunciam esses leitores jovens reiteram essa forma de ler altamente valorizada entre essa comunidade leitora, especialmente entre aqueles identificados como fãs de uma obra e autor. Eles leem de modo intensivo, o que significa dizer que leem repetidas vezes um mesmo título e autor, ou uma mesma história (ainda que em diferentes versões), seja sequencialmente, seja em diferentes momentos ao longo da vida. Essas releituras, efetivas ou planejadas, são declaradas na rede social em enunciados que parecem ecoar aquela temida e condenada “fúria de ler”, do século XVIII europeu. Essa leitura, especialmente de romances, distraía, ocupava o tempo, o

interesse, a mente e o corpo sobretudo dos jovens e das mulheres, por isso, além de temida e condenada por muitos, foi por outros descrita e tratada como uma patologia ou como fonte e causa de outras patologias⁶¹.

Nos dois enunciados a seguir (19 e 20), ainda que façam referência a vários títulos de uma mesma série, o que se observa é a ostentação da representação do leitor que lê muito e sempre e que lê várias vezes um mesmo título⁶².



(Figura 28: *printscreen* do Enunciado 19 da plataforma SKOOB)

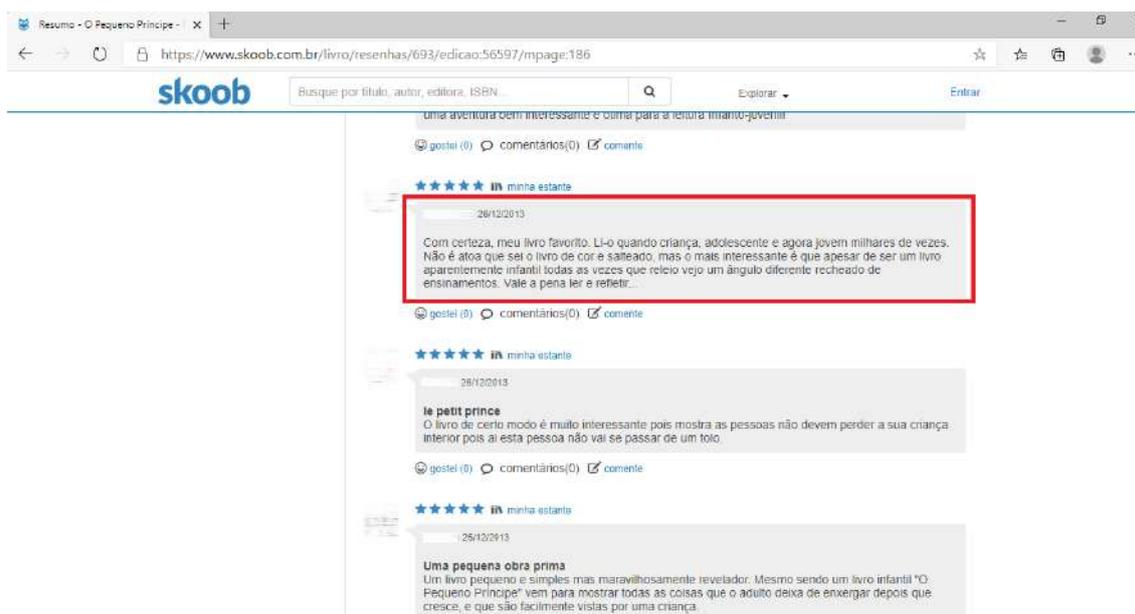
Enunciado 19⁶³

Li a obra pela primeira vez aos onze anos, ainda antes da minha adolescência. [...] **Revisitei-o no início deste ano**, uma leitura que considerei insanamente leve na vespéra do início das aulas. Ledo engano. **Quando mergulhei mais uma vez**, encarando as personagens que havia conhecido uns cinco anos antes, **pude finalmente enxergar o significado por trás, entender algumas nuances da mensagem**. [...] No final da minha leitura de meia hora, fui dormir. A dificuldade foi tremenda diante das lágrimas que escorriam pelos meus olhos por mais de dez minutos. [16/06/2012]

⁶¹ Sobre a “fúria de ler”, cf. WITTMANN, Reinhard (1999); Sobre as “patologias” relacionadas à leitura de romances, cf. ABREU, Márcia (2001c).

⁶² A leitura intensiva se caracteriza pelo ato de ler várias vezes o mesmo texto, ainda que em diferentes momentos. Em alguns cenários históricos, como os já mencionados anteriormente, isso foi relacionado à leitura mais lenta, mais reflexiva de um mesmo texto que impunha, na relação com o leitor, certa reverência, como era o caso da leitura dos textos religiosos ou dos textos da cultura erudita. Para uma breve definição, cf. também o verbete disponível no site do CEALE: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-intensiva>> Acesso: junho de 2021.

⁶³ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:210>> Acesso: 18/08/2020.



(Figura 29: *printscreen* do Enunciado 20 da plataforma SKOOB)

Enunciado 20⁶⁴

Com certeza, **meu livro favorito. Li-o quando criança, adolescente e agora jovem milhares de vezes. Não é atoa que sei o livro de cor e salteado**, mas o mais interessante é que apesar de ser um livro aparentemente infantil **todas as vezes que releio** vejo um ângulo diferente recheado de ensinamentos. Vale a pena ler e refletir... [26/12/2013]

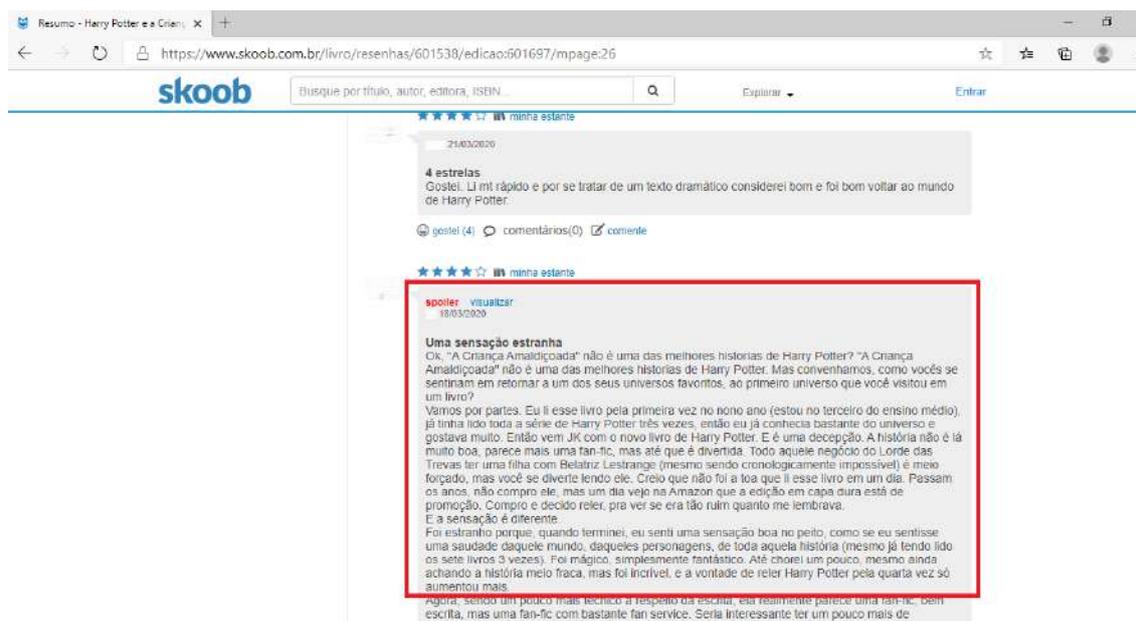
Nos dois enunciados aqui apresentados como exemplo desse modo de ler intensivo, vemos reiterada a ideia dos diversos retornos que o leitor faz a um mesmo texto, a uma mesma obra, ao longo de sua vida e experiência como leitor. Para isso os enunciadores evocam diversas expressões adverbiais iterativas, como “primeira vez”, “mais uma vez”, “todas as vezes”, “milhares de vezes”, também metáforas como “revisitei”, “mergulhei”, assim como expressões relativas ao tempo “quando criança, adolescente e agora jovem”, todas estas manifestando a ideia da repetição, da releitura. Estas, por sua vez, são razão para a memorização do texto, de um texto que de tão lido é sabido de “cor e salteado”. Essa releitura permite ainda ao leitor reencontrar as mesmas emoções e interpretações antes estabelecidas, mas também sentir e interpretar de maneira outra, mais densa, aprofundada, diferente da estabelecida na primeira vez, de modo a garantir a possibilidade de “enxergar o significado”, de “entender nuances”, de ver de “um ângulo diferente”, de “refletir”.

Herdeiros que somos dessa longa história de representações dos leitores e de discursos autorizados sobre a leitura, nos enunciados desses jovens se responde a um

⁶⁴ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:186>> Acesso: 17/08/2020.

protocolo relativo às formas mais legítimas, inequívocas de se referir à leitura, de falar como um leitor, evocando para isso, além da precocidade com que se inicia a vida de um leitor, os traços relacionados ao modo de ler **intensivo**, aquele das releituras, aquele da memorização, aquele das interpretações mais aprofundadas. Esse modo **intensivo** de ler se acomoda bem aos modos de ser fã, de se afirmar fã que exigem um tom hiperbólico de se enunciar, frequente nas redes. Esses são traços indubitáveis do perfil de um bom leitor, por isso são evocados para a ostentação, nessa rede de sociabilidade leitora comum.

Nos enunciados selecionados a seguir, encontramos novamente essas propriedades características de um leitor voraz intensivo, nos quais o tom exagerado, hiperbólico na alusão aos retornos e releituras é bem marcado, do que advém uma avaliação aprofundada, passional e crítica das obras lidas. Nesses exemplos, em especial, se observa a permeabilidade da fronteira que dividiria a leitura intensiva da leitura extensiva, em especial no enunciado 23, no qual se faz menção às várias versões, aos vários formatos culturais de consumo de uma mesma obra (em filme, livro e teatro).



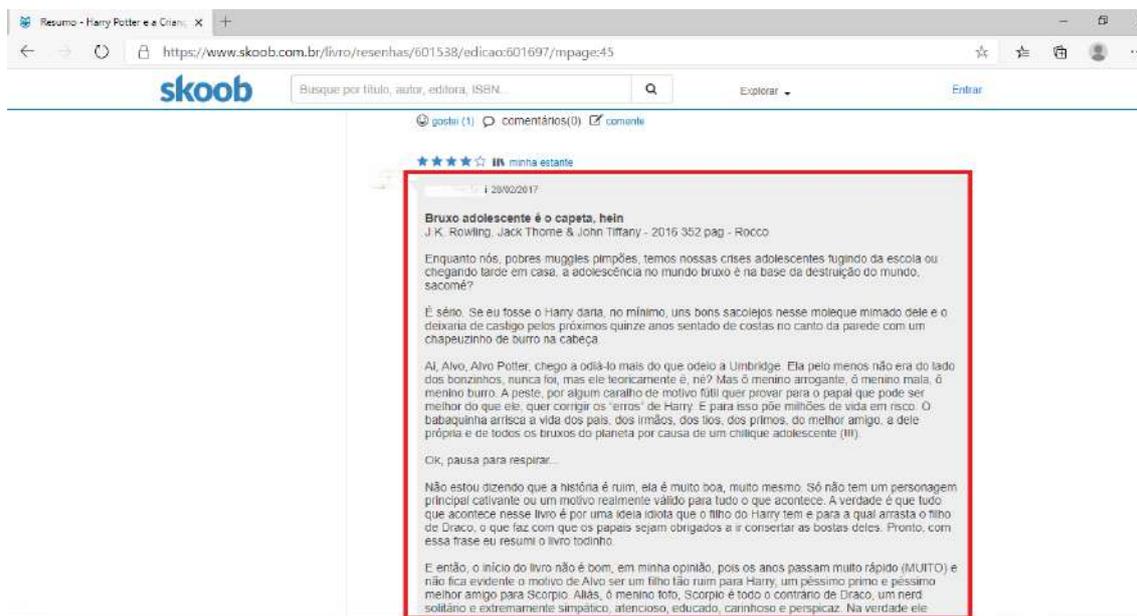
(Figura 30: *printscreen* do Enunciado 21 da plataforma SKOOB)

Enunciado 21⁶⁵

Uma sensação estranha. Ok, “A Criança Amaldiçoada” não é uma das melhores histórias de Harry Potter? “A Criança Amaldiçoada” não é uma das melhores histórias de Harry Potter. Mas convenhamos, como vocês se sentiriam em **retornar** a um dos seus universos favoritos, **ao**

⁶⁵ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:26> Acesso: 26/10/2020.

primeiro universo que você visitou em um livro? Vamos por partes. **Eu li esse livro pela primeira vez no nono ano** (estou no terceiro do ensino médio), **já tinha lido toda a série de Harry Potter três vezes**, então eu já conhecia bastante do universo e gostava muito. Então vem JK com o novo livro de Harry Potter. E é uma decepção. A história não é lá muito boa, parece mais uma fan-fic, mas até que é divertida. (...), mas você se diverte lendo ele. **Creio que não foi a toa que li esse livro em um dia**. Passam os anos, não compro ele, mas um dia vejo na Amazon que a edição em capa dura está de promoção. Compro e **decido reler**, pra ver se era tão ruim quanto me lembrava. E **a sensação é diferente**. Foi estranho porque, quando terminei, eu senti uma sensação boa no peito, como se eu sentisse uma saudade daquele mundo, daqueles personagens, de toda aquela história (**mesmo já tendo lido os sete livros 3 vezes**). Foi mágico, simplesmente fantástico. Até chorei um pouco, mesmo ainda achando a história meio fraca, mas foi incrível, e **a vontade de reler Harry Potter pela quarta vez só aumentou mais**. [18/03/2020]



(Figura 31: *printscreen* do Enunciado 22 da plataforma SKOOB)

Enunciado 22⁶⁶

Enquanto nós, pobres muggles pimpões, temos nossas crises adolescentes fugindo da escola ou chegando tarde em casa, a adolescência no mundo bruxo é na base da destruição do mundo, sacomé? Só posso dizer que deu para **me sentir outra vez nesse universo** maravilhoso de Harry Potter e que **amei muito esse livro** apesar de algumas coisinhas serem “mal desenvolvidas” em minha opinião. Apesar delas **foi uma delícia inexplicável e voltarei a lê-lo dezenas de vezes como fiz com os outros 7 livros**. **Aliás, incluirei este em minha maratona sempre que for ler toda a história**. E fica aí meu sonho de que façam mais peças de teatro assim. [28/02/2017]

⁶⁶ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:45>> Acesso: 11/11/2020.

Primeiro livro que li em minha vida e um presente de meu pai. Ele me disse na época, há cerca de 15 anos, que eu deveria ler O Pequeno Príncipe **várias vezes no decorrer dos anos**, e me garantiu que cada uma dessas vezes eu “sentiria a história” de formas diferentes. Com cinco anos de idade não entendia como isso era possível. Hoje, **depois de lê-lo cerca de 8 vezes**, entendo perfeitamente o que meu pai quis dizer. (...) Sem dúvidas, entre todos os livros que já li, **este é (e ousou dizer que sempre será) meu favorito.** [06/05/2015]

Nesses enunciados, para a afirmação da releitura, os enunciadores apresentam, de forma inequívoca valendo-se de numerais específicos, a frequência com que leram e releeram as obras: “li toda a série três vezes”, “mesmo tendo lido os sete livros 3 vezes”, “vontade de reler pela quarta vez”, “voltarei a lê-lo dezenas de vezes como fiz com os outros 7 livros”, “acabo de reler o último da saga”, “depois de lê-lo cerca de 8 vezes”. Com isso, visam a demonstrar a propriedade com que podem falar delas como legítimos leitores e legítimos fãs. Atualizam, portanto, a representação do leitor ideal, ao se referirem às inúmeras e frequentes leituras, mas também ao enfatizarem terem iniciado sua história como leitores de livros desde cedo, “primeiro livro que li em minha vida” e de maneira decisiva, já “que aprendeu a gostar de livros com essa série”. Aliada a essas características do leitor ideal (ler muito e desde cedo), a sua autorrepresentação como fãs das obras comentadas recorre a modalizações bastante emotivas, passionais relativas à leitura desses livros: “Uma sensação estranha... diferente”, “senti uma sensação boa no peito”, “Até chorei...foi incrível”, “amei muito este livro”, “foi uma delícia inexplicável”, “imagina a alegria... fiquei muito feliz, SUPER feliz”.

Embora entre as características tradicionalmente atribuídas à leitura **intensiva** não se faça menção às paixões implicadas, suscitadas na leitura, ou à intensividade e força dessas paixões, elas são nesses enunciados dos jovens leitores um exemplo da exclusividade, da prioridade, da dedicação e do investimento de tempo e de afeto dos leitores na leitura de certos livros, de alguns livros alçados à condição daqueles que são os “favoritos” e que com a certeza “sempre serão”, daqueles “que se levará para sempre no coração”, ou daqueles que se “lê em um dia”. Esta última, “Creio que não foi a toa que li esse livro em um dia”, mais do que indiciar a realização da leitura de um livro em um tempo físico curto e específico, ou para afirmar a rapidez de realização da leitura, indicia antes essa dedicação exclusiva, prioritária a uma obra que se lê de um único fôlego, cuja leitura não é interrompida até que se finalize o texto, neste caso em função também do tamanho relativamente breve do próprio livro (Pequeno Príncipe).

⁶⁸ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:167>> Acesso: 17/08/2020.

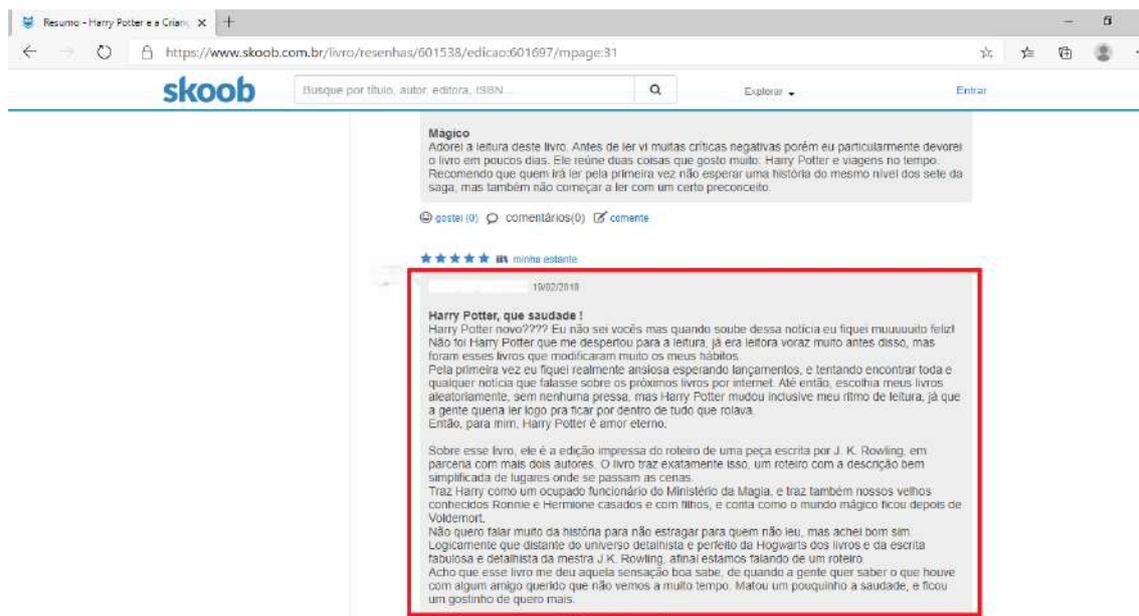
O caráter voraz intensivo se traduz aqui nas locuções hiperbólicas de uma leitura-devoração, frequentemente associada à demarcação temporal explicitamente anunciada e relativa à rapidez extraordinária para a realização da leitura correspondente ou releitura feita e visada. Exemplos dessas expressões estão transcritas por “não foi a toa que li esse livro em um dia”, “incluirei este em minha maratona sempre que for ler toda a história”, “leu as obras várias vezes (acabou essa semana de reler o último da saga)” e “depois de lê-lo cerca de 8 vezes”. O caráter redundante funciona como reforço positivo e circunstancial acerca dessa (auto)representação que enunciam.

4.3 “LI TODOS OS SETES LIVROS EM MENOS DE DUAS SEMANAS!” – O LEITOR VORAZ EXTENSIVO

Outra representação de leitor altamente positiva e muito frequente nos dados de que dispomos em nossa pesquisa é aquela que se pauta na mesma ‘voracidade’ leitora, muito embora, essa voracidade seja representada sob a forma da leitura simultânea de vários e diferentes títulos, autores e gêneros, como é característico da prática leitora que aqui designamos como **extensiva**. No caso de nosso *corpus* específico, essa prática **extensiva** se expressa particularmente sob a forma da leitura sequencial ou simultânea de vários títulos, em geral, de um mesmo autor, ou de diferentes livros que compõem uma mesma obra, quando se está diante de uma produção contemporânea que tem se caracterizado pela oferta em série, em vários volumes, ou ainda, pela leitura de vários textos, de diferentes gêneros, origens e autores (diversas edições do livro, as produções fan-fics dele derivadas, os comentários nas redes de leitores concernentes ao título, as notícias de seu sucesso e das obras derivadas, ou então os roteiros de filmes e peças teatrais resultantes da obra ficcional), todos eles relacionados ao que os próprios leitores designam como “universo” da obra.

Nos enunciados a seguir, é possível flagrar, entre as características mais marcantes da **extensividade**, a reiteração dos leitores de seu contato frequente com uma variedade muito grande de textos, uma multiplicação contínua deles, uma proliferação de informações, de produções derivadas, o que por sua vez incita ou obriga a um gesto de leitura mais rápido, menos cerimonioso, mais irreverente, da passagem de um texto a outro, de modo a se ver e a se constituir como um fã que lê tudo que circula à respeito de um livro, de uma série, de um autor, de um personagem... as metáforas da “obsessão

de ler”, da “febre de ler”, da “fúria de ler” que emergem na Alemanha e em toda a Europa, na segunda metade do século XVIII, poderiam ser aplicadas a esses leitores jovens contemporâneos que se expressam orgulhosamente nas redes sociais, com a diferença de que no passado essas foram designações de caráter pejorativo e crítico, e que hoje se converteram em uma representação altamente afirmativa e positiva, a ponto dos próprios jovens membros da rede SKOOB empregarem, em sua autodescrição como leitores, metáforas equivalentes a estas.



(Figura 34: *printscreen* do Enunciado 25 da plataforma SKOOB)

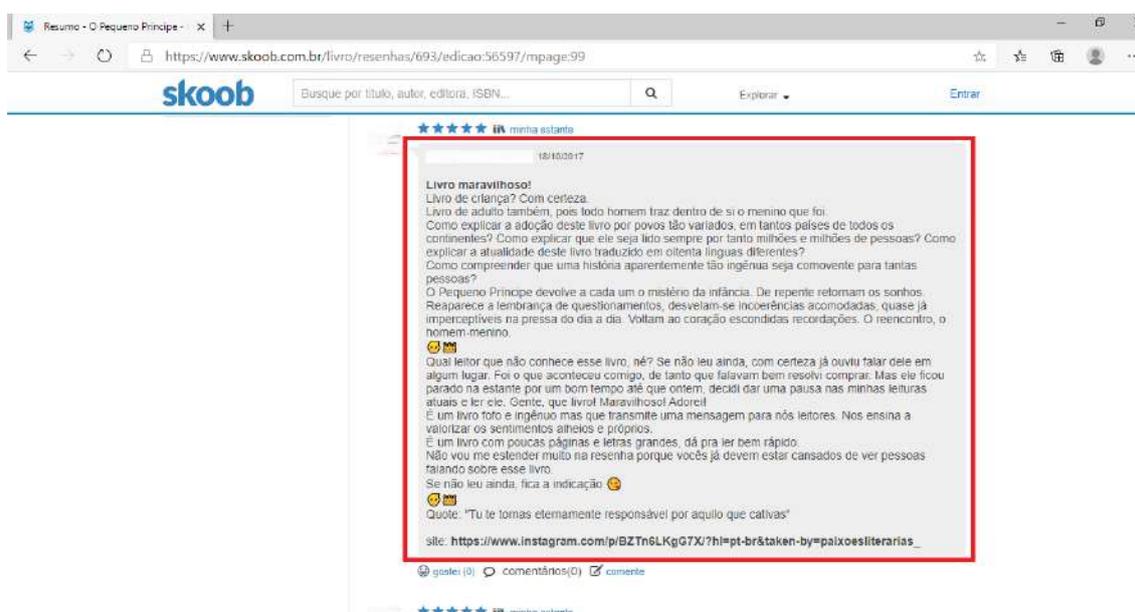
Enunciado 25⁶⁹

Harry Potter, que saudade! Harry Potter novo???? Eu não sei vocês mas quando soube dessa notícia eu fiquei muuuuuuito feliz! Não foi Harry Potter que me despertou para a leitura, **já era leitora voraz muito antes disso, mas foram esses livros que modificaram muito os meus hábitos**. Pela primeira vez eu fiquei realmente ansiosa esperando lançamentos, e **tentando encontrar toda e qualquer notícia que falasse sobre os próximos livros por internet. Até então, escolhia meus livros aleatoriamente**, sem nenhuma pressa, mas Harry Potter mudou inclusive meu **ritmo de leitura, já que a gente queria ler logo pra ficar por dentro de tudo** que rolava. Então, para mim, Harry Potter é amor eterno. Acho que esse livro me deu aquela sensação boa sabe, de quando a gente quer saber o que houve com algum amigo querido que não vemos a muito tempo. Matou um pouquinho a saudade, e ficou um gostinho de quero mais.
[19/02/2019]

Embora não estejamos diante de um exemplo prototípico do que poderíamos chamar de leitura **extensiva**, relativa ao consumo simultâneo de vários livros e autores, eventualmente de gêneros distintos, a especificidade desse tipo de produção cultural

⁶⁹ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:31> Acesso: 02/11/2020.

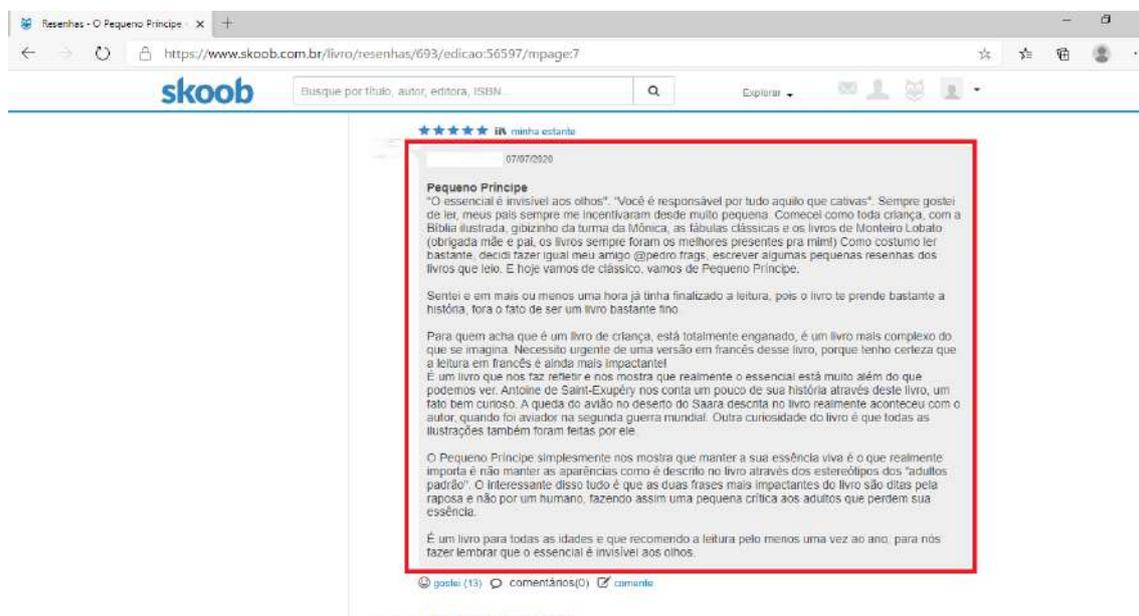
relativa à saga Harry Potter, sob a forma de uma série, implica na multiplicação de títulos e com eles de textos que se referem a esses títulos, de filmes, de jogos, de fanfics, de notícias, configurando um universo amplo de oferta de textos variados, em relação aos quais muitos leitores, tal como o responsável por este enunciado aqui selecionado, indicam em suas declarações essa simultaneidade entre o modo de ler **intensivo e extensivo**, no consumo dessa obra. O enunciador diz que “já era leitora voraz muito antes” de se tornar leitora intensiva de Harry Potter, e que “escolhia aleatoriamente”, os títulos que lia, hábito que se modificou profundamente, conforme afirma, quando então seu centro de interesse praticamente exclusivo se torna essa saga e os textos que gravitam em seu entorno. No enunciado há a explicitação tanto de um modo de ler que pode ser qualificado como **intensivo**, com dedicação e exclusividade na leitura da obra, quanto do modo de ler que pode ser qualificado como **extensivo**, segundo o qual se prolifera os textos lidos, o que é afirmado sob a forma do interesse declarado de se ler “toda e qualquer notícia que falasse sobre os próximos livros na internet”, “pra ficar por dentro de tudo”, acompanhado do traço da velocidade na leitura, quando se afirma que “Harry Potter mudou inclusive meu ritmo de leitura, já que a gente queria ler logo”. Ler tudo, ler o tempo todo e ler rápido, são traços em geral atribuídos ao modo de ler extensivo. No entanto, este último traço, o da rapidez, pode ser relativizado na análise, em relação aos próximos enunciados 26 e 27.



(Figura 35: *printscreen* do Enunciado 26 da plataforma SKOOB)

Enunciado 26⁷⁰

Qual leitor que não conhece esse livro, né? Se não leu ainda, com certeza já ouviu falar dele em algum lugar. Foi o que aconteceu comigo, de tanto que falavam bem resolvi comprar. Mas ele ficou parado na estante por um bom tempo até que ontem, **decidi dar uma pausa nas minhas leituras atuais e ler ele. Gente, que livro! Maravilhoso! Adorei!** É um livro fofo e ingênuo mas que transmite uma mensagem para nós leitores. (...) **É um livro com poucas páginas e letras grandes, dá pra ler bem rápido.** [18/10/2017]



(Figura 36: *printscreen* do Enunciado 27 da plataforma SKOOB)

Enunciado 27⁷¹

Sempre gostei de ler, meus pais sempre me incentivaram desde muito pequena. Comecei como toda criança, com a Bíblia ilustrada, gibizinho da turma da Mônica, as fábulas clássicas e os livros de Monteiro Lobato (obrigada mãe e pai, os livros sempre foram os melhores presentes pra mim!) Como costumo ler bastante, decidi fazer igual meu amigo @pedro.frag, escrever algumas pequenas resenhas dos livros que leio. E hoje vamos de clássico, vamos de Pequeno Príncipe. Sentei e em mais ou menos uma hora já tinha finalizado a leitura, pois o livro te prende bastante a história, fora o fato de ser um livro bastante fino. Para quem acha que é um livro de criança, está totalmente enganado, é um livro mais complexo do que se imagina. Necessito urgente de uma versão em francês desse livro, porque tenho certeza que a leitura em francês é ainda mais impactante! [07/07/2020]

Nos enunciados 26 e 27, é possível flexibilizar um desses atributos da leitura extensiva, o da rapidez da leitura. Tal como observamos em relação à análise do enunciado 21, no qual o enunciador afirma que leu o Pequeno Príncipe “em um dia”, nesses enunciados 26 e 27, se afirma que “É um livro com poucas páginas e letras

⁷⁰ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:99>> Acesso: 11/08/2020.

⁷¹ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:7>> Acesso: 24/07/2020.

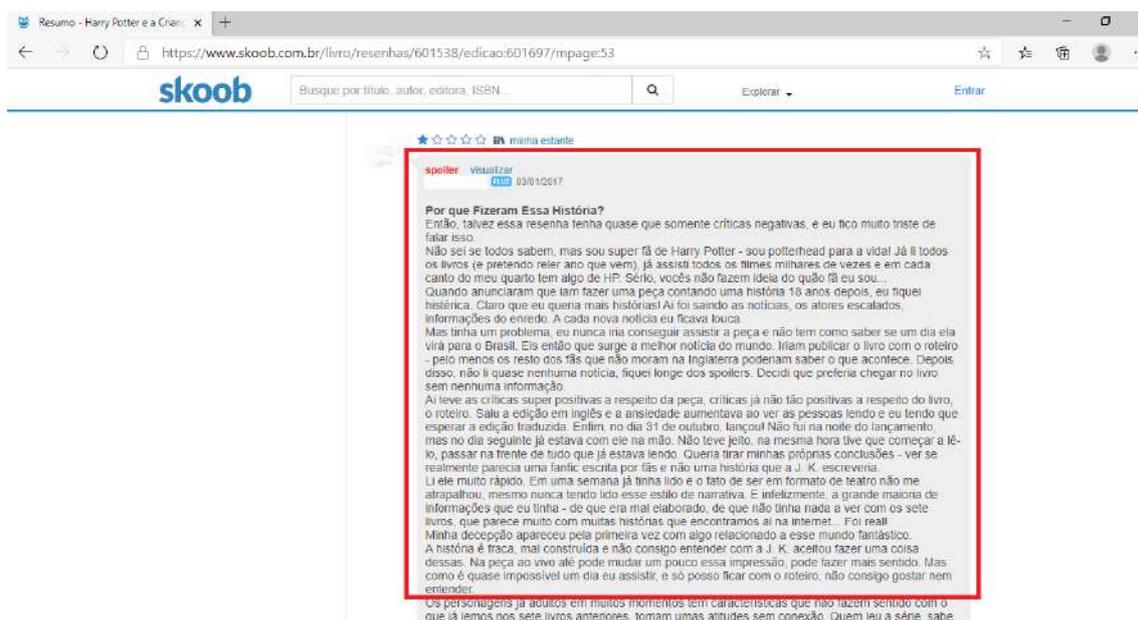
grandes, dá pra ler bem rápido” e também “Sentei e em mais ou menos uma hora já tinha finalizado a leitura”, ao que este último enunciador justifica acrescentando que “pois o livro te prende bastante [...] fora o fato de ser um livro bastante fino”.

A alusão à rapidez com que se leu esse título, declarada nesses dois enunciados, não nos parece se relacionar prioritariamente a uma propriedade exclusiva da leitura extensiva. Essa menção parece antes afirmar o mergulho e a permanência na leitura de um texto interessante que “prende bastante”. Isso é mais próprio da leitura intensiva, feita com exclusividade, priorizada em relação a outras, para a qual se dedica tempo, energia e atenção reverentes, e por vezes só pode ter sido lida mais rapidamente em função de esta já ser uma das releituras da obra. Se a velocidade, a rapidez na leitura, nesse enunciado 26 não é um indício preciso de leitura extensiva, já a declaração presente neste mesmo enunciado de que “decidi dar uma pausa nas minhas leituras atuais e ler ele”, é um exemplo facilmente atribuível às qualidades do modo de ler extensivo. Aqui se anuncia tanto a realização simultânea da leitura de diferentes textos, já que o enunciador se expressa valendo-se do plural “minhas leituras atuais”, quanto a prática da interrupção do que se estava lendo para se ler outro texto, o que revela essa relação mais livre, menos sacralizada, que comporta inclusive o abandono e a eventual retomada do que se lia em outra ocasião. E isso é um típico traço do modo de ler extensivo.

Ainda em relação ao enunciado 27, testemunhamos mais uma vez a presença de indícios dos dois modos de ler. A declaração da variedade de tipos de textos lidos na infância se relaciona, sem dúvida, ao incentivo, desde cedo pela família, de uma prática extensiva de leitura. O fragmento “Necessito urgente de uma versão em francês desse livro”, é um exemplo que articula ambos os modos de ler, já que embora seja a mesma obra a ser relida em diferentes versões (prática intensiva), trata-se também de uma edição e outra língua, logo do desejo de leitura de um ‘outro’ livro (prática extensiva).

Outro aspecto que nos chamou a atenção neste enunciado, e que em geral se faz presente nos demais analisados, é o do silenciamento do papel da escola como instituição mediadora, fomentadora da leitura. O enunciado 27 é um exemplo claro disso. Nele só tem a história do indivíduo que se formou leitor no âmbito privado, graças aos pais que desde cedo “incentivaram” a ler, que compraram e deram livros de “presente”, que garantiram o acesso a esse bem de consumo inacessível para a maioria e que podem potencialmente dar acesso também a uma versão ainda mais inacessível, aquela “em francês”. Essa declaração é bem prototípica dos “herdeiros”, categoria

sociológica retomada por Chartier (2019) para mostrar o funcionamento distinto dos discursos sobre a leitura assumidos por sujeitos que ocupam posições sociais e culturais diferentes. Os herdeiros tendem, quando tem de falar de si como leitores, a não citar as leituras que em geral são realizadas no âmbito escolar, que são comuns, de maior acesso a um conjunto mais amplo de leitores, logo menos distintivas. Não sem razão, a referência ao interesse em ler um livro, ficcional, de maneira espontânea, não necessariamente incluído nos currículos escolares e em edição francesa é uma forma de enunciar comum entre os “herdeiros”, tal como discute Curcino (2020).



(Figura 37: *printscreen* do Enunciado 28 da plataforma SKOOB)

Enunciado 28⁷²

Não sei se todos sabem, mas sou super fã de Harry Potter – sou potterhead para a vida! **Já li todos os livros (e pretendo reler para o ano que vem), já assisti todos os filmes milhares de vezes e em cada canto do meu quarto tem algo de HP.** Sério, vocês não fazem ideia do quão fã eu sou... Quando anunciaram que iam fazer uma peça contando uma história 18 anos depois, e fiquei histérica! Claro que eu queria mais histórias! (...) **A cada nova notícia** eu ficava louca. (...) Decidi que preferia chegar no livro sem nenhuma informação. (...) **Saiu a edição em inglês** e a ansiedade aumentava ao ver as pessoas lendo e eu tendo que esperar a edição traduzida. Enfim, no dia 31 de outubro, lançou! Não fui na noite do lançamento, **mas no dia seguinte já estava com ele na mão.** Não teve jeito, **na mesma hora tive que começar a lê-lo, passar na frente de tudo que já estava lendo.** (...) **Li ele muito rápido, em uma semana já tinha lido.** [03/01/2017]

Nesses enunciados onde também se enlevam a voracidade e a constância, o aspecto distintivo dos sujeitos, aqueles de que eles se valem para expressar seu orgulho

⁷² Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:53>> Acesso: 30/11/2020.

de ser leitor, é justamente o de se mostrar um leitor extensivo, ou seja, um leitor que lê e confronta textos ou livros diferentes, às vezes concomitantemente. Certas expressões, tais como “já li todos os livros e pretendo reler” e “li ele muito rápido, em uma semana já tinha lido”, atualizam a força dos discursos quanto aos modos de ler admissíveis e sobre os quais nos orgulhamos nos dias de hoje, a saber, as que associam a prática particular e empírica, relativa ao comportamento individual de cada sujeito, de leitura aos critérios mais convencionais e assumidos desde muito cedo, dado o nosso pertencimento social; elas são resultados da ordem discursiva, a qual impõe uma *vontade de verdade* sobre a leitura, reforçam estereótipos e condutas, incidem sobre nossas convicções, etc.

A recorrência nesses dizeres, em remissão ao leque de leituras que empreendem, à sua perspicácia em poder realizá-las num tempo curto – dado o volume de páginas de uma obra ou se considerados os diferentes livros citados de um corpo amplo de textos, relacionado com a pouca idade desses leitores – assim como à ênfase frequente na precocidade com que iniciaram suas leituras e na permanência dessa sua condição, abrangem os traços consensuais do que é ser leitor e ter orgulho de sê-lo.

Neste enunciado 28, entre os modos mais legítimos de se (auto)caracterizar um jovem leitor, figura a quantidade de vezes que se leu ou se viu outras produções culturais relacionadas à narrativa, ao personagem e ao autor de que se é fã, o que é enfaticamente anunciado, em “li todos os livros (e pretendo reler) e já assisti aos filmes milhares de vezes”, o que articula tanto o modo de ser extensivo quanto intensivo. A maneira extensiva de ler é mais marcada nos fragmentos “a cada nova notícia” e “tive que passar na frente de tudo que já estava lendo”. Como já descrito em relação a enunciados anteriores, estamos diante de uma prática que autoriza a leitura de mais de um texto simultaneamente e que interrompe a leitura de um para realizar a de outro, com liberdade e sem grandes restrições. E como já constatado em outros enunciados, aqui a expressão da rapidez na leitura “li ele muito rápido, em uma semana já tinha lido”, articula tanto o que pode advir da imersão exclusiva do leitor nessa obra lida (leitura intensiva), quanto resultante da naturalização de uma prática de ler mais rapidamente, de passar de um livro a outro, ou de tudo o que é escrito sobre o livro, ou de tudo que se quer rapidamente escrever sobre livro, como parte das práticas que constituem e consolidam seu pertencimento a uma comunidade leitora específica.

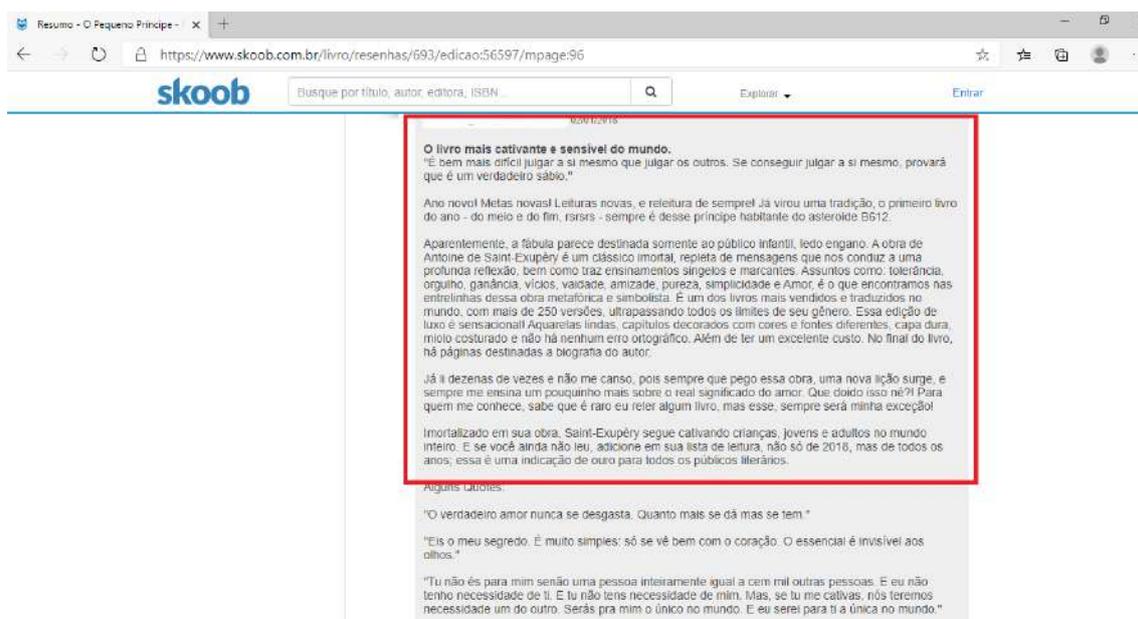
Tal como constatado por Andretta (2013), por Andretta & Curcino (2012) e por Conti (2016), o exercício da sociabilidade leitora em uma comunidade virtual como a

rede SKOOB, apresenta outro traço fundamental quanto à caracterização juvenil e leitora desses usuários da plataforma: é preciso se mostrar leitor em consonância a forma descolada e jovial no uso da linguagem que essas postagens determinam. Articulada aos discursos mais consensuais e validados culturalmente sobre a leitura, nessas postagens se encontra uma linguagem que comprova a propriedade e legitimidade de leitor e de fã de carteirinha de uma obra. Assim, além da afirmação de que se lê muito, sempre, vários títulos ou de maneira aprofundada um único título, o modo de se afirmar isso se adequa às normas tácitas quanto à linguagem das redes: “sou potterhead para a vida! (...) em cada canto do meu quarto tem algo de HP”.

Os enunciados, nesse sentido, nos possibilitam depreender essas formas regulares de enunciação atualizadas por esses leitores jovens que se inscrevem em uma comunidade leitora relativamente definida quanto à faixa-etária e geracional, bem como seus interesses culturais relacionados à leitura e à linguagem de que se valem nas formas de expressão de si como leitores. Essas referências que atestam sua voracidade no consumo da leitura das obras referidas é, sem dúvida alguma, um modo orgulhoso de se apresentar como leitor, de apresentar o modo como leem e releem os títulos em questão.

Como buscamos descrever, na maior parte dos enunciados que aqui trouxemos como exemplos desses modos de ler, intensivo e extensivo, encontramos indícios dessas duas categorias, por vezes relacionadas a outras propriedades que analisamos nos demais itens e capítulos dessa dissertação.

Neste último enunciado, além da afirmação dos dois modos de ler, de maneira bem sintética e no início do comentário “Leituras novas, e releitura de sempre!”, o enunciador dedica espaço para declarar seu apreço pelo livro físico dessa obra de que é fã.



(Figura 38: *printscreen* do Enunciado 29 da plataforma SKOOB)

Enunciado 29⁷³

Ano novo! Metas novas! **Leituras novas, e releitura de sempre!** Já virou uma tradição, o primeiro livro do ano - do meio e do fim, rrsrrs - sempre é desse príncipe habitante do asteroide B612. (...) **Essa edição de luxo é sensacional! Aquarelas lindas, capítulos decorados com cores e fontes diferentes, capa dura, miolo costurado e não há nenhum erro ortográfico.** Além de ter um excelente custo. **No final do livro, há páginas destinadas a biografia do autor. Já li dezenas de vezes e não me canso, pois sempre que pego essa obra, uma nova lição surge, e sempre me ensina um pouquinho mais sobre o real significado do amor. Que doido isso né?! Para quem me conhece, sabe que é raro eu reler algum livro, mas esse, sempre será minha exceção!** [02/01/2018]

Nessa declaração publicada a respeito desse título em específico (En.: 29), de uma obra escolarizada, seu emissor expõe uma prática perpassada pelas releituras, assumindo demonstrar, portanto, o seu reconhecer de que a afirmação da leitura, mas também da releitura de certos textos e autores, gera benefício simbólico, o enunciador destaca seu apreço por uma obra de grande circulação, por um clássico universal que, mais do que outras obras, é aqui representado como o livro que merece ser lido mais de uma vez: “releitura de sempre!”, “já virou uma tradição – o primeiro livro do ano, do meio e do fim”, “já li dezenas de vezes e não me canso”. Uma justificativa para a releitura, que também encontra respaldo entre os argumentos prestigiosos para se declarar leitor, é o interesse que a forma do livro físico desperta no leitor, não em qualquer leitor, mas neste que se mostra sensível à beleza ou especificidade da

⁷³ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:96>> Acesso: 10/08/2020.

materialidade do livro. Além de se representar como leitor intensivo da obra, o enunciador também ostenta sua atenção à forma do livro: “essa edição de luxo é sensacional! Aquarelas lindas, capítulos decorados com cores e fontes diferentes, capa dura, miolo costurado e não há nenhum erro ortográfico (...)”. A avaliação assemelha-se a de um profissional. Nada lhe escapa em termos da forma material do livro. Ela é razão suficiente para justificar nova experiência de releitura. É também o meio para o leitor ostentar sua familiaridade com o texto e com o livro. Ele demonstra seu orgulho de ser leitor não apenas em termos afetivos (“sempre que pego essa obra, [ela] me ensina um pouquinho mais sobre o real significado do amor”) como também em termos técnicos, de modo a justificar a relação emotiva declarada, e simultaneamente, demonstrar a sua propriedade e legitimidade enquanto leitor, que lê e que descreve seus gostos, seus critérios de leitura, suas competências intelectuais, linguísticas, literárias e críticas.

A descrição da materialidade do livro, também remonta ao desejo de distinção tantas vezes demonstrado pela mera posse de livros, pela exposição de si como com livros, de sua biblioteca ou de si em bibliotecas, que constituem imagens plenas de valor simbólico positivo⁷⁴. Nesse sentido, o livro é aqui o meio de expressão de um fetiche da leitura⁷⁵.

Nas declarações dos leitores jovens na rede SKOOB observamos a enorme fluidez entre as características tradicionalmente atribuídas ao modo intensivo e ao modo extensivo de ler. É como se não houvesse aquela incompatibilidade do passado, aquela fronteira do passado, separando e distinguindo esses modos na forma como os jovens leem e se declaram leitores. É preciso considerar como elemento fundamental dessa indistinção e mesmo solidariedade dos dois modos de ler, tal como vimos nos enunciados analisados, o tipo de obra, o tipo de comunidade e o tipo de meio que garante a partilha dos comentários. Estamos diante de megasellers em um tempo de produção cultural típica da era da convergência. As obras comentadas foram e continuam sendo importantes catalisadores de leitores, ainda que por razões distintas, em torno das quais se formam verdadeiras comunidades de leitores/fãs, o que se

⁷⁴ Abreu (2001a), discorre acerca de uma série de dizeres de viajantes europeus sobre o Brasil colonial, entre elas aquelas referentes à representação leitora dos brasileiros em contraste com aquela dos europeus. A estes são atribuídas as práticas de leitura eruditas associadas a espaços, móveis e outros objetos, bem como a posturas corporais apropriadas para a sua realização por meio de gravuras de cenas do cotidiano dos brasileiros, especialmente aquelas do universo cultural, nas quais o livro desempenha importante papel. É a sua ausência, o seu manuseio indevido, o que veem e retratam esses viajantes sobre os brasileiros.

⁷⁵ Sobre a ideia do livro como fetiche, em circunstâncias limites, como aquelas da recuperação e salvaguarda de livros encontrados no lixo, cf. Curcino (2020).

consolidou especialmente com os recursos técnicos disponibilizados pelas redes sociais virtuais. Lê-se com fervor e exclusividade, até com certa ritualização e deferência, essas obras laicas. Lê-se com irreverência, leveza, a massa disforme de tudo o que circula sobre essas obras tornadas populares, conhecidas, inclusive às vezes apenas pelo acesso a seus outros formatos audiovisuais. O que há em comum é a paixão declarada, de diversas formas, e a consciência de que essas declarações rendem dividendos simbólicos. Daí o orgulho demonstrado por esses leitores.

Esse orgulho encontra respaldo internamente na comunidade leitora específica e externamente a ela. De um lado, eles contam com um olhar condescendente, de admiração, de aprovação e de incentivo dos pais, familiares, professores etc., por serem jovens interessados por livros, por livros extensos, enfim, por serem jovens que leem. **Eles sentem orgulho de serem leitores porque isso é fonte de orgulho daqueles que os veem como leitores.** Talvez a principal reprovação que possam encontrar seja quanto ao caráter oneroso desse hábito, em geral bancado pelos familiares, ou por alguma negligência escolar indiciada em notas menores em algumas disciplinas. De outro, encontram na comunidade de que fazem parte, aquela de jovens leitores fãs de uma obra ou autor, esse **reconhecimento compartilhado de sua condição, de sua legitimidade como leitor e como fã, e com o reconhecimento mútuo o orgulho também compartilhado de serem leitores,** e que é diversamente afirmado nesses enunciados. Eles desfrutam, assim como seus pares do século XVIII em sua “fúria de ler”, de uma “sociabilidade legitimada e formalizada através da leitura”, construída pela afirmação enfática de suas características comuns relativas à “dominação conjunta, controlada e disciplinada” (Wittmann, 1999, p.148) da leitura de textos comuns dos quais elegeram ser fãs.

5 JOVENS E LEITURA NAS REDES: O ORGULHO DA TRADIÇÃO E ALGUNS GESTOS DE QUASE REBELDIA

Este [O Pequeno Príncipe] é um livro daqueles que recomendo fortemente para todos! Recomendei inclusive para meu amigo. Acabei emprestando meu exemplar para ele, no ano de 2019. E até agora, em abril de 2020, quem disse que ele devolveu? Não empresto mais...

Há diversas formas de se expressar o orgulho de ser leitor. A maior parte delas é bem conhecida de todos nós. Isso se deve ao funcionamento dos discursos dominantes, consensuais e de longa duração sobre essa prática⁷⁶, tal como já discorremos. Os enunciados que compõem o rol das maneiras de se referir orgulhosamente em termos de leitura são frequentemente reiterados inclusive por quem sequer se considera leitor. Por essa razão, é zona segura reproduzir o que em geral circula, se sabe e se aprova quando o objetivo é se apresentar como leitor ou reconhecer o outro como tal.

Como dissemos antes, e tal como descreve Curcino (2018) em suas análises dos discursos sobre a leitura, é ponto pacífico nas interlocuções sobre o tema, em nossa sociedade, se afirmar que é leitor quem lê desde cedo, quem o faz regularmente, de forma espontânea e naturalizada, como hábito, gosto e escolha individual. Como reiteram Curcino & Amaral Fancio (2022), sem dúvida alguma, essa é uma definição legítima e é papel de todos nós como sociedade garantir que todos disponham da possibilidade de ser leitor nessas condições ideais.

A leitura é uma dentre várias práticas culturais que só encontra lugar, guarida e possibilidade de ser plenamente realizada se garantidos, minimamente, certos direitos materiais a todos os membros de uma sociedade. Não se pode esperar que as pessoas se tornem leitoras, apenas com a reativação sem fim das mesmas propagandas que pregam em terra de convertidos ao reiterarem, até com um certo grau de cinismo, que ‘ler é bom’. Claro que é bom. Isso todos nós sabemos. Sabem disso sobretudo todos aqueles que não puderam se tornar leitores, no sentido pleno do termo, e que sofrem todo dia, na carne, as consequências dessa falta, em uma sociedade que discrimina seus cidadãos também em função de seus dotes culturais. (Curcino & Amaral Fancio, 2022, p. 24)

A não garantia desse direito a todos, faz do acesso restrito à leitura um modo de estabelecer hierarquias, que se expressam no reconhecimento seletivo como leitor daqueles que leem certos gêneros e certas obras e autores consagrados, sobretudo

⁷⁶ Cf., por exemplo, Abreu (2001b; 2006a; 2006b).

aqueles cuja consagração também se apoia em seu pequeno número de leitores, conforme destaca Abreu (2006). É preciso ainda, para fazer jus a esse título de leitor saber se referir adequadamente a essa prática e a esses gêneros, obras e autores, tal como afirma Bayard (2007). Uma das formas de obter o reconhecimento como leitor é, portanto, agir segundo essas representações tradicionais do que é ler, do que é ser um bom leitor. Isso se encontra amplamente manifesto no que dizem os jovens membros da rede SKOOB sobre suas leituras e sobre si como leitores. No entanto, em alguns de seus enunciados testemunhamos certos discursos emergentes, não necessariamente tradicionais, e que parecem relativizar, e mesmo polemizar, com aqueles já consagrados e mais conhecidos. Ser rebelde em matéria de leitura significa buscar romper com um ou outro traço das representações mais convencionais que compartilhamos em sociedade. É se inscrever nesse lugar de dizer o inesperado ou o inaceitável. No entanto, isso não é feito necessariamente de qualquer modo, e também não significa, de modo algum, romper com o pacote todo contido nos discursos consensuais acerca dessa prática⁷⁷.

No que enunciam os jovens leitores cujos comentários analisamos aqui, é possível observar uma rebeldia, ainda que tímida. Essa timidez é compreensível, já que é bastante intimidante ensaiar dizer algo distinto do que o que já está previsto nos discursos sobre a leitura. Em geral, esses laivos de rebeldia consistem, por exemplo, em declarar que não se lê apenas livros, mas também outros textos sob outras formas materiais, em declarar que se lê certas obras e autores de circuitos culturais cuja legitimação não passa pelas instituições mais convencionais de promoção da leitura, como a escola ou o mercado livreiro tradicional. Mais raramente, essa rebeldia se expressa em contraposição ao ler sempre, ler muito, ler como hábito, ler por prazer, que são atributos que valorizamos como próprios do leitor ideal, e que compõem o imaginário herdado, conforme Abreu (2001a) do prestígio, entre nós, das práticas próprias do ócio burguês europeu em contraposição ao desprestígio daquelas relacionadas ao trabalho físico, manual, em um país marcado pela escravidão, como o

⁷⁷ O mesmo foi constatado por Andretta (2013) e por Silva (2021), o primeiro ao analisar dados da mesma fonte com que trabalhamos, ou seja, postagens de jovens leitores na rede SKOOB, a segunda ao analisar ‘memes’ relativos ao tema da leitura, em repositórios de ‘memes’ e em redes sociais diversas. Ambos observaram que nesses enunciados de jovens que falam da leitura e de si como leitores há certos desvios do que convencionalmente se diz sobre o que é ser leitor. No entanto, são desvios relativos e mesmo tímidos, já que em geral advêm de imposições do próprio meio de circulação da postagem e são por vezes acompanhados de justificativas, algumas sob a forma de pedidos de desculpas, por ousar dizer o que se sabe de antemão não dever ser dito.

nosso⁷⁸. Em outros casos, ela diz respeito aos exageros que se confessa fazer em nome da leitura, para poder ler. Nos itens a seguir apresentamos como são formulados os discursos sobre a leitura e as representações do leitor em enunciados das postagens na rede SKOOB, entre a afirmação do discurso tradicional, de sua reiteração, e alguns desvios, ainda que discretos, do que preconiza esse discurso.

5.1 “TENHO UMA COLEÇÃO DESTE CLÁSSICO: EM PORTUGUÊS, ESPANHOL, FRANCÊS E INGLÊS” - O LEITOR TRADICIONAL

Essa categoria de enunciados em que a representação mais saliente é aquela que podemos caracterizar como a do “leitor tradicional” é aquela em que pululam mais exemplos. Boa parte dos exemplos já elencados até aqui apresenta necessariamente vínculos com o discurso convencional e dominante sobre a leitura.

Como sujeitos pertencentes a uma dada coletividade, a constituição de nossas percepções não resulta de uma individualidade subjetiva. Ela não resulta de uma dimensão exclusivamente individual, privada, a partir da qual se poderia explicar a origem de nossas avaliações. Se não há dúvida de que é como indivíduo que interpretamos, que avaliamos, que percebemos, não se pode perder de vista que o fazemos como indivíduos inseridos em um tempo e espaço precisos, convivendo em uma dada sociedade que sanciona positiva ou negativamente essas nossas interpretações, avaliações e percepções, o que contribui para a constituição dessas formas como cada um de nós, como indivíduo, nos reconhecemos, e a partir das quais somos subjetivados⁷⁹.

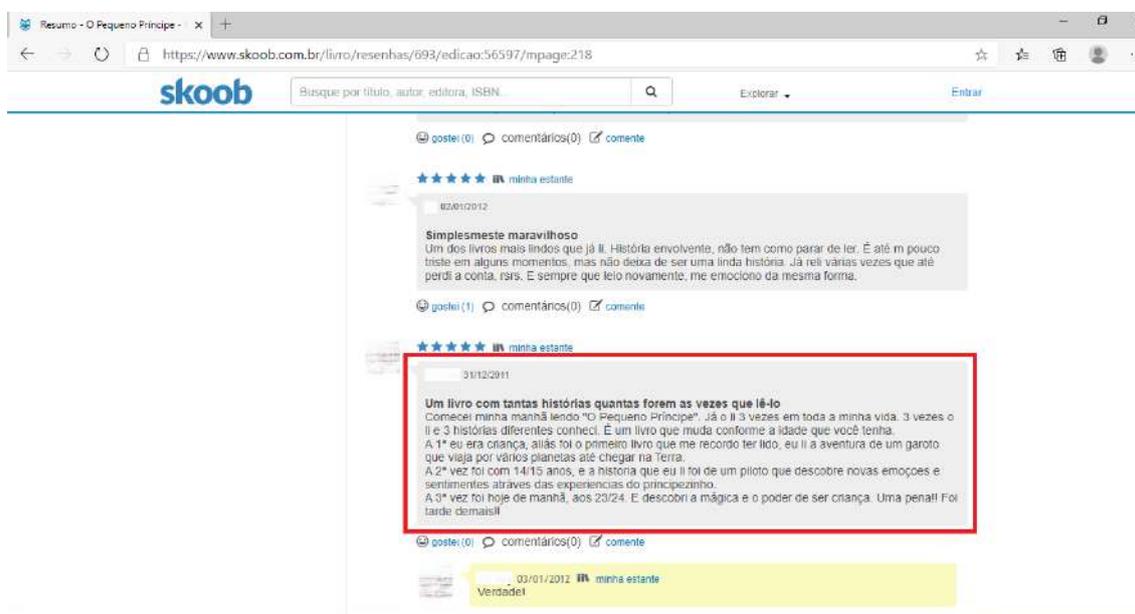
Na Análise do Discurso, para compreendermos a noção de sujeito, devemos considerar, logo de início, que não se trata de indivíduos compreendidos como seres que têm uma existência particular no mundo; isto é, sujeito, na perspectiva em discussão, não é um ser humano individualizado. Se não se trata do indivíduo, da pessoa, como uma instância plena de individualidades, como um ser empírico que tem existência particular, mas não se nega

⁷⁸ Sobre os ecos dessa herança cultural e simbólica que baliza nossos julgamentos ainda hoje, na atualidade, cf. Curcino (2019c; 2020a)

⁷⁹ Nos termos de Foucault (2004), esse assujeitamento é formulado em outros termos, é nomeado como o processo de subjetivação a que todo e qualquer sujeito está sujeito e do qual é, simultaneamente sujeito. “Penso que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. [...] Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, que podemos encontrar no meio cultural”, p 291.

também a existência real dos sujeitos em sociedade. Com isso, afirmamos que o sujeito, mais especificamente o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim **um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro**. A voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade social; de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico (FERNANDES, 2005, p. 33-34, grifos nossos).

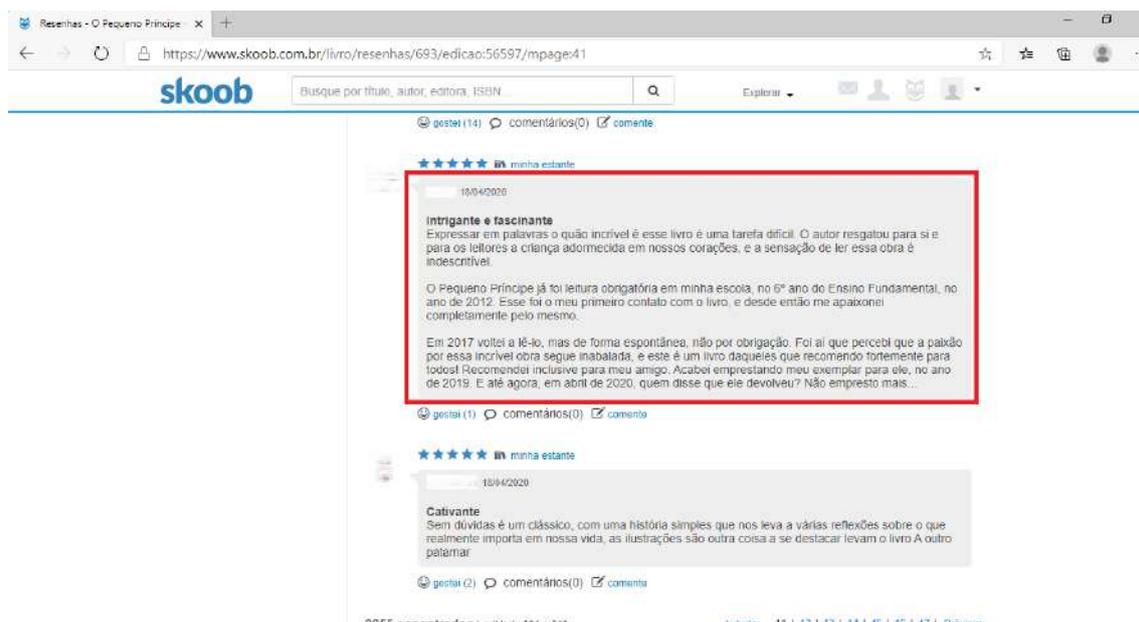
Por esse funcionamento próprio dos discursos e de sua atuação sobre a constituição de nossa subjetividade e de como nos identificamos em relação a certas práticas como a da leitura e a certas posições sujeito como a do leitor, é que nos declaramos como leitores de certas obras e não de outras, enunciamos nossas preferências e comportamentos relacionados à leitura, não quaisquer uns, nem de qualquer modo, citamos nomes de autores consagrados pela tradição literária e nos orgulhamos por correspondermos àquilo que é esperado de um leitor “de verdade”. Os enunciados a seguir exprimem essas relações de correspondência com a expectativa tradicional do que é ser leitor. Essa representação compreende aqueles que leem e releem os clássicos, que o fazem desde pequenos e com constância, que o fazem espontaneamente, assim como aqueles que adquirem e colecionam livros, etc.



(Figura 39: *printscreen* do Enunciado 30 da plataforma SKOOB)

Enunciado 30⁸⁰

Um livro com tantas histórias quantas forem as vezes que lê-lo. Comecei minha manhã lendo “O Pequeno Príncipe”. Já o li 3 vezes em toda a minha vida. 3 vezes o li e 3 histórias diferentes conheci. É um livro que muda conforme a idade que você tenha. **A 1ª eu era criança, aliás foi o primeiro livro que me recorde ter lido**, eu li a aventura de um garoto que viaja por vários planetas até chegar na Terra. **A 2ª vez foi com 14/15 anos**, e a historia que eu li foi de um piloto que descobre novas emoções e sentimentos através das experiências do príncipezinho. **A 3ª vez foi hoje de manhã, aos 23/24**. E descobri a mágica e o poder de ser criança. Uma pena!! Foi tarde demais!! [31/12/2011]



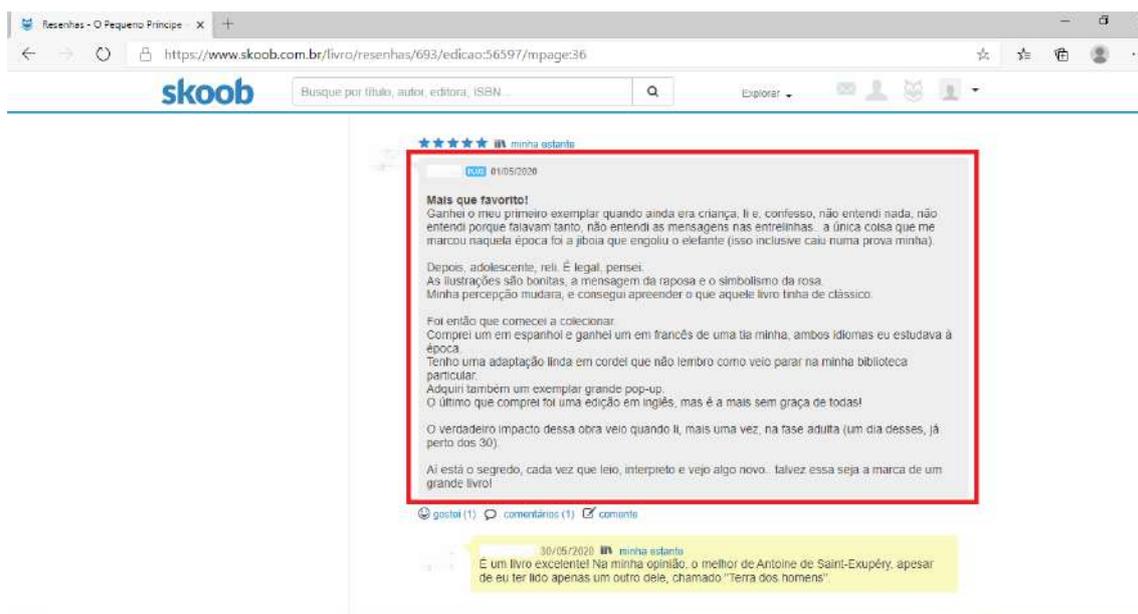
(Figura 40: *printscreen* do Enunciado 31 da plataforma SKOOB)

Enunciado 31⁸¹

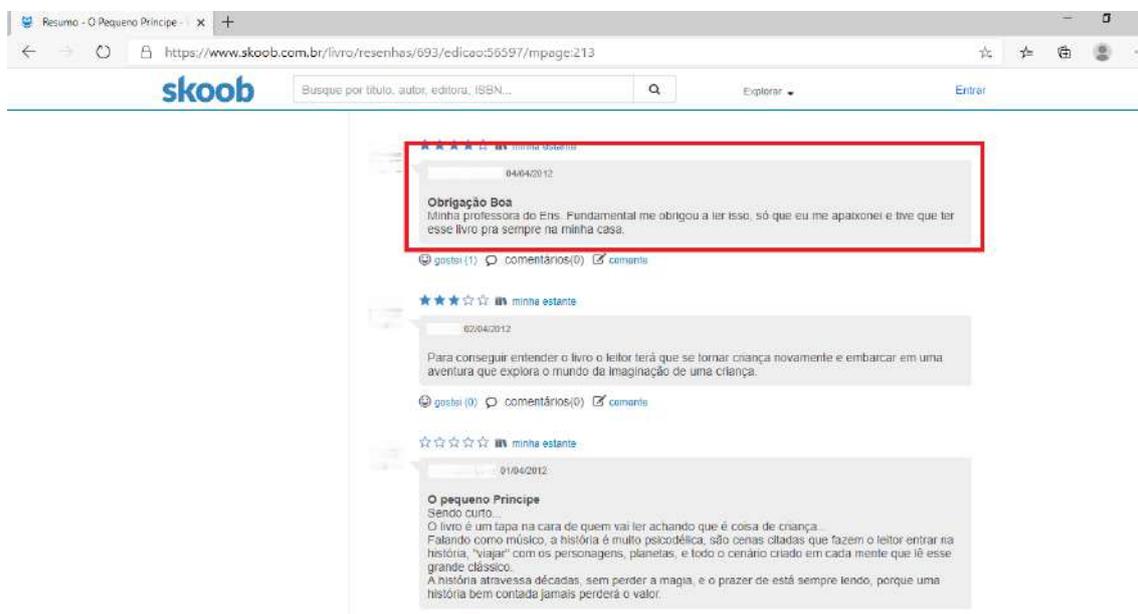
Intrigante e fascinante. Expressar em palavras o quão incrível é esse livro é uma tarefa difícil. O autor resgatou para si e para os leitores a criança adormecida em nossos corações, e a sensação de ler essa obra é indescritível. O Pequeno Príncipe **já foi leitura obrigatória em minha escola, no 6º ano do Ensino Fundamental, no ano de 2012. Esse foi o meu primeiro contato com o livro, e desde então me apaixonei completamente pelo mesmo. Em 2017 voltei a lê-lo, mas de forma espontânea, não por obrigação. Foi aí que percebi que a paixão por essa incrível obra segue inabalada**, e este é um livro daqueles que recomendo fortemente para todos! Recomendei inclusive para meu amigo. **Acabei emprestando meu exemplar para ele, no ano de 2019. E até agora, em abril de 2020, quem disse que ele devolveu? Não empresto mais...** [18/04/2020]

⁸⁰ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:218>> Acesso: 19/08/2020.

⁸¹ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:41>> Acesso: 26/07/2020.

(Figura 41: *printscreen* do Enunciado 32 da plataforma SKOOB)**Enunciado 32⁸²**

Mais que favorito! Ganhei meu primeiro exemplar quando ainda era criança, li e, confesso, não entendi nada (...). Depois, adolescente, reli. (...) **Foi então que comecei a colecionar. Comprei um em espanhol e ganhei um em francês** de uma tia minha, ambos idiomas eu estudava à época. **Tenho uma adaptação linda em cordel que não lembro como veio parar na minha biblioteca particular. Adquii também um exemplar grande pop-up. O último que comprei foi uma edição em inglês, mas é a mais sem graça de todas!** [01/05/2020]

(Figura 42: *printscreen* do Enunciado 33 da plataforma SKOOB)**Enunciado 33⁸³**

⁸² Sobre "O Pequeno Príncipe". Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:36>> Acesso: 25/07/2020.

Obrigação Boa. **Minha professora do Ens. Fundamental me obrigou a ler isso, só que eu me apaixonei e tive que ter esse livro pra sempre na minha casa.** [02/04/2012]

Esses enunciados indiciam aspectos já explorados nas categorias anteriores⁸⁴, uma vez que remontam em particular à reiteração das práticas de leitura prioritariamente inscritas nos discursos mais convencionais sobre a leitura, aqueles basilares e balizantes no exercício dessa prática.

O leitor não apenas é afetado por essa dimensão mais material e sensorial da atividade de leitura como também se vale da enunciação desse aspecto como um meio de se afirmar efetivamente um bom leitor, um leitor excepcional, mais precisamente a partir das seguintes declarações às quais recorre: “eu era criança, foi o 1º livro que me recordo ter lido”, “expressar em palavras o quão incrível é esse livro é uma tarefa difícil”, “a sensação de ler essa obra é indescritível”, “ganhei meu primeiro exemplar quando ainda era criança (...), comecei a colecionar – comprei um espanhol e ganhei um em francês, ambos idiomas que estudava à época, tenho uma adaptação linda em cordel na minha biblioteca particular, adquiri também um exemplar grande em pop-up, o último que comprei foi uma edição em inglês”.

Há fatores socioculturalmente localizados que fornecem ‘o quê’ e ‘como’ dizemos de nós mesmos e dos outros em matéria de leitura. Uma das instituições que participam da consolidação desses fatores é a escola. É próprio da circulação dos dizeres no âmbito escolar, ao mobilizarmos o tema da leitura, a referência incontornável aos clássicos, e a reverência que lhes dedicamos, e que deve ser enunciada nos termos já convencionados para isso.

Por isso, quando dizemos das obras que lemos, de nossas predileções literárias, do(s) autor(es) que admiramos, inevitavelmente dizemos de nós mesmos enquanto sujeitos de assujeitamento⁸⁵.

Nesse sentido, os comentários publicizados nessa comunidade virtual leitora estão inscritos em uma dada ordem discursiva pela qual o que se diz e o modo respectivo do dito corroboram a representação de leitor legítimo; buscamos no capítulo anterior analisar os efeitos de sentido evocados quando a leitura acompanhada de releitura é declarada, nomeadamente pela vertente de leitura intensiva. Não

⁸³ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:213>> Acesso: 18/08/2020.

⁸⁴ Tal qual, por exemplo, nossa análise quanto à representação de leitura intensiva no capítulo anterior, uma vez que esses enunciados exprimem também essa relação de leitura e releituras de um mesmo livro.

⁸⁵ Cf. Foucault (1999).

infreqüentemente, as declarações de leitura fazem remissão aos retornos para com uma mesma obra (En. 30: “já o li 3 vezes em toda a minha vida. 3 vezes o li e 3 histórias diferentes conheci”). Naquilo que tange o En. 31, a declaração “acabei emprestando meu exemplar para ele, no ano de 2019. E até agora, em abril de 2020, quem disse que ele devolveu? não empresto mais...” indicia um aspecto muito evocado no meio leitor, ou seja, não é incomum esse tipo de comentário no conjunto do que é enunciável sobre a leitura, pelo qual o relato de livros emprestados e não devolvidos é uma constante que demonstra o quanto o leitor valoriza seus livros, tem zelo por eles, os guarda como tesouros; se no espaço desses comentários há um protocolo bastante estrito do que dizer, essa cobrança é engraçada porque foge um pouco do papel tradicional do que é enunciado nessas postagens nessa rede social, sem com isso ser dissonante das formas de manifestação de seu amor pelos livros, tal como se espera do “bom leitor”, do “verdadeiro leitor”.

Quanto à inserção do En.: 32, no interior dessa representação do leitor tradicional, o aspecto do colecionismo corresponde um traço menos aludido e mais incomum de enunciação (“comecei a colecionar. Comprei um em espanhol e ganhei um em francês [...]. Tenho uma adaptação linda em cordel que não lembro como veio parar na minha biblioteca particular. Adquiritambém um exemplar grande pop-up. O último que comprei foi uma edição em inglês”); por essas linhas de discussão, o caráter mais excepcional do que em geral se enuncia sobre a leitura se inscreve no fato de que esse leitor não apenas é um leitor que gosta do livro, mas um colecionador compulsivo, um fã orgulhoso de suas várias versões deste livro. O colecionismo, embora possa ser considerada uma prática tradicional, na atualidade se relaciona com um certo exibicionismo incentivado por práticas como a do Bookshelf de blogueiros... O leitor tradicional talvez não dispusesse nem da variedade de edições de um mesmo livro, nem dos meios de hoje em dia para ostentar isso. Muito embora, tal excentricidade esteja nessa declaração gravitando os aspectos mais prototípicos do leitor tradicional – o que lê desde a infância, com constância, que empreende releituras, que forja uma biblioteca particular.

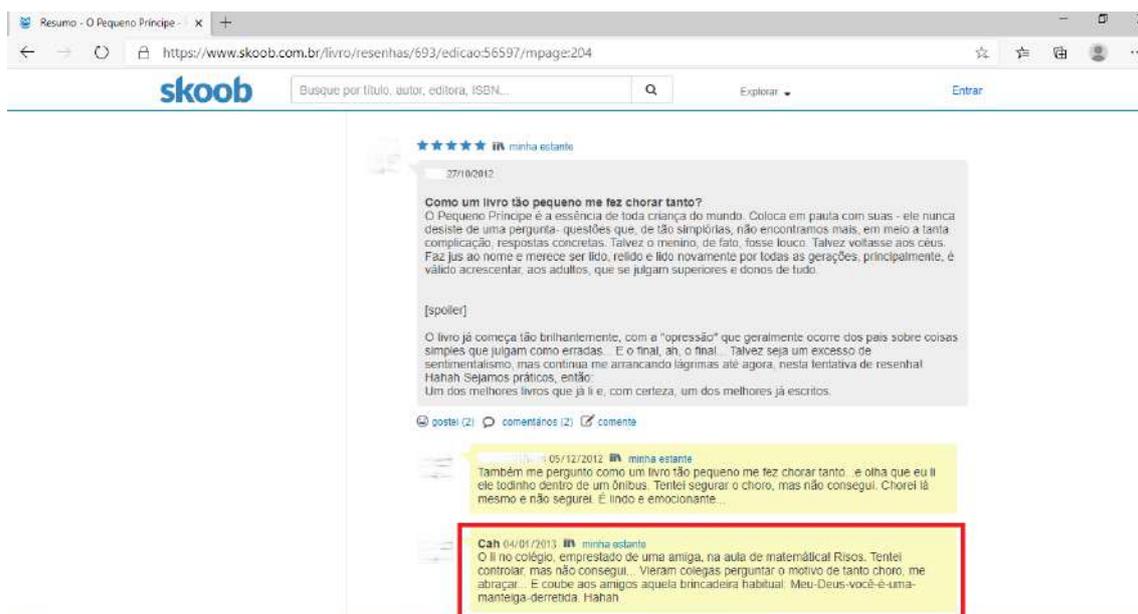
O leitor que assume em suas declarações a representação ideal, tradicional e idealizada de leitura, quanto aos modos mais legítimos de exercê-la, tal como se expressa no En. 33 (“obrigação boa”), reforça o consenso remetido à leitura hedonista,

feita por prazer e com prazer, conforme já teorizado pelos estudiosos⁸⁶ da leitura. Se a leitura é prazerosa ou não, boa ou má, não é nosso objetivo contestar os benefícios de se ler ou de ser leitor. Quando descrevemos e criticamos essas formas de apresentação dos sujeitos como leitores ou não leitores, como analistas do discurso, buscamos demonstrar esse funcionamento discursivo e de seus impactos sobre os sujeitos e suas práticas, em especial, naquilo que se enuncia por parte dos leitores jovens e usuários da rede SKOOB.

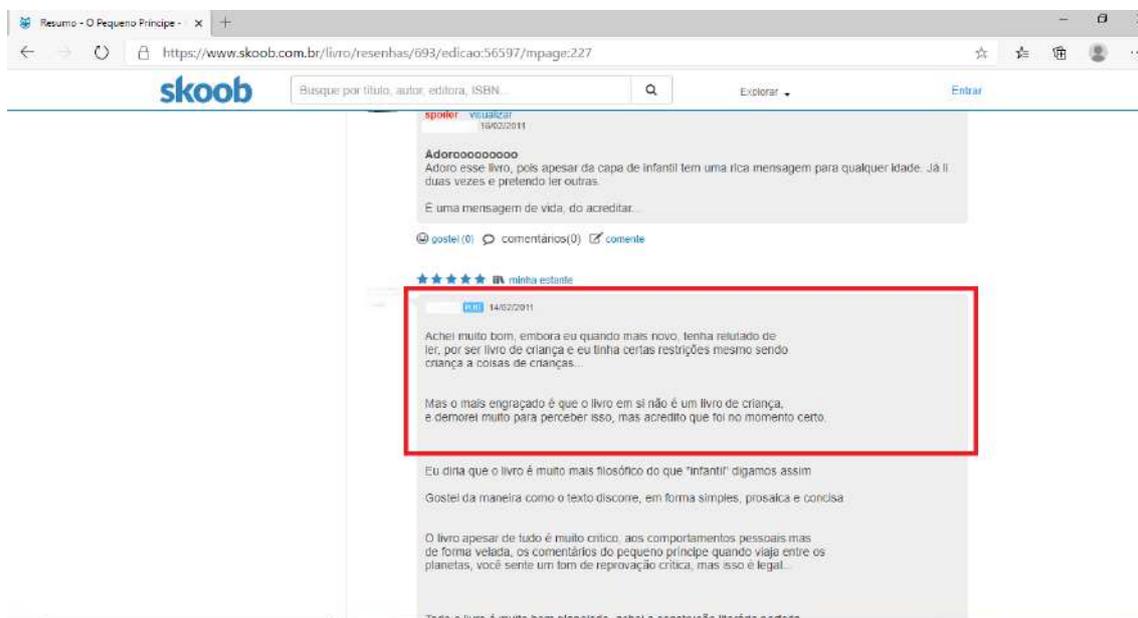
5.2 “LI O LIVRO NO COLÉGIO DURANTE A AULA DE MATEMÁTICA!” – O LEITOR TRADICIONAL COM PITACOS DE REBELDIA

Nos enunciados deste item, como nos demais que temos analisado, observamos a presença e o predomínio das representações mais convencionais sobre a leitura, muito embora, em alguns deles se observe alguma variação, alguma rebeldia, em declarações de jovens que afirmam com orgulho suas maneiras, gostos e circunstâncias peculiares de ler, quase excêntricas, e que destoariam do que convencionalmente se afirma sobre a leitura. Em alguns casos, a própria afirmação avessa a certos traços componentes dos discursos dominantes sobre a leitura pode, paradoxalmente, reforçar dizeres tradicionalmente valorados do que é ser leitor, como também pode dar ocasião a formas de se expressar que podem ser consideradas transgressoras em relação a esses discursos.

⁸⁶ Os autores Britto e Barzotto (1998) expõem que tal consenso “tem produzido um grande mito – o mito do sujeito leitor, hipoteticamente mais participativo e mais crítico” (s. p.); ainda nas palavras dos autores: “objetivamente, a leitura hedonista só serve para promover a si mesma, e em condições muito específicas. Querer vincular a satisfação intelectual pela realização de um trabalho a um certo tipo de prazer não passa de uma forma de falsear a realidade” (s. p.).

(Figura 43: *printscreen* do Enunciado 34 da plataforma SKOOB)**Enunciado 34⁸⁷**

O li no colégio, emprestado de uma amiga, na aula de matemática! Risos. Tentei controlar, mas não consegui... Vieram colegas perguntar o motivo de tanto choro, me abraçar... E coube aos amigos aquela brincadeira habitual: Meu-Deus-você-é-uma-manteiga-derretida. Hahah [04/01/2013]

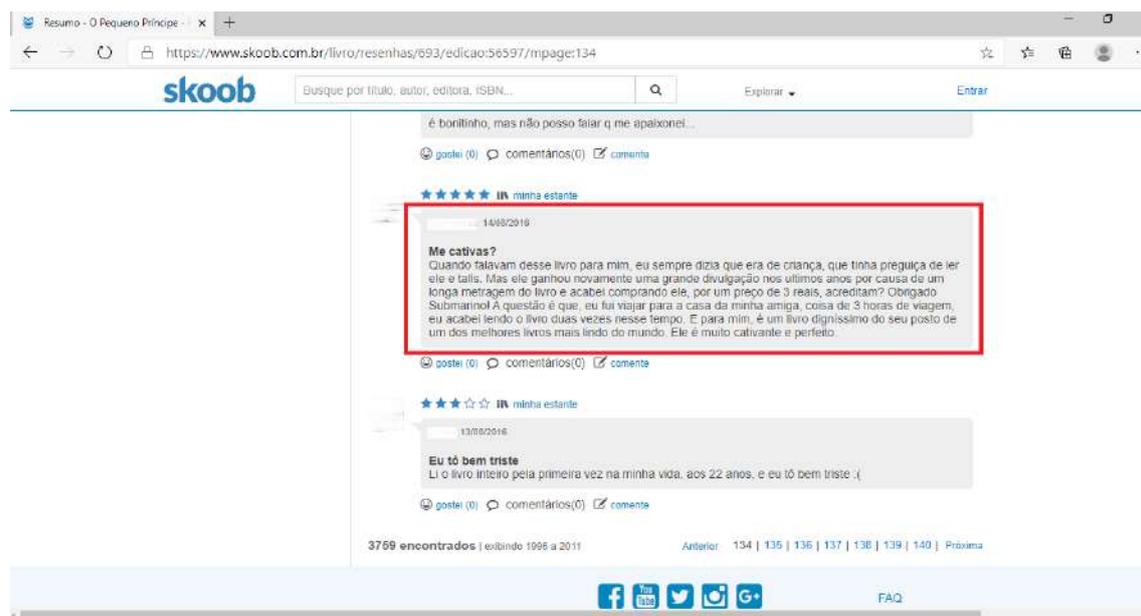
(Figura 44: *printscreen* do Enunciado 35 da plataforma SKOOB)

⁸⁷ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:204>> Acesso: 18/08/2020.

Esse é um exemplo interessante de ostentação dessa rebeldia, que não é subversiva em relação aos discursos sobre a leitura, mas antes às práticas de sua realização. É para continuar lendo que o enunciador neste exemplo “confessa” seu gesto inapropriado, não convencional, de ler em circunstância clandestina, não autorizada. O “risco” é assumido e a atitude é “confessada”, o que é uma forma de reiterar seu apego, amor e audácia quando o tema é leitura. A confissão de um “desvio” foi a forma encontrada pelo enunciador para demonstrar seu orgulho de ler e de ler a obra em questão.

Enunciado 35⁸⁸

Achei muito bom, embora eu quando mais novo, tenha relutado de ler, por ser livro de criança e eu tinha certas restrições mesmo sendo criança a coisas de crianças... Mas o mais engraçado é que o livro em si não é um livro de criança, e demorei muito para perceber isso, mas acredito que foi no momento certo. [14/02/2011]



(Figura 45: *printscreen* do Enunciado 36 da plataforma SKOOB)

Enunciado 36⁸⁹

Quando falavam desse livro para mim, **eu sempre dizia que era de criança, que tinha preguiça de ler ele e talls**. Mas ele ganhou novamente uma grande divulgação nos últimos anos por causa de um longa metragem do livro e acabei comprando ele, por um preço de 3 reais, acreditam? Obrigado Submarino! A questão é que, eu fui viajar para a casa da minha amiga, coisa de **3 horas de viagem, eu acabei lendo o livro duas vezes nesse tempo**. E para mim, é

⁸⁸ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:227>> Acesso: 19/08/2020.

⁸⁹ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:134>> Acesso: 12/08/2020.

um livro digníssimo do seu posto de um dos melhores livros mais lindo do mundo. Ele é muito cativante e perfeito. [14/08/2016]



(Figura 46: *printscreen* do Enunciado 37 da plataforma SKOOB)

Enunciado 37⁹⁰

A primeira vez que ouvi falar em Pequeno Príncipe e sua história, foi no ano de 2009. Naquela ocasião, eu, uma menina de apenas 17 anos tinha acabado de ingressar no mundo dos livros, com uma paixão repentina por romances vampirescos. Ao ter conhecimento deste livro, o julguei infantil demais para receber minha atenção e muito fútil para o merecimento de ocupar minha coleção no meu armário. Acontece que, tanto tempo depois e com uma maior experiência no mundo da literatura, esse título me veio novamente a cabeça, junto com uma pergunta simples que tanto me espanto pelo seu aparecimento só agora: Porque ainda não li o Pequeno Príncipe? Porque o julguei se nunca ter o tido em minhas mãos? Com essas duas dúvidas martelando em minha cabeça, que resolvi deixar de lado meus preconceitos e dar uma chance a esse clássico. **Foi então que, em um dos estandes da Bienal do Livro do Rio 2017, me deparei com essa obra** exposta em um dos estandes e vi a grande oportunidade de finalmente conhecer esse clássico. **Em menos de 24 horas, devorei as quase 100 páginas do livro e descobri que estava completamente errada no meu julgamento.** (...) Levando, na maioria das vezes, o leitor as lágrimas. Pessoalmente, uma incrível surpresa, já que esperava por uma boba história infantil. Que eu possa me surpreender mais vezes dessa maneira. [09/09/2017]

Nestes 3 exemplos, nos enunciados 35, 36 e 37, encontramos uma avaliação depreciativa de obras destinadas a crianças. Isso por duas razões: primeiro porque uma forma de se afirmar jovem e mais maduro é recusando tudo aquilo do universo infantil; segundo porque há um discurso depreciativo, que é bastante reiterado, que desqualifica a produção literária destinada ao público infantil, em função de ser uma produção destinada a um público pouco exigente, com pouca formação. Essa desqualificação e

⁹⁰ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:100>> Acesso: 11/08/2020.

depreciação frequentam não apenas o discurso de parte da crítica literária, em suas diferentes formas de não reconhecimento da literatura infantil, como também ganha versões menos técnicas no imaginário e na circulação dos discursos sobre a literatura infantil em nossa sociedade. É uma versão deste discurso que vemos atualizada no modo como enunciam alguns desses jovens ao se referirem às razões que nortearam suas decisões, quando já jovens, de não ler uma obra que acreditavam ser ruim justamente por ser uma obra “destinada” ao público infantil.

Naquilo que concerne a representação do que seja categorizado como literatura infantil, conforme Ceccantini (2011, p. 118), há diversos mitos que incidem sobre o imaginário frequentemente evocado acerca da produção e da leitura da literatura infantil nacional, dentre os quais o autor enumera, por exemplo, os pontos a seguir: a) não se leem livros longos, com letras miúdas e sem ilustrações; b) não são lidos livros de descrição detalhista; c) apenas os livros de estrutura simples e linear são bem recebidos pelo público leitor infantil.

Embora seja necessário reconhecer o papel fundamental que textos curtos, simples e ilustrados possam ter na formação dos leitores iniciantes, que se encontram nas primeiras fases do letramento e, sobretudo, a função que tais textos podem desempenhar junto a crianças que só têm acesso a eles na escola, oriundas, que são, de meio iletrado, não é concebível que esse tipo de texto seja transformado em norma quase que absoluta do que virá a ser a literatura infantil lida pelo estudante ao longo do Ensino Fundamental (CECCANTINI, 2011, p. 119)

O recenseamento dos discursos que balizam nossas práticas, em particular sobre a leitura e literatura infantil, atua na desautomatização desses mitos, uma vez que pela análise daquilo que é enunciado, pela sistematização de suas injunções, torna-se possível clarificar caminhos para a formação leitora e mediação de leitura desde as bases da escolaridade, sem os mesmos aspectos reducionistas do que seja esse campo literário, ainda que não consumido prioritariamente pelo público infantil. Tal como declarado por esses jovens na rede SKOOB. O leitor orgulhoso, nos casos obtidos pelo nosso levantamento, emenda esse discurso ao procurar justificar-se na leitura de uma obra de cunho infantil como se tivesse infringido as próprias delimitações sobre as quais se orgulhar em termos de leitura. Esse leitor se vê impelido à uma espécie de retratação pelo que leu, uma vez que parte desse discurso de que a literatura infantil não se apresenta de modo exigente a seus leitores, vale ressaltar aqui uma vez mais de que nosso trabalho restringe-se a abordar representações de leitura, enunciados por sujeitos

que frisam em suas declarações uma identidade de leitor. Por outro lado, e ainda sob a incidência discursiva sobre suas práticas, ratificam o consenso em especial acerca desse título infantojuvenil, como se isso lhe outorgasse simbolicamente a (auto)representação de leitor segundos os modos mais legitimados de leitura, dentre os quais citamos o fato dessa obra (“O Pequeno Príncipe”) estar institucionalmente situada.

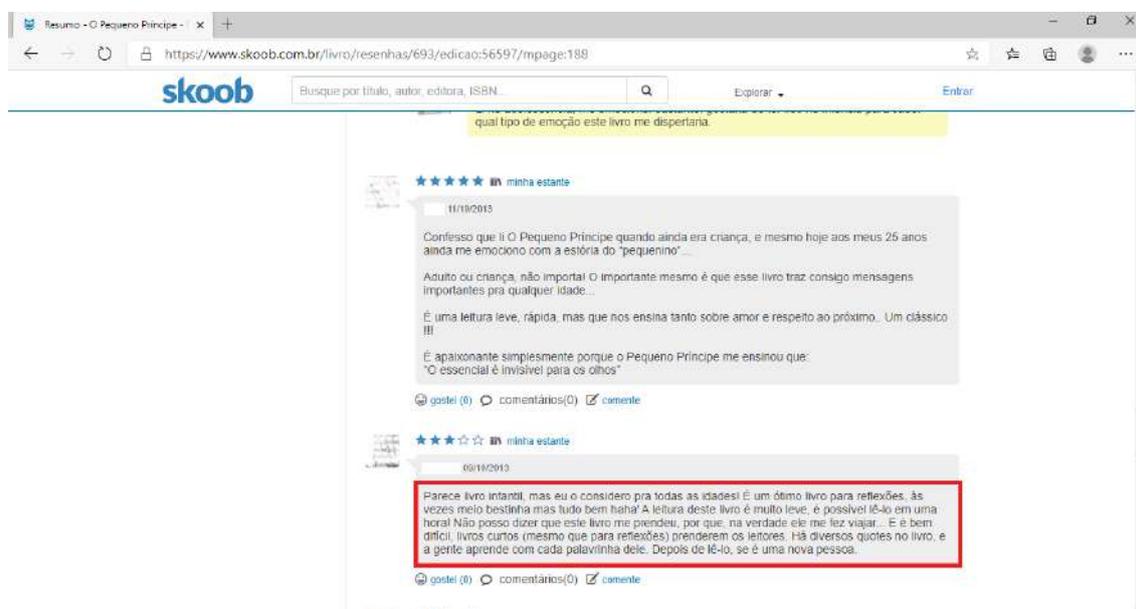
No que diz respeito à primeira hipótese, o modo peculiar nesse conjunto de enunciados nos quais se retrata a relação com a leitura responde, de início, à preocupação desses enunciadoreis com sua imagem junto à sua rede de interlocução sobre a leitura. É em proteção de sua imagem, como jovem e como leitor, que eles enunciam suas ressalvas em relação à leitura de uma obra voltada para o público infantil, considerada por isso “fútil”, “coisa de criança”. É por anteciparem algum tipo de julgamento de seu comportamento leitor, por seus pares também jovens e leitores, que em seus enunciados eles se justificam, afirmando que de início julgaram equivocadamente o livro, mas que uma vez lida a obra se deram conta de seu valor, e seu valor está ligado ao fato de não ser justamente ou apenas um livro infantil, para criança. Por não ser um livro para criança, ele merece ser lido e comentado.

A segunda hipótese está diretamente ligada a esta primeira. É porque esse preconceito com a literatura infantil precede esses leitores e o que eles disseram que o que eles disseram circula de forma tão naturalizada.

A afirmação “relutei pra ler por ser livro de criança e, ainda que criança, tenho restrições às coisas de crianças” (En.: 35), apresenta um enunciador bastante empoderado de sua autorrepresentação de leitor, porque não exclusivamente ratifica esse lugar-comum atrelado ao imaginário de diminuição do peso daquilo que se classifica infantil, como também por declarar-se sucessor de seu próprio tempo, daquilo que lhe é convencionalmente atribuído ao seu universo infantil, sendo criança. Esse é um tipo de comentário bastante reiterado quando se deseja ostentar uma prática leitora sobrecomum e, portanto, orgulhosa.

Quando se expressa “tenho preguiça de ler ele e talls”, no En.: 36, esse leitor reafirma que sua preguiça não se trata da leitura em seu aspecto mais geral e total, mas sim especificamente este livro para crianças. Uma vez mais, em função de um tipo de representação que descredibiliza a leitura de uma obra como essa por ser classificada como infantil. Ecos desse dizer em suas variações de expressão ainda são verificados como no En. 37: “[o livro] é infantil de mais para receber minha atenção e fútil demais para ocupar um espaço no meu armário”, as quais são nesse sentido típicas desse

funcionamento desse discurso sobre a qualidade das obras, que por isso transfeririam para o leitor essa sua qualificação. Dentre os dados levantados nessa pesquisa, os enunciados a seguir variam dos anteriores por conterem um julgamento relativa e parcialmente formulado, postado dentre as resenhas relativas a essa obra no SKOOB:



(Figura 47: *printscreen* do Enunciado 38 da plataforma SKOOB)

Enunciado 38⁹¹

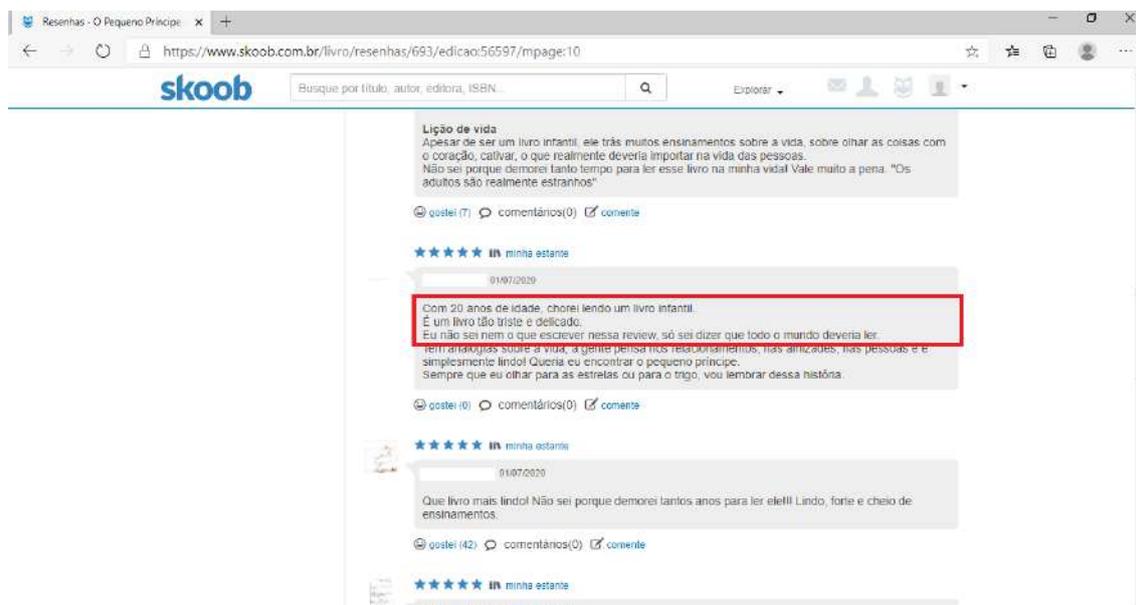
Parece livro infantil, mas eu o considero pra todas as idades! **É um ótimo livro para reflexões, às vezes meio bestinha mas tudo bem haha!** A leitura deste livro é muito leve, é possível lê-lo em uma hora! Não posso dizer que este livro me prendeu, por que, na verdade ele me fez viajar... **E é bem difícil, livros curtos (mesmo que para reflexões) prenderem os leitores.** Há diversos quotes no livro, e a gente aprende com cada palavrinha dele. Depois de lê-lo, se é uma nova pessoa. [09/10/2013]

No En, 38, o caráter que destoa dos demais reside justamente nessa avaliação crítica, parcialmente negativa, expressa acerca da obra, fundamentalmente por tratar-se de um livro destinado ao público infantil, em que seu enunciador/leitor se mostra, ainda que timidamente, mais crítico que os outros, mais sagaz, mas ao mesmo tempo não faz isso com a coragem que aparenta ter, já que reproduz o risinho “haha!”, como uma maneira de definir o tom com que fez a crítica, um tom que relativiza em alguma medida a crítica, um tom que antecipa as reprovações de que poderia ser vítima e que

⁹¹ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:188>> Acesso: 17/08/2020.

para se proteger informa aos leitores de seu comentário franco de que ele deve ser lido em um registro leve, amigável.

No entanto, são justamente essas pressupostas idiossincrasias que não unicamente parecem destoar dos discursos dominantes sobre a leitura, sobre uma obra em específico, sobre os modos de ler mais comuns, frequentes e validados. Elas também enaltecem um estilo leitor convencional: “tentei [me] controlar após a leitura, não consegui, vieram me perguntar o motivo de tanto choro”, “o mais engraçado é que o livro em si não é um livro de criança, e demorei muito para perceber isso”, “é um livro digníssimo do seu posto de um dos melhores livros mais lindo do mundo” e “[após a leitura] descobri que estava completamente errada no meu julgamento”. Um exemplo de comentário que reforça tal imaginário e que, no entanto, foi publicizado tendo em sua composição um metacomentário é o que expomos a seguir:



(Figura 48: *printscreen* do Enunciado 39 da plataforma SKOOB)

Enunciado 39⁹²

Com 20 anos de idade, chorei lendo um livro infantil. É um livro tão triste e delicado. Eu não sei nem o que escrever nessa review, só sei dizer que todo mundo deveria ler! [01/07/2020]

O En. 39 acima faz referência a ele próprio e por conseguinte revela uma incapacidade declarada por esse leitor de fazer uma declaração a contento. Essa característica particularmente exprime uma variação do que em geral os enunciados

⁹² Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:10>> Acesso: 25/07/2020.

orgulhosos e seguros da condição de leitores apresentam no conjunto de resenhas nessa rede e sobre este livro em específico.

A priori, esses sujeitos declaram um *ethos* leitor baseado na lógica da distinção tal como em geral ocorre. Ao falarem do que leem e como leem buscam afirmar algum desvio do que habitual e convencionalmente deles se espera. Buscam parecer agir não conforme as motivações mais óbvias de leitura inscritas nos dizeres consensuais. O que dizem nesses enunciados é que leem, mas leem diferentemente. A posteriori, esses mesmos jovens resgatam consensos, redimem-se da potencial má avaliação proveniente de seus interlocutores nessa comunidade virtual de leitura porque, ainda que leiam de maneira distinta, leem conforme os dizeres consagrados e ideias de leitura.

Desse modo, sob o viés da distinção, esses leitores se inscrevem naquilo de que declaram formas legítimas de ser leitor, das quais se orgulhar pela força enunciativa do que dizem a ponto de exporem e ostentarem suas particularidades no exercício da prática social de leitura. Vale frisar que esse comportamento enunciado se inscreve em um dado circuito juvenil, ou seja, no tocante às **culturas juvenis** a que esses sujeitos se identificam, podem haver variações nos modos de admitir uma rebeldia (portanto, uma ruptura em um dado contexto), ou nos modos de emendar um comportamento convencional, regular e normativo (portanto, valorizado em outro determinado contexto). Assim sendo, sendo possível identificar, a que que circuitos juvenis esses sujeitos enunciam se identificar? Esse questionamento lança luz para a visualização das representações de que se valem ao compartilharem determinados discursos sobre a leitura.

Pode se considerar como gesto de relativa rebeldia algumas formas que empregam para a sua representação como jovem leitor, como aquele da ênfase na voracidade com que empreendem a leitura: “lido durante uma aula”, “lido duas vezes em 3 horas” e “lido em menos de 24 horas”. Esse tem sido um traço recorrente na representação mobilizada por esses jovens em suas postagens. Em seu exagero, eles demonstram sua excentricidade. Essa excentricidade não se choca ou rompe com os discursos mais convencionais sobre a leitura. Ela os reitera incisivamente. Ela equivale a outras práticas de ostentação da identidade fomentadas especialmente no universo virtual das redes sociais.

6 NAS REDES, JOVENS QUE LEEM: A APOTEOSE DE SI A SERVIÇO DO ORGULHO DE SER LEITOR

Sujeitos da era digital são impelidos à (auto)exposição. No universo cibernético uma série de funcionalidades nos fazem crer que estamos diante de um espaço para expressão genuína e individualizada de nós mesmos. Um exemplo é a própria inscrição individual e customizada dos usuários em um dado segmento de sociabilidade na internet. Essa adesão a um grupo advém de processos complexos de identificação. Se aprende o que dizer e como dizer, o que mostrar e como (se) mostrar na frequência desses ambientes virtuais. As redes sociais se tornam um meio de interlocução e de exposição. A cada rede sua idiosincrasia, com seus temas, sujeitos e formas de enunciar(se). Esse funcionamento não é exclusivo desse espaço de interlocução e exposição. Dentro e fora das redes sociais, todos os sujeitos que enunciam estão submetidos às “ordens do discurso”.

As diversas formas de interlocução virtuais, propiciadas por plataformas como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, ou mesmo a própria rede social de leitores SKOOB, reproduzem e fomentam esse funcionamento da ampla exposição dos indivíduos. São esses usuários os produtores de conteúdo, os operários dessas plataformas e os consumidores de seus produtos. E o produto de seu trabalho é justamente a exposição de si, de suas vidas. Tal fenômeno, segundo o filósofo coreano Han (2018), se caracteriza em função da ‘comunicação simétrica’ favorecida no mundo virtual, completamente inversa a de outras formas de (inter)locução mais convencionais ou analógicas (tais como a TV, o rádio, o jornal, etc.):

A comunicação digital, em contrapartida, torna uma descarga de afetos instantânea possível. Já por conta de sua temporalidade ela transporta mais afetos do que a comunicação analógica. A mídia digital é, desse ponto de vista, uma mídia de afetos. A conexão digital favorece a comunicação simétrica. Hoje em dia, aqueles que tomam parte na comunicação não consomem simplesmente a informação passivamente, mas sim a geram eles mesmos ativamente. Nenhuma hierarquia clara separa o remetente do destinatário. Todos são simultaneamente remetentes e destinatários, consumidores e produtores (HAN, 2018, p. 15-16).

Nossas formas de auto e inter exposição/ locução obedecem a *ordens discursivas* que têm transformado nossas práticas, comportamentos, valores. Essa superexposição nos torna mais frágeis e dependentes do olhar do outro e de seus julgamentos. Isso tende a beneficiar uma maior homogeneização no modo como nos

mostramos publicamente. Aprendemos a adotar as formas validadas de se mostrar de modo que o que expressamos de nós mesmos nas redes, o que mostramos, são se limita a uma mera exposição. Essas “imagens não são apenas reproduções, mas também modelos. Refugiamo-nos nas imagens para sermos melhores, mais bonitos e mais vivos” (HAN, 2018, p. 53). As redes sociais, no âmbito da mídia digital, privilegiam a expressão dessas narrativas de si, configurando-se como espaço da apoteose da vaidade, o que por si só legitima e autoriza a expressão do orgulho de se adequar e de ser conforme o que se considera ser o ideal em relação a uma prática, a uma condição, a uma personalidade, a uma profissão etc. Isso não é diferente em relação à leitura. Redes sociais como a rede SKOOB se tornam espaço privilegiado para jovens leitores ‘aprenderem’ a se expressar como tal, como “jovens leitores”. Sua frequência desse espaço virtual garante um aprendizado de como se expressar como leitor, do que dizer da leitura e das obras e autores lidos ou daqueles que se pretende ler, como também, como observou Curcino (2020; 2022), que emoções expressar em relação a essa prática e a essa condição leitora.

O orgulho e a vergonha são, como demonstrou a autora, das emoções mais simples de serem expressas em relação à leitura, e isso porque ser leitor é algo valorizado positivamente e por isso algo que se pode apresentar, quando se crê ser, com orgulho, e quando não se crê ser, com vergonha. As redes sociais virtuais se tornaram uma vitrine, onde em geral mostramos os melhores produtos, e quando o produto somos nós mesmos é preciso mostrar o que temos ou achamos ter de melhor sobre nós. A possibilidade de exposição e o contato a tanta exposição determina ‘tendências’. Não nos mostramos de qualquer forma, mas segundo aquelas que ganham mais respaldo e validação. A ‘concorrência’ pode dar margem para os excessos. O que é certo nesse contexto de grande exposição, de incitação à exposição, é a maior codificação das formas de se mostrar orgulhoso de ser quem se é.

Em relação à leitura não é diferente. Ser leitor exige ser orgulhoso dessa condição, desde que ela corresponda às tendências do grupo leitor com o qual se quer ser identificado. Os jovens leitores na rede SKOOB aprendem rápido as regras de etiqueta desse universo, as formas mais adequadas e ‘antenas’ com o grupo de se mostrar leitor orgulhoso dessa condição.

6.1 O ‘ORGULHO’ DE QUEM LÊ, EXPOSTO EM REDE

Uma vez inscrito, o jovem na rede SKOOB produz seus *posts*⁹³ segundo as normas comuns do grupo, ainda que essas normas não sejam verbalmente explicitadas. Aliás, elas até são mais eficazes por não serem explicitadas, porque assim se sustenta a impressão de que cada indivíduo se expressa à sua maneira, livremente ou por regras tácitas e sobre as quais não necessariamente se tem consciência, o que não impede sua atuação.

Assim sendo, membros da rede SKOOB são impelidos à expressão orgulhosa de seu pertencimento a esta comunidade leitora e segundo regras que desconhece conhecer. A própria segmentação das redes sociais da atualidade funciona como uma possibilidade para os sujeitos de constituir comunidades, distintas, seletivas. Na rede social SKOOB seus membros sabem ser prioritariamente jovens, leitores, antenados com o funcionamento das redes, dispostos e à vontade para comentar o que leem, opinarem sobre obras e autores e exprimirem julgamentos sobre a leitura, sobre o que é ser leitor. No interior da própria rede SKOOB há uma segmentação que permite a seus membros se identificarem em comunidades ainda mais segmentadas, e com isso serem um tipo de leitor, distinto de outros. Se em uma comunidade, no interior dessa rede, ler best sellers pode não ser uma fonte de orgulho para o bom leitor, em outras essa distinção não é considerada relevante. O que nos interessou particularmente definir nessa nossa pesquisa foi justamente como o orgulho de ser leitor poderia ser manifesto em um grupo bem específico de membros dessa rede: aquele dos jovens leitores fãs e comentadores das mesmas obras, que tinham em comum o fato de terem sido as mais comercializadas no momento em que definimos para constituição do *corpus*. O que vimos, é que com poucas variações os usuários se rendiam a um modelo de enunciação comum ou generalizado de comentário em rede social, cuja ‘opinião’/ percepção é organizada e explicitada a partir da determinação de diferentes instâncias discursivas, como a do gênero discursivo em questão (comentário/postagem), a do espaço ou meio de produção e circulação desse gênero (redes sociais virtuais específicas de leitores), a do tema a ser tratado (a leitura e o leitor), que tem uma história que o precede e que determina o dizível a esse respeito. Vimos como e quanto esses dizível é apropriado precocemente, já que usado de maneira sistemática e sem muita variação por leitores bem jovens. Vimos que em relação à leitura é preciso se mostrar orgulhoso e não de qualquer forma. A expressão do orgulho de ser leitor se manifestou nos dados

⁹³ Designamos desse modo, tão amplamente quanto possível, para associarmos às diversas formas de se impor ou expor virtualmente (*stories*, *tweets*, comentários, *vlogs* etc.).

analisados de maneira bastante regular, ainda que com algumas variações. Se ser leitor é ler sempre e muito, entre as postagens de jovens leitores analisadas vimos o quanto se valem das hipérboles para enfatizar essa sua relação com a leitura. Se ser leitor é ler livros, vimos diferentes formas como demonstraram seu afeto por essa materialidade, sua atenção para esse objeto concreto. Se ser leitor é ler ficção, vimos o quanto mobilizaram justificativas comuns validadas para isso, desde o prazer de ler obras que permitem a fruição e a evasão, até a afirmação da importância dessa leitura para o bom desempenho escolar.

6.2 O ORGULHO E A LEITURA – O AFETO DISCIPLINADO(R) E A PRÁTICA PRESTIGIOSA

Dizeres que recorrem à expressão do ‘orgulho’, diante de uma determinada prática social como a leitura, remontam a *modos* mais apropriados de se estabelecer a relação com essa prática, consigo mesmo e com os outros, e isso porque esses *modos* estão submetidos a uma dada realidade coletiva que os avalia, valida, fornece e define como os mais indicados, comuns e significativos. E isso se dá por meio do funcionamento dos discursos sobre as práticas. Por essa razão, como aprendemos com os precursores da Análise do discurso e da História Cultural, os discursos não unicamente constituem aquilo que se enuncia sobre uma determinada prática ou sujeito, mas justamente porque afirmam, avaliam e prescrevem, esses discursos e representações fornecem como ser e agir e determinam nosso comportamento e/ou nossa sensibilidade norteando nossa relação com um objeto, uma prática e com os demais sujeitos.

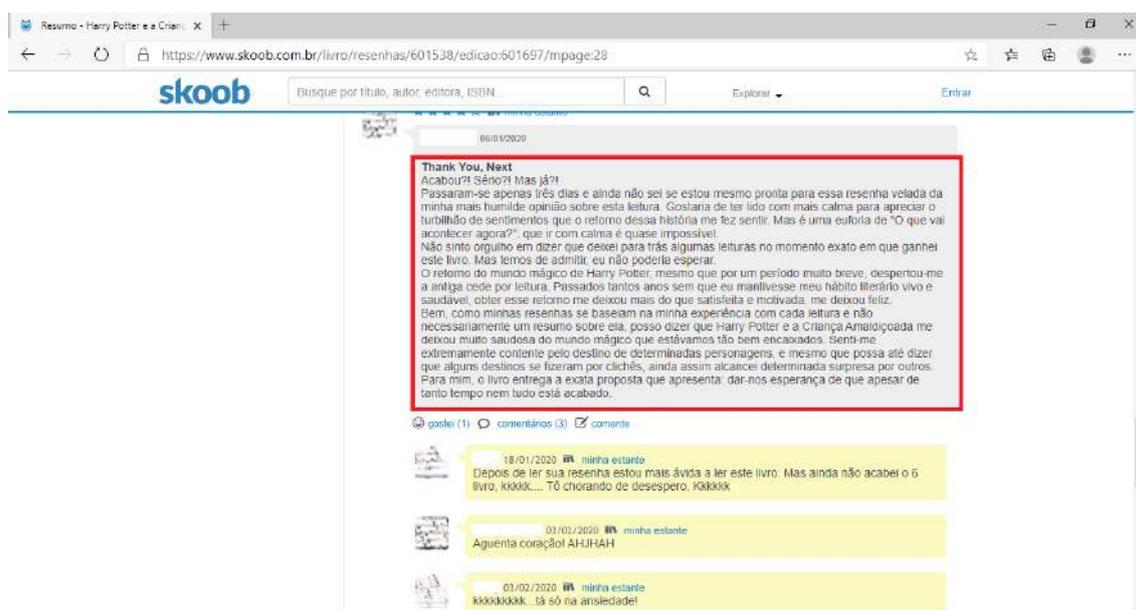
Baseamo-nos, no processo de análise dos dados aqui apresentados, na assertiva de que “os discursos são a trama da memória coletiva” (COURTINE, 2016, p. 27), e de que as emoções enunciadas, materializadas em textos, variam mas não livremente porque sempre em consonância e em meio aos discursos. Elas são traços resultantes de uma série de determinações sociais e culturais em vigor em determinado tempo, para certos sujeitos em relação a certas práticas. Por isso, certas emoções já estão coletivamente condicionadas como as mais indicadas em relação a certas cenas de interloção específicas. Há nas malhas de produção enunciativa, ou seja, em suas formas verbais, corporais e imagéticas, uma determinação de quais afetos os sujeitos estão instados a manifestar, com que intensidade, de que forma e por que meios.

Dessa maneira, uma série de regras sociais e culturais opera em nós quando de nossas práticas e quanto ao que sentimos em relação a essas práticas. Há uma expectativa quanto a disposição afetiva com a qual devemos nos identificar ou desidentificar, ou seja, com que emoção podemos/devemos manifestar sobre uma determinada prática em um determinado contexto.

6.3 “ME SENTI ORGULHOSA POR TER SIDO A ÚNICA DA SALA A LER O LIVRO” – ENUNCIADOS DE MANIFESTAÇÃO DIRETA DO ORGULHO DE SER LEITOR

No levantamento obtido por meio de nossa pesquisa, foram localizadas apenas duas ocorrências com menção direta ao ‘orgulho’ acerca da prática leitora. Os enunciados 40 e 41 demonstram a alusão explícita e precisa desse afeto, de modo a justificar sua práxis social como leitor, tanto para quem enuncia quanto para quem está inserido nessa rede de interlocução.

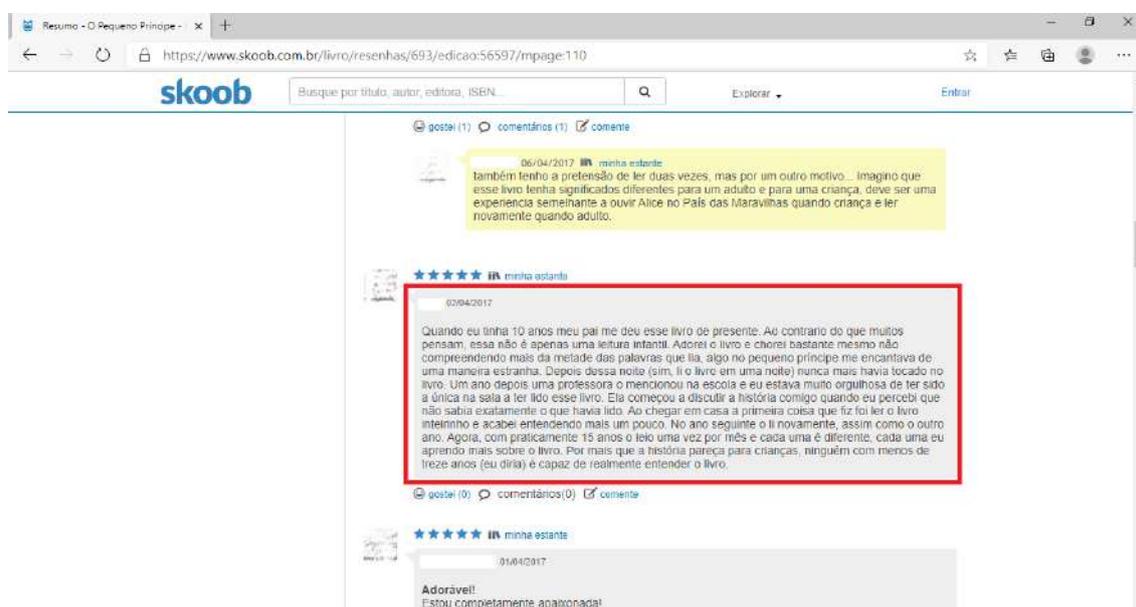
Ressalta-se que ambos os enunciados 40 e 41 correspondem a declarações ‘espontâneas’ enunciadas sobre os dois títulos estrangeiros de *best-sellers* juvenis considerados em nosso trabalho. Não foram localizados dizeres diretos de manifestação do ‘orgulho’ com relação aos títulos *best-sellers* nacionais juvenis, como dissemos na introdução.



(Figura 49: *printscreen* do Enunciado 40 da plataforma SKOOB)

Enunciado 40⁹⁴

Thank You, Next. Acabou?! Sério?! Mas já?! Passaram-se apenas três dias e ainda não sei se estou mesmo pronta para essa resenha velada da minha mais humilde opinião sobre esta leitura. Gostaria de ter lido com mais calma para apreciar o turbilhão de sentimentos que o retorno dessa história me fez sentir. Mas é uma euforia de “O que vai acontecer agora?”, que ir com calma é quase impossível. **Não sinto orgulho em dizer que deixei para trás algumas leituras no momento exato em que ganhei este livro.** Mas temos de admitir, eu não poderia esperar. O retorno do mundo mágico de Harry Potter, mesmo que por um período muito breve, despertou-me a antiga cede por leitura. Passados tantos anos sem que eu mantivesse meu hábito literário vivo e saudável, obter esse retorno me deixou mais do que satisfeita e motivada, me deixou feliz. Bem, como minhas resenhas se baseiam na minha experiência com cada leitura e não necessariamente um resumo sobre ela, posso dizer que Harry Potter e a Criança Amaldiçoada me deixou muito saudosa do mundo mágico que estávamos tão bem encaixados. (...) Para mim, o livro entrega a exata proposta que apresenta: dar-nos esperança de que apesar de tanto tempo nem tudo está acabado. [06/01/2020]



(Figura 50: *printscreen* do Enunciado 41 da plataforma SKOOB)

Enunciado 41⁹⁵

Quando eu tinha 10 anos meu pai me deu esse livro de presente. Ao contrário do que muitos pensam, essa não é apenas uma leitura infantil. Adorei o livro e chorei bastante mesmo não compreendendo mais da metade das palavras que lia, algo no pequeno príncipe me encantava de uma maneira estranha. Depois dessa noite (sim, li o livro em uma noite) nunca mais havia tocado no livro. Um ano depois **uma professora o mencionou na escola e eu estava muito orgulhosa de ter sido a única na sala a ter lido esse livro.** Ela começou a discutir a história comigo quando eu percebi que não sabia exatamente o que havia lido. Ao chegar em casa a primeira coisa que fiz foi ler o livro inteirinho e acabei entendendo mais um pouco. No ano seguinte o li novamente, assim como o outro ano. Agora, com praticamente 15 anos o leio uma vez por mês e cada uma é diferente, cada uma eu aprendo mais sobre o livro. Por mais que a história pareça para crianças, ninguém com menos de treze anos (eu diria) é capaz de realmente entender o livro. [02/04/2017]

⁹⁴ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:28>> Acesso: 02/11/2020.

⁹⁵ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:110>> Acesso: 11/08/2020.

O recurso à emoção do orgulho formula-se de modos diferentes em cada um desses enunciados, ainda que pré-construídos em representações de leitura de mesma orientação: o caráter espontaneista, ostentatório e eufórico constante nos dizeres naturalizados de uma postura leitora bem próxima da imagem compartilhada acerca do leitor ideal.

Em 40, de modo mais característico, o enunciado de que se vale orgulhosamente o enunciador, estamos diante de um exemplo de leitor cuja representação se encaixaria na categoria de leitor voraz extensivo, na medida em que o advérbio de negação “não” que acompanha a sequência “sinto orgulho” instaura inversamente o efeito de sentido de que a pausa nas leituras se deu justamente em função de outra leitura, da qual o enunciador se autodeclara fã, indiciando certa nostalgia com relação ao que a obra representa em sua experiência leitora, em especial no que se refere à expressão de retorno ao “hábito literário vivo e saudável”.

A voracidade leitora e extensiva também é determinada a partir dos vocábulos ‘descolados’ entre inglês e português “Thank You, Next. Acabou?! Sério?! Mas já?!”, cujo efeito indicia uma leitura realizada de modo tão rápido, voraz, como quem não viu o tempo passar justamente por se ocupar de uma atividade prazerosa e de uma obra que admira. Os sinais de pontuação interrogativa e exclamativa justapostos exprimem, para além de uma pergunta retórica, certa carga emotiva, e com ela uma ostentação indireta de comportamentos e traços de um perfil leitor que goza de legitimidade: o daquele que lê obras extensas, rapidamente, por prazer, e que nutre uma verdadeira necessidade de ler, ou nos seus termos “uma sede de leitura”.

Em 41, predominantemente, seus modos de constituição linguístico-discursivos correspondem à categoria de leitor voraz intensivo, tanto pela dedicação com que leu exclusivamente e por isso rapidamente o livro (“sim, li o livro em uma noite”), quanto pela leitura reiterada de tempos em tempos da mesma obra – lido aos 10 anos, (re)lido aos 11 e lido mensalmente a partir dos 15 anos. Outros aspectos relativos às categorias do leitor precoce e do leitor tradicional, também se encontram neste enunciado, em que se afirma o gesto precoce de leitura de clássicos antes mesmo de serem preconizados na escola. Tais características alegadas pelo enunciador quanto ao seu perfil leitor são, no próprio ato de sua enunciação, uma referência orgulhosa de si (“eu estava muito orgulhosa de ter sido a única na sala a ter lido esse livro”). Se em outros enunciados, é o sentimento de adequação ao comportamento comum de outros leitores a razão para a

expressão de orgulho, neste, é o sentimento de inadequação que demarca a distinção deste enunciador com os demais de sua sala de aula. É o sentimento de exclusividade que é aqui explorado pelo enunciador.

O orgulho enunciado uma vez mais se ratifica pela declaração de que a leitura foi realizada como é preciso e mais do que isso que foi realizada de modo peculiarmente distinto dos demais. A diferença dos demais, de mesma faixa-etária, neste caso é a razão do orgulho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, buscamos analisar maneiras variadas de expressão do ‘orgulho’ de ser leitor por parte de um grupo específico, aquele de jovens que postam comentários sobre livros que leram em uma rede social de que são membros. Tal como buscamos demonstrar em nossas análises, essas formas de enunciação do ‘orgulho’ de ser leitor, adotadas por esses internautas, respondem a certos ‘protocolos’ comuns do que ler, de como ler e de como falar do que se leu. A força reguladora desses ‘protocolos’ advém da força das representações e dos discursos que os reiteram e que os validam. São esses discursos sobre a leitura e suas representações dos leitores que fornecem, na profusão das maneiras de se apresentar orgulhosamente como quem lê, as regularidades que buscamos depreender na medida em que analisávamos declarações por vezes aparentemente tão díspares.

Embora sejam declarações individuais, o que vimos nessas postagens na rede social SKOOB foi a presença marcante de semelhanças de um enunciável comum sobre a prática da leitura. Mais do que resultante dos aspectos que aproximam sociologicamente esses jovens internautas e leitores (sua idade comum, seu interesse em comum por certos livros, seu grau de formação semelhante, sua participação nesta rede social e sua familiaridade com seus formatos), boa parte do que enunciaram e das formas como o fizeram correspondem a discursos mais amplamente disseminados entre um grupo e outro, mais duradouramente reafirmados ao longo da história, que encontram guarida em instituições como a escola, como a mídia, como uma série de outras e de outros sujeitos que se põem a falar sobre a leitura e sobre os leitores.

As formas individuais de enunciação orgulhosa da condição leitora, com que nos deparamos na análise dos comentários da rede SKOOB que constituíram nosso *corpus*, ecoam as formas coletivas e consagradas de se dizer leitor e de fazê-lo com

orgulho. Mesmo quando apresentavam modos distintos, às vezes aparentemente antagônicos, de se afirmar leitor (leitor pragmático x leitor hedonista; leitor tardio x leitor precoce; leitor intensivo x leitor extensivo etc.), ainda assim, estávamos diante da recuperação de discursos autorizados, legitimados de formas de ser leitor atualizadas nessas declarações.

Entre as formas de expressão desse ‘orgulho’ relacionado à leitura, encontra-se aquela de afirmar que se leu por prazer, em geral textos desvinculados das obrigações escolares, textos, obras e autores que se quis ler sem a tutela da escola, por escolha espontânea. Essa é uma forma de longa data e que se tornou hegemônica de se afirmar leitor e de poder fazê-lo com orgulho, justamente pelo abrigo desse discurso consensual, compartilhado e conhecido. Esse leitor ‘hedonista’ afirma seu orgulho de ser leitor reiterando essa sua relação prioritariamente hedonista com a leitura: ler por prazer, espontaneamente, buscando a fruição na leitura. O seu equivalente no extremo oposto é a do leitor “pragmático”, que lê em resposta a demandas e necessidades específicas. Sendo esses leitores jovens e ainda estando submetidos às exigências escolares, parte de suas escolhas do que ler são definidas pelas indicações, recomendações e avaliações dessa instituição. Diferentemente dos primeiros, mas ainda condenando em certa medida a postura impositiva da escola na recomendação do que ler, uma série de leitores revelam ter lido a obra que comentam em função da escola, e mesmo apesar disso gostaram de ler. Conscientes ou não do exercício de ostentação de seu orgulho como leitor, eles adotam uma ou outra dessas formas de se apresentar leitor, com ênfase e maior frequência na apresentação de si como leitor autônomo, que escolhe ler para além das obrigações escolares, ou que subverte essas obrigações ao afirmar que, ao fim e ao cabo, gostaram dessa leitura, descobriram o prazer de ler a obra e autor que lhes foram ‘impostos’.

Outras formas mobilizadas regularmente na formulação dos enunciados representativos dos comentários orgulhosos de ser leitor, é aquele que afirmar esse orgulho ao reiterar que se é um tipo de leitor que leu menos não tendo lido um texto no tempo devido, previsto, porque destinado a uma dada faixa-etária, ainda assim e exatamente por isso pode e deve afirmar sua condição de leitor orgulhoso de ser leitor. Nos referimos ao que nomeamos como sendo os enunciados típicos do “leitor tardio” e aqueles do “leitor precoce”. Para o primeiro caso, a representação enunciada se vale de expressões próprias do gênero confessional, segundo o qual o leitor expõe uma dada “culpa” por não ter lido uma dada obra anteriormente, como era esperado, como em

geral se deveria ter feito. Sendo uma recepção ‘tardia’, a própria forma de enunciar esse aspecto é constituída de maneira a ostentar o orgulho de ter lido, e de ter podido fazê-lo com uma qualidade que não se daria, caso tivesse lido antes, como o previsto. A expressão de uma certa ‘vergonha’ de não ter lido antes é assim prontamente convertida em orgulhoso de ter lido mais tarde, mas bem melhor do que se o tivesse feito antes. A ‘vergonha’ insinuada é assim trampolim ou palanque para o ‘orgulho’ expresso. No polo oposto, há aquelas declarações nas quais se expressa o orgulho de ser leitor recorrendo à alusão da precocidade com que se leu a obra e autor, algumas vezes nos primeiros anos de alfabetização e de formação leitora. A pouca idade enunciada afirma a precocidade como leitor, algo portanto do que se orgulhar, já que se faz algo inesperado pela pouca idade, mas que serve de mote para esses leitores jovens que rememoram seus primeiros contatos com a leitura de certas obras recorrerem a outra representação muito frequente e valorizada entre os leitores que é a da releitura. Tendo lido cedo, é preciso retornar e ler novamente a obra. Nesses enunciados, além da revelação da precocidade, nos deparamos com o apelo a essa representação validada culturalmente sobre a leitura: a da releitura, ou melhor das releituras, dos diferentes retornos a uma mesma obra que garantiriam uma maior e melhor fruição e conhecimento do potencial de um texto e autor.

Todos eles sabem bem, em função do discurso consensual, institucionalizado, que é atualizado com frequência, regularidade e de diversas formas sobre a leitura, que ser leitor é ler muito e sempre, seja a mesma obra, repetidamente, sejam várias obras distintas, simultânea e sequencialmente. Não foram poucos os enunciados que coletamos nos quais se afirmava a voracidade leitora como traço do qual ter orgulho. Essa voracidade podia equivaler a duas formas de ler: a ‘intensiva’ e a ‘extensiva’. A voracidade leitora na modalidade intensiva corresponde às afirmações de que se leu uma mesma obra várias vezes, seja porque a obra exigia isso, seja porque o prazer encontrado em sua leitura convidava o leitor à sua releitura. A voracidade leitora na modalidade extensiva, embora com menor frequência, emerge na referência que se faz ao fato de se estar lendo vários textos simultaneamente, o que é interrompido pelo retorno e pela releitura da obra que é objeto do comentário na postagem em questão. Declarar ler sempre, vários textos, e simultaneamente, é um exemplo flagrante de expressão de orgulho de ser leitor. A afirmação da releitura e da leitura simultânea de vários textos ainda que sejam formas de ler excludentes, uma da outra, são ambas

equivalentes quando o objetivo é demonstrar formas legítimas de ler e de ser leitor, logo, formas de ler das quais se sentir orgulhoso.

Observamos ainda, haver nesse rol de comentários postados por jovens leitores sobre as obras em questão declarações compatíveis com representações do “leitor tradicional”, daquele que reitera o lugar de um clássico de uma obra, que faz disso um tema importante em seu comentário, que se apresenta como alguém que lê essa obra com o compromisso, com os gestos e formas de ler próprios de uma tradição reconhecível, e por isso ostentada. Outras representações estariam mais para a de “leitor tradicional com pitacos de rebeldia”. Nestes casos, se faz questão de demarcar alguma excentricidade que quebra a expectativa mais tradicional do que é ser um leitor “de verdade”. O ecletismo é uma justificativa comum entre aqueles que sabem que certas obras de que são fãs não são consideradas valorativamente como outros cânones. Assim, mesclam a referência à leitura de textos de diferentes estatutos, não para equivalê-los simbolicamente, mas para afirmar-se como um leitor com ‘abertura’, sem preconceitos, consciente, no entanto, das diferenças já institucionalizadas entre as obras e autores. A afirmação desse ecletismo é um dos traços desse “leitor tradicional com pitacos de rebeldia”.

Nas análises que realizamos vimos como o ‘orgulho’ de ser leitor não é expresso de qualquer forma nem em relação a qualquer obra, indistintamente. Esses jovens leitores têm orgulho de serem jovens e apesar de jovens serem leitores, e serem os leitores que são. Eles demonstram conhecer os tipos de leitor ideal, as características da boa leitura e os modos de ler de prestígio, quando retomam esses tipos, características e modos de ler em suas declarações sobre os livros lidos, plenas de avaliações e de recomendações de leitura. Percorremos, nessas análises, por variadas representações da leitura e dos leitores, mas não necessariamente muitas. O conjunto de enunciados que selecionamos como amostra do que em geral é dito nos comentários desses internautas jovens que se revelam leitores, não apenas porque leem ou afirmam gostar de ler, mas também por demonstrarem conhecer e se valer dos códigos adequados para se expressar legitimamente como leitores. Mesmo quando revelam de si uma característica que não necessariamente equivale àquelas de maior prestígio cultural quando o assunto é a leitura, suas justificativas e ressalvas funcionam como forma de se afirmar orgulhosamente como leitor, revertendo os ‘vícios’ ou ‘deslizes’ em traços próprios de quem é leitor. Assim, não ter entendido ou gostado de um texto clássico advém da precocidade com que enfrentou a leitura de um livro, ou ainda ter demorado

por travar contato com um livro que se deveria ter lido bem antes é compensado pela qualidade da leitura que dele se pode então fazer, quando mais velho.

Por isso, se ser leitor em outros tempos e espaços condicionava maneiras de se exprimir como tal distintas e específicas, no ambiente virtual das redes sociais vemos leitores se exprimindo como leitores, com orgulho, segundo as formas autorizadas nesse meio, fomentadas pelos dizeres coletivos que circulam nesse meio e que se estabilizam fornecendo para os novos membros como enunciar-se como leitor e sobre a leitura. As redes de sociabilidade (leitora), em espaço virtual, fornecem os recursos para a expressão dessa *apoteose* de si, desses jovens orgulhosos de serem leitores, desses leitores orgulhosos de serem os leitores que são.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Diferença e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. *In*: MARINHO, Marildes (org.). *Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 2001a., p. 139-157.
- ABREU, Márcia. Quem lia no Brasil colonial. *In*: Congresso brasileiro de ciências da comunicação, 24., 2001b, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: INTERCOM, 2001b. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP4ABREU.pdf>>. Acesso em: março de 2019.
- ABREU, Márcia. Diferentes formas de ler. *In*: Congresso brasileiro de ciências da comunicação, 24., 2001c, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: INTERCOM, 2001c. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em: abril de 2019.
- ABREU, Márcia. Cultura letrada, literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006a.
- ABREU, Márcia. Apatia, ignorância e desinteresse. Uma história da leitura no Brasil?. *In*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 83-98, jan./jun. 2006b.
- ANDRETTA, Pedro Ivo Silveira. O leitor contemporâneo e a obra de Machado de Assis: uma análise discursiva da crítica amadora em blogs. São Carlos, UFSCar, 2013.
- ANDRETTA, Pedro Ivo Silveira; CURCINO, Luzmara. Machado de Assis e seus leitores da era da internet: o que se diz sobre os clássicos no SKOOB. *In*: Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v. 30, n. especial, p. 205-214, 2012. Disponível em: http://www.pedroandretta.info/index/wp-content/uploads/2013/08/andretta_leitura-teoria-e-pratica.pdf. Acesso: junho de 2020.
- BARZOTTO, Valdir Heitor; BRITTO, Luiz Percival Leme. Promoção da leitura x mitificação da leitura. *Boletim ALB*, Rio de Janeiro, n. 3, 3 p., ago. 1998.
- BARZOTTO, Valdir Heitor. Limites na leitura: o texto e seu suporte. *In*: GREGOLIN, Maria do Rosário, CRUVINEL, Maria de Fátima, KHALIL, Marisa Gama (orgs.). *Análise do Discurso: entornos do sentido*. Araraquara: Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica, 2001, p. 243-248.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAYARD, Pierre. *Como falar dos livros que não lemos?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre, Zouk, 2006.
- BORGES, Rafael; CURCINO, Luzmara; CASSANY, Daniel. A 'leitura' segundo estudantes do Ensino Médio integrado ao Ensino técnico no nordeste brasileiro. *Revista Delta Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 2021. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3315/5975>> Acesso: setembro de 2021.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Máximas Impertinentes. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a Formação do Homem. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo: vol.24, nº 9, 1972, p.803-809.

CECCANTINI, João Luís. Leitores Iniciantes e comportamento perene de leitura. In: NETO, José Castilho Marques; RÖSING, Tânia M. K.; SANTOS, Fabiano dos. (org.). *Mediação de Leitura: Discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global Editora, 2009, p. 207 – 231.

CECCANTINI, J. L. **Literatura infantil**: a narrativa. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 117-137. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40360>>. Acesso em: novembro de 2021.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 217.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. Introdução. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (org.). **História da leitura no mundo ocidental I**. São Paulo: Ática, 1998, p. 5-40.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. *Inscrição e apagamento: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

CHARTIER, Roger. Ler sem livros. Tradução: CURCINO, Luzmara; OLIVEIRA, Jéssica, vol. 32, São Carlos, dez. 2019, p. 6-17. *Linguasagem*. v. 32, São Carlos, dez. 2019. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/655/396>. Acesso: setembro de 2021.

COURTINE, Jean-Jacques & HAROCHE, Claudine. História do rosto: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX). Trad. Ana Moura. Lisboa: Teorema, 1995.

COURTINE, Jean-Jacques. Uma genealogia da Análise do Discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; MILANEZ, Nilton. (Org.). *Metamorfoses do Discurso Político*: derivas da fala pública. São Carlos, SP: Claraluz, 2006, p. 37-57.

COURTINE, Jean-Jacques. O Conceito de formação discursiva. In: *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. A era da ansiedade: discurso, história e emoções. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.).

(In)Subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos. São Carlos: EdUFSCAR, 2016, p. 15-29.

COURTINE, Jean-Jacques. La peur, à l'âge de l'anxiété. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). Histoire des Émotions 3: de la fin du XIXe siècle à nous jours. Paris: Seuil, 2017, p. 307-325.

CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. (org.). História das emoções: Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2020.

CURCINO, Luzmara. Discursos hegemônicos sobre a leitura e suas formas de hierarquização dos leitores. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (orgs.). (In)Subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos. 1 ed. São Carlos: EDUFSCar, 2016, v.1, p. 231-249.

CURCINO, Luzmara. Discursos sobre a leitura: do elogio ao insulto na construção do perfil leitor de políticos. In: HOSSNE, Andrea Saad; NAKAGOME, Patrícia Trindade (orgs.). Leitores e leituras na contemporaneidade. Araraquara: Letraria, 2019, p.112-128. Disponível em: <<https://www.letraria.net/leitores-leituras/>> Acesso: novembro de 2021.

CURCINO, Luzmara; VARELLA, Simone; OLIVEIRA, Jéssica. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisas [Apresentação]. In: Revista Línguas(agem). Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa. Vol. 32, São Carlos, dez. 2019. (p. 1-5). Disponível em: <<http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/654>> Acesso: novembro de 2021.

CURCINO, Luzmara; DOURADO, Maysa. O que se ensina quando se ensina a ler: discursos sobre a leitura e sua incidência sobre as práticas de ensino e de formação dos sujeitos em nossa sociedade [Entrevista concedida]. In: REP's - Revista Eventos Pedagógicos. Vol. 10, n. 26, Sinop, 2019. (p. 648-663). Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3443/2496>

CURCINO, Luzmara. As emoções em discursos sobre a leitura: o orgulho e a vergonha de ser ou não leitor. Anais do XXXV ENANPOLL, online, 2020, p. 465-473. Disponível em: <<https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0290-1.pdf>> Acesso: novembro de 2021.

CURCINO, Luzmara. **Leitores orgulhosos, Leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura.** Álabe - Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura. Red Internacional de Universidades Lectoras - Espanha. n. 25, 2022. Disponível em: <<https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7695>> Acesso: novembro de 2021.

CURCINO, Luzmara. Redes de sociabilidade virtuais de leitura e a formação do jovem leitor. In: AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice Aurea Penteado (org.). **Literatura infantil e juvenil: leituras plurais.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 231-244.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: Reflexões introdutórias.** Editora Claraluz, 2007.

FIORIN, José Luiz. Semiótica das paixões: o ressentimento. In: Alfa, n. 51, vol. 1, São Paulo, 2007, p. 9-22. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1424>>. Acesso: set. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HAN, B-C. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução Lucas Machado, Petrópolis: Vozes, 2018.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (org.). **História da leitura no mundo ocidental II**. São Paulo: Ática, 1999, p. 165-202.

MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília (org.). **As Emoções no Discurso**. Vol. I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MANFRIM, Aline; CURCINO, Luzmara. Uma análise de discursos sobre a leitura presentes no canal “O mundo segundo Ana Roxo”. Revista Estudos Linguísticos (São Paulo, 1978), v. 49, n. 2, p. 901-919, jun. 2020. Disponível em <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2708/1723>>. Acesso: maio 2021.

POSSENTI, Sírio. A leitura errada existe. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (org.) *Estado de Leitura*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999, p. 169-178.

SILVA, Andrei; CURCINO, Luzmara. Uma análise de representações de Lula como leitor na mídia brasileira. Linguagem, São Carlos, 2019, p. 29-40. Disponível em: <<http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/657>> Acesso: setembro de 2021.

SILVA, Jeniffer Aparecida Pereira. Discursos sobre a leitura em memes: a ‘vergonha’ e o ‘orgulho’ de ser leitor. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14824>>. Acesso: setembro de 2021.

VALENTE, Thiago. Literatura Juvenil contemporânea: algumas provocações críticas. In: Anais XIII Semana de Letras da PUC. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/XIII_semanadeletras/pdfs/thiagovalente.pdf>. Acesso: setembro de 2021.

VARELLA, Simone Garavello. **Os discursos incentivadores da leitura**: uma análise de campanhas contemporâneas em prol dessa prática. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014b. 162 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5791>>. Acesso em: agosto de 2021.

VARELLA, Simone Garavello; CURCINO Luzmara. Discursos sobre a leitura: uma análise de vídeo-campanhas em prol dessa prática. **Revista Desenredo**, v. 10, n. 2, p. 337-354, 2014. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4157>>. Acesso em: agosto de 2021.

WITTMANN, Reinhard. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII? In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (org.). **História da leitura no mundo ocidental II**. São Paulo: Ática, 1999, p. 135-163.

ANEXOS

Enunciados de manifestação similar aos dados da subseção 2.2:

Enunciado 42⁹⁶

Relido após 7 anos. Li pela primeira vez aos 11 anos, lá em 2012. **Não entendi muito bem o final, não li com carinho.** Hoje, cá em 2019, aos meus 18 anos **resolvi reler, para descontraír...** livro pequeno e curto, lido em dois dias. **Quanto amor em tão poucas páginas.** Pude compreender não só o fim, como também toda a história e todas as emoções. Bom livro, foi bom reler. **Dessa vez li com o coração, não com os olhos! Lindo!!** [17/04/2019]

Enunciado 43⁹⁷

SUSPEITO PRA FALAR <3 Sou muito suspeito de falar quando o assunto é Harry Potter. **Sou o tipo de fã que compra tudo o que pode, que vê tudo, que lê tudo, que tem tatuagem...** enfim! Confesso que tive minhas suspeitas com Criança Amaldiçoada, **mas conforme fui lendo, fui amando.** É diferente dos livros da série, não por ser um roteiro, mas digo na construção das personagens, no contexto da história. **É um livro perigoso, gostoso e rápido de se ler,** com personagens detestáveis e outros que a gente ama logo de cara. [30/09/2016]

Enunciado 44⁹⁸

Começo pelo fim? Parece que faz sentido! Tenho para mim que o que guia grande parte do meu julgamento acerca de um livro é a sensação que o mesmo me apresenta em seu final, durante as últimas páginas, **a sensação que explode (ou afunda) ao fim,** mas que é construída e cuidada ao longo de toda história. Então, sim, **tenho que admitir que meu maior termômetro de nota é essa sensação** e, em muitos casos, ela, inclusive, sobressai entre as críticas e falhas. **A verdade é que, pra mim, sentimentos são guias. Eles nos dão direções, eles nos contam verdades, eles nos apresentam ao lado bom da vida, eles nos acolhem. Minhas 5 estrelas foram decididas, de forma completa, pelos meus sentimentos.** Deixei que tomassem a rédea, deixei que decidissem, deixei que guiassem, porque assim tudo faz sentido para mim. **As 5 estrelas surgiram como extensão do sorriso que, ao fechar o livro, permaneceu em meu rosto, e tinha a sensação que nada poderia o tirar dali por um bom tempo.** As 5 estrelas foram embaladas **pelo amor, pelo carinho gigante que sinto pelo universo criado por J.K. Rowling, pelo encantamento que ele consegue me gerar** seja qual for a forma que é manifestada, pela quantidade de elementos incríveis que ele carrega, por fazer tanto sentido pra mim. Assim que fechei o sétimo livro da saga Harry Potter, **eu senti saudade...** Parece que, dentro de mim, crescia uma carência desse mundo, dos personagens que acompanhamos crescendo. [27/07/2020]

Enunciado 45⁹⁹

Ele me surpreendeu. Tenho esse livro há mais ou menos 4 anos, algo assim. Fiquei bem decepcionada quando descobri que era em forma de roteiro, e bem achei que não teria nada a

⁹⁶ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:77>> Acesso: 07/08/2020.

⁹⁷ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:65>> Acesso: 30/11/2020.

⁹⁸ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:13>> Acesso: 26/10/2020.

⁹⁹ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:6>> Acesso: 20/10/2020.

ver com o Harry Potter que eu tanto amava. Hoje, anos depois, e depois de uma maratona insana dos filmes do Harry no **feriado de sete de setembro** kkkk. **Decidi pegar para ler, porque fiquei muito nostálgica, e amei.** [08/09/2020]

Enunciado 46¹⁰⁰

Uma verdadeira aventura. Este **livro foi um dos mais empolgantes que eu tive o prazer de ler**. Ele reúne drama, ação e diversão. Ver as personagens enfrentando seus medos **me deixou em completa animação e louco para ver a continuação dessa saga** (Nunca teve continuação ;-). **Espero que você sinta o mesmo que eu senti ao ler.**
Leitura 10/10 [12/04/2020]

Enunciados de manifestação similiar aos dados da subseção 3.1:

Enunciado 47¹⁰¹

Não tem outra palavra pra descrever. É perfeito. Eu gostei de cada parte dele, a primeira vez que eu li eu fiquei ?????? **COMO ASSIM ISSO FICOU TANTO TEMPO NA MINHA PRATELEIRA SEM EU LER**. Eu já li ele umas 5 vezes e nunca me canso, sério. Só não digo que é o meu favorito porque eu não gosto de escolher livros favoritos, sinto que é um desrespeito com os outros e eles iam ficar tristes. [20/02/2020]

Enunciado 48¹⁰²

É com muita vergonha que admito que só fui ler este livro aos 22 anos (...). Na primeira oportunidade que tive, corri até a livraria mais próxima e comprei-o. Ri, chorei e me apaixonei pelo autor. O livro é de uma ternura tão bela, que é impossível não se emocionar com a leitura dele. Muito bom mesmo!!! [10/06/2009]

Enunciado 49¹⁰³

Devia ter lido antes. Li esse livro depois de velho (depois de velho: entenda por 16 anos), sempre tive curiosidade de ler esse livro que toda Miss Simpatia tem como seu preferido e que as pessoas falavam que era uma lição de vida... Um livro Francês infantil tem até um certo charme e realmente alguns trechos do livro podem ser entendidos como uma certa lição de vida, as aquarelas original do autor é um caso a parte (hoje em dia, teriam colocado desenhos feitos no computador ou de algum cartonista famoso). É bem light, até de mais, um livrinho pra disser que você leu, e realmente penso que todos deviam ler (...) Um dia ainda leio a versão original em Francês! [11/09/2009]

Enunciado 50¹⁰⁴

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/571707/edicao:572386>> Acesso: 11/01/2021.

¹⁰¹ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:63>> Acesso: 03/08/2020.

¹⁰² Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:249>> Acesso: 19/08/2020.

¹⁰³ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:245>> Acesso: 19/08/2020.

¹⁰⁴ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:238>> Acesso: 19/08/2020.

Eu comecei e larguei “O Pequeno Príncipe” milhar de vezes, não me animava (...), até que em 2008, **já com 18 anos de idade eu lí até o fim, era um caso de honra.** E gostei, gostei mesmo. [23/03/2010]

Enunciado 51¹⁰⁵

Fico envergonhada pelo fato de só ter lido agora, aos 16 anos. Mas antes tarde do nunca! Pensava que era uma historinha besta e chata de criança. Eu estava completamente errada! É uma historia de criança, sim; mas de adolescentes, adultos e idosos também. O pequeno Príncipe tem lições maravilhosas; fiquei fascinada e apaixonada (...). [12/03/2011]

Enunciado 52¹⁰⁶

Absurdo eu ter lido este livro apenas -e finalmente- aos dezesseis anos. O fato é: Ele é lindo, não importa a idade. Basta você ter mente de criança, porque afinal de contas, as coisas são complicadas apenas para as pessoas grandes. [29/08/2013]

Enunciado 53¹⁰⁷

Demorei, demorei, mas eu li. Nunca tinha entendido porque tantas pessoas gostavam desse livro. Porque objetos com tema d'O Pequeno Príncipe eram tão populares e queridos. **Só depois de 19 anos de vida que respirei fundo, catei uma edição e me sentei para finalmente ler** (eu tinha tentado no passado uma vez, mas desisti por algum motivo que não me recordo agora). O que falar? Só que eu entendi a paixão das pessoas por essa história. Vale a pena ler. Se você ainda não leu, recomendo procurar alguma edição, ou baixar de graça na internet (já é considerada domínio público). [05/09/2015]

Enunciado 54¹⁰⁸

Cativado. **Só com 18 anos na cara que resolvi ler** esse renomado livro infantil – apesar de que na capa diz que também é um livro para adultos – e **só me decepcionei porque demorei muito tempo pra ter esse livro na estante.** [16/12/2015]

Enunciado 55¹⁰⁹

Ainda me pergunto como pude deixar chegar à casa dos 20 para ler esse livro. Hoje sei por que essa obra é tão aclamada e porta de entrada para muitos leitores. Embora voltada para crianças, toda pessoa deveria ler O Pequeno Príncipe pelo menos uma vez na vida! [25/12/2015]

Enunciado 56¹¹⁰

Não sei o quê pensar, só sentir. Primeira vez que leio esse livrinho tão adorável e tão profundo. **Primeira vez nos meus 21 anos que pego pra ler e é um arrependimento muito grande,** “O pequeno príncipe” é daqueles livros que você tem que ler diversas vezes em vários momentos da sua vida, porque em todas elas será uma experiencia única, cada vez você vai tirar algo

¹⁰⁵ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:226>> Acesso: 19/08/2020.

¹⁰⁶ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:190>> Acesso: 18/08/2020.

¹⁰⁷ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:158>> Acesso: 17/08/2020.

¹⁰⁸ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:148>> Acesso: 17/08/2020.

¹⁰⁹ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:148>> Acesso: 17/08/2020.

¹¹⁰ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:137>> Acesso: 12/08/2020.

diferente (...). Não tenho capacidade de resenhar um livro desse, pois o quê eu senti com ele com certeza será diferente pra você, é inexplicável. Só sintam o livro. [06/06/2016]

Enunciado 57¹¹¹

Lindo e imaginativo. Esse é daqueles livros que te fazem viajar numa imaginação fértil, infantil. **Me arrependo de ter lido aos 24 anos somente.** [11/03/2020]

Enunciados de manifestação similar aos dados da subseção 3.2:

Enunciado 58¹¹²

Foi o livro que me ensinou a ler, pois foi o primeiro livro que ganhei na minha vida quando fiz 8 anos. Sempre releio ele a cada 2 anos, como me foi aconselhado quando ganhei, e a cada vez o entendo de maneira diferente, isso é maravilhoso! É um excelente livro, um excelente aprendizado. [24/12/2011]

Enunciado 59¹¹³

Foi um dos primeiros livros que eu li na minha vida, e por isso tenho um carinho com ele maior do que com outros livros que tenho. (...) **Li quando tinha apenas 8 anos** e me levou para outro planeta (Talvez o B-612) e me fez (E ainda faz) como se a única coisa que importa no mundo é ser criança. (...) **Um dia meu pai comprou o livro para mim, não tinha muitas experiências com livros, este era o segundo livro com mais de 50 páginas que eu lia.** Não vou dizer que eu era uma genia e entendi a história logo de cara, foi necessário reler mais de uma vez para que eu entendesse o significado do livro. [15/19/2012]

Enunciado 60¹¹⁴

Acho que todo vivente que saiba ler, tem o dever, a obrigação de ler esse livro. **Eu li ele há muito tempo, quando eu tava no ensino fundamental ainda,** foi uma recomendação da escola. Naquela época eu não tinha a mente que eu tenho hoje, então, eu li ele novamente, e, NOSSA MANO, cada história, cada aventura feita pelo príncipezinho, era uma lição de moral e de vida. [19/05/2014]

Enunciado 61¹¹⁵

Ainda não entendi como algumas pessoas tratam essa obra como apenas um livro infantil. Primeiro porque eu não o considero um livro infantil, **eu o li quando tinha 11 anos** e desde então já o reli várias vezes e é aquele tipo de livro que a cada leitura temos um aprendizado diferente. (...) é impossível não amar esse livro de pura filosofia e ensinamentos! É aquele tipo de livro que devemos reler em cada nova fase da vida, para o nosso crescimento pessoal. [30/08/2014]

¹¹¹ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:54>> Acesso: 26/07/2021.

¹¹² Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:218>> Acesso: 19/08/2020.

¹¹³ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:206>> Acesso: 18/08/2020.

¹¹⁴ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:180>> Acesso: 17/08/2020.

¹¹⁵ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:176>> Acesso: 17/08/2020.

Enunciado 62¹¹⁶

Poucos livros me fascinam tanto como este. Certo dia ocioso, **quando eu tinha por volta dos dez anos**, estive mexendo no guarda-roupa dos meus pais. (...) Foi assim que encontrei lá no fundo da gaveta o livro O Pequeno Príncipe. **A primeira leitura a gente nunca esquece**. Há uns 15 dias eu tirei ele no sorteio (...) e, pela terceira vez, li esse maravilhoso livro. (...) guardei a leitura para o retiro de carnaval. Finalizei em um dia. [19/02/2015]

Enunciado 63¹¹⁷

O Pequeno Príncipe **foi o primeiro livro que li em minha vida**. **Eu tinha uns 10 anos** e foi com ele que aprendi a sentir palavras, a esquecer do mundo e mergulhar completamente nas entrelinhas... coisa tão maluca a ponto de ouvir as vozes dos personagens, de chorar com os acontecimentos e de ficar com aquele sentimento de luto quando o livro acaba. **Uma criança, sim!** E fui despertada por esse livro que pra mim é mágico e guardo com carinho até hoje, o mesmo exemplar, totalmente conservado e cheio de valor pra mim. [21/02/2015]

Enunciado 64¹¹⁸

Meu primeiro amor. O pequeno príncipe foi o **primeiro livro que eu li na vida, com meus oito a nove anos** e é um livro que reli várias vezes na minha vida. (...) Sempre amarei esse livro. [02/09/2016]

Enunciado 65¹¹⁹

O pequeno príncipe foi o primeiro livro que ganhei, quando eu tinha 10 anos, dado por minha madrinha. Quando recebi o livro, também recebi a tarefa de relê-lo uma vez a cada ano, pois de acordo com minha madrinha, meus pensamentos iriam se modificar a cada vez que eu relesse. E ela estava certa. Já reli 6 vezes e nas 6 vezes eu percebi coisas que não havia percebido antes e também entendi coisas que não havia entendido antes. (...) Super lindo, uma das minhas obras favoritas! [24/07/2017]

Enunciado 66¹²⁰

Meu primeiro livro. **Eu quando eu tinha sete anos, ganhei de uma tia, fiquei apaixonada**, lia várias vezes, mas nunca mais o li desde então. Sou suspeita pra comentar. [01/03/2019]

Enunciado 67¹²¹

Não tenho maturidade pra falar desse livro. **A primeira vez que eu li tinha 12 anos, mais ou menos**, e eu não entendi muita coisa, mas amei o fato dele ter um planeta, mesmo assim esse livro me incentivou a lê outros, é o livro que abriu as portas para a leitura, e eu sou muito grata por isso. Desde então tento ler ele uma vez ao ano, espero que meu coração não perca os ensinamentos do pequeno príncipe. [21/05/2020]

¹¹⁶ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:171>> Acesso: 17/08/2020.

¹¹⁷ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:171>> Acesso: 17/08/2020.

¹¹⁸ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:123>> Acesso: 12/08/2020.

¹¹⁹ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:102>> Acesso: 11/08/2020.

¹²⁰ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:78>> Acesso: 07/08/2020.

¹²¹ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:29>> Acesso: 25/07/2020.

Enunciado 68¹²²

Aquece o coração. Foi **o primeiro livro que li por conta própria, sem ser por causa da escola, e eu amei, eu li quanto tinha 10 anos**, e foi perfeito, é um livro fofo, cativante e com ensinamentos valiosos. [14/06/2020]

Enunciados de manifestação similar aos dados da subseção 4.1:

Enunciado 69¹²³

Vários sentimentos contraditórios eu tive enquanto lia (...). Eu sou uma grande fã de Harry Potter, **já li e reli os sete livros pelo menos umas três vezes**, fora os meus favoritos – A Ordem da Fênix e o Enigma do Príncipe – que **nem sei quantas vezes eu li**. Então eu pensava assim, não é necessário mexer no que já é perfeito. Ai saiu essa peça e eu demorei a beça pra ler, porque por mais que eu tivesse curiosidade de saber como foi a vida deles depois da batalha, eu fiquei satisfeita com tudo que aconteceu. (...) **Aquele quentinho no coração que a gente sente quando lê uns dos outros sete livros** (...). Assim, não me arrependo de ter lido, mas prefiro não pensar muito nela. Nem de longe tem a magia dos livros. [09/09/2020]

Enunciado 70¹²⁴

Clichê dizer que AMO esse livro. Mas amo. Porque ao contrário do que se pensa, não é um livro para crianças... é um livro para qualquer pessoa que lê de coração aberto. **Já perdi as contas de quantas vezes li, me encantei com o filme mas não mais do que com o livro**. livro metafórico, cheio de simbolismos e com ilustração de extrema delicadeza... (...) todos deveriam ter na estante. [26/08/2016]

Enunciado 71¹²⁵

O que eu achei. **Sabe aquele livro que você lê, relê e relê milhões de vezes e não cansa nunca?** Esse é o livro para mim. Ele tem um valor sentimental enorme para mim, levando em conta que ganhei de uma tia avó (avó praticamente) que amo muito. É um livro que se consegue ler em qualquer fase da vida, sejam crianças ou pessoas grandes, você se emociona de qualquer jeito. **Apenas perfeito aos meus olhos**. [23/03/2020]

Enunciado 72¹²⁶

A louca do Pequeno Príncipe. Meu, eu li 3 livros do Pequeno Príncipe! E sim sou muito apaixonada, queria até a versão “Luxo” por que é uma história magnífica de se ler. [27/03/2020]

Enunciado 73¹²⁷

¹²² Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:18>> Acesso: 25/07/2020.

¹²³ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:6>> Acesso: 20/10/2020.

¹²⁴ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:134>> Acesso: 12/08/2020.

¹²⁵ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:50>> Acesso: 26/07/2020.

¹²⁶ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:49>> Acesso: 26/07/2020.

Meu livro favorito. Pequeno príncipe sempre vai ser meu livro favorito, **li na infância e reli inúmeras vezes depois disso** e é incrível como sempre vai ter algo atual nele. [10/05/2020]

Enunciado 74¹²⁸

O pequeno príncipe é uma história que sempre envolve você, tanto pela essência, tanto mensagem que passa. **É um dos livros que nunca cansei de ler e reler, já li ele em português, espanhol e inglês, espero um dia poder ler em francês**, agora ouvi o áudio livro e foi uma experiência linda, amei muito. [13/05/2020]

Enunciado 75¹²⁹

A vontade que eu tenho de reler todos os livros, que está latente desde que os terminei, está exacerbada agora, e será difícil não relê-los este ano. Embora Harry Potter e a Criança Amaldiçoada não seja tão rico e complexo como os outros livros escritos por J. K., ele tem sua própria magia, mas será muito melhor aproveitado se lido sem grandes expectativas. [19/01/2018]

Enunciado 76¹³⁰

Eu já li 4 vezes toda a série Harry Potter, e esse livro nem se compara com os outros ou seja o livro e “bom” por nós fazer reviver a vida e a história de J.K Rowling. (...) **ainda sim recomendo a leitura.** [22/10/2018]

Enunciado 77¹³¹

Melhor livro. **Como eu amei esse livro.** Fiquei com medo de não conseguir ler a história por ela ser em forma de roteiro, mas só o começo foi um pouco confuso, depois me acostumei. Muita gente falou que não gostou por ser em forma de roteiro, mas isso não me incomodou nem um pouco. **É um livro fácil e gostoso de se ler. O li em uma semana, quando cheguei no final fiquei enrolando pois não queria que acabasse. Amei muito, já já irei ler ele novamente.** E a melhor parte foi que o ganhei de presente! [19/11/2016]

Enunciado 78¹³²

Suspeita pra falar sobre. **Amo** o Pequeno Príncipe **desde a primeira leitura..... Todos os anos leio novamente** e sempre tenho novos olhares. Amo as metáforas de amizade. **Sou colecionadora, tenho tatto** da raposa... Então sou daquelas que não pode falar sobre a história só acho que é indispensável que todo ser humano leia. Depois da Bíblia, com certeza o Pequeno Príncipe. [15/07/2020]

Enunciados de manifestação similiar aos dados da subseção 4.2:

¹²⁷ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:33>> Acesso: 25/07/2020.

¹²⁸ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:32>> Acesso: 25/07/2020.

¹²⁹ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:35>> Acesso: 02/11/2020.

¹³⁰ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:32>> Acesso: 02/11/2020.

¹³¹ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:60>> Acesso: 30/11/2020.

¹³² Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:5>> Acesso: 24/07/2020.

Enunciado 79¹³³

Não sei pq demorei tanto tempo para ler já que adorava ver o desenho na TV quando menino e só hj, último dia do mês, peguei para ler, sempre na última semana do mês leio livros pequenos. [30/04/2020]

Enunciado 80¹³⁴

Eu cresci com todos lendo Harry Potter em torno de mim, mas nunca tive o menor interesse. **Só peguei os livros para ler esse ano e devorei os sete num espaço de um mês e meio.** [12/10/2016]

Enunciado 81¹³⁵

Minha opinião: JK Rowling é sempre diva, mas não sei se é por causa dos anos de espera, mas criei muita expectativa. Escrito em forma de roteiro, **a leitura discorre muito fácil. Mesmo sem tempo nenhum, li as 334 páginas em menos de 48 horas**, o que pra mim é muito. [05/01/2017]

Enunciado 82¹³⁶

Adorei!!! Putz, achei o livro fantástico!!! Rever todos aqueles personagens dos livros anteriores (...) é muito legal. **Li tudo em um dia** e estou ansiosa por mais histórias desse universo. [11/01/2017]

Enunciado 83¹³⁷

Pra matar a saudade. Virei a noite lendo, em cinco horas devorei as páginas absorvendo cada detalhe da personalidade de cada personagem. É como se eles (Harry, Ron e Hermione) ainda fossem aqueles adolescentes determinados a salvar o mundo bruxo, e são! (...) J.K. Rowling e sua caixinha com inesgotáveis surpresas. **Já estou com vontade de mais histórias desse universo.** [15/01/2017]

Enunciado 84¹³⁸

Depois de ler toda saga HP, fiquei bem indecisa sobre ler a continuação lançada muito tempo depois, **mas não resisti, curiosaaaaa, li** e achei bem fraco, com exceção da frase que me acompanhou durante os **7 livros.** [12/06/2020]

Enunciado 85¹³⁹

¹³³ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:36>> Acesso: 25/07/2020.

¹³⁴ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:65>> Acesso: 30/11/2020.

¹³⁵ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:52>> Acesso: 30/11/2020.

¹³⁶ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:51>> Acesso: 30/11/2020.

¹³⁷ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:51>> Acesso: 30/11/2020.

¹³⁸ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:18>> Acesso: 26/10/2020.

¹³⁹ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:12>> Acesso: 26/10/2020.

Já li fanfics muito mais bem construídas e bem mais encaixadas no universo original. Em Criança Amaldiçoada vemos uma total discrepância entre o Harry dos livros e do Harry que é apresentado nesse livro. (...) **O plot é até que legal e a leitura é rápida e fácil, de forma que algumas pessoas podem ler o livro todo em um dia só (como eu fiz).** [10/08/2020]

Enunciado 86¹⁴⁰

Sou suspeita para resenhar qualquer livro que tenha relação com HP. Amo todos, indico todos e não sei não gostar kkkk (...) A escrita é fluida, rápida - obviamente não chega perto dos outros livros de HP e tão pouco eu concordo que esse seja o 8 livro da série porque não traz a riqueza de detalhes que os **outros livros me trouxeram**, mas, como eu disse lá em cima, **é meio que impossível para mim não gostar.** [23/08/2020]

Enunciado 87¹⁴¹

Mdls que nostalgia. Eu sairia digitando todos os spoilers, mas como eu sei q isso n seria legal eu só tenho a dizer que J.K Rowling **poderia lançar mais 7 livros que eu leria todos. Mdls q nostalgia** kkkkkkkkk [28/08/2020]

Enunciado de manifestação similar aos dados da subseção 5.1:

Enunciado 88¹⁴²

Um livro proporciona muitos prazeres. O Pequeno Príncipe proporciona a volta do ingrediente secreto para o que toda alma, boa ou má, procura: a felicidade. **Essa obra 96 páginas, conseguiu resgatar em 2h, o que minha longa trajetória de 16 anos não trouxe,** e lamento por nunca poder agradecer ao autor por isso. Nunca encontrei outro livro tão profundo e inocente quanto. [19/12/2014]

Enunciados de manifestação similar aos dados da subseção 5.2:

Enunciado 89¹⁴³

Leia Em Uma Ressaca Literária. Não é uma obra de arte, e muitos ririam de mim por ler esse livro. Eu entendo. Mas mesmo assim foi um bom livro para mim justamente por ser um livro simples e infantil. Eu precisava ler algo assim na época. E olha, já sei que tipo de livro ler em uma ressaca literária. **Foi divertido, e foi o primeiro livro que eu consegui ler em algumas horas.** [21/07/2020]

Enunciado 90¹⁴⁴

¹⁴⁰ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:10>> Acesso: 26/10/2020.

¹⁴¹ Sobre “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/601538/edicao:601697/mpage:9>> Acesso: 26/10/2020.

¹⁴² Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:173>> Acesso: 17/08/2020.

¹⁴³ Sobre “O Pequeno Príncipe”. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/530600/edicao:539006>> Acesso: 11/01/2021.

¹⁴⁴ Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/693/edicao:56597/mpage:171>> Acesso: 17/08/2020.

25/02/2015 Data da minha primeira releitura, não estou nenhum um pouco surpresa por estar me sentindo exatamente como da primeira vez, órfã... (...) Relê-lo é tirar sempre uma nova lição. Talvez se eu tive lido aos sete anos de idade, logo depois de ter aprendido a ler, o considerasse apenas como um dos primeiros livros que li, **mas lê-lo pela primeira vez com dezenove anos e novamente com vinte e um me fez apreciá-lo** por sua simplicidade e leveza, mais que isso por suas mensagens profundas capazes de encher o coração de bons sentimentos. [25/02/2015]